



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

NAYARA EVELLYN SANTOS FONTES

**REDE DIGITAL E EDUCAÇÃO:
práticas interativas nos perfis de professores/as de Língua Portuguesa**

**São Cristóvão
2022**

NAYARA EVELLYN SANTOS FONTES

REDE DIGITAL E EDUCAÇÃO:
práticas interativas nos perfis de professores/as de Língua Portuguesa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, área de concentração Educação, Comunicação e Diversidade, na linha de pesquisa Educação e Comunicação, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Lucena

São Cristóvão
2022

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Fontes, Nayara Evellyn Santos

Rede digital e educação : práticas interativas nos perfis de professores/as de língua portuguesa / Nayara Evellyn Santos Fontes ; orientadora Simone Lucena. – São Cristóvão, SE, 2022.
137 f. : il.

Educação) – Universidade Federal

1. Educação. 2. Tecnologia educacional. 3. Instagram (Rede social on-line). 4. Professores de português - Multimídia interativa. 5. Ensino - Meios auxiliares. I. Lucena, Simone, orient. II. Título.

CDU 37.018.43:004.738.5



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



NAYARA EVELLYN SANTOS FONTES

**“REDE DIGITAL E EDUCAÇÃO: práticas interativas nos perfis de professores/as de
Língua Portuguesa”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em 26.08.2022

Prof.ª Dr.ª Simone de Lucena Ferreira (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.ª Dr.ª Marilene Batista da Cruz Nascimento
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto
Universidade Federal da Bahia/UFBA

Prof.ª Dr.ª Sandra Virgínia Correia de Andrade Santos
Secretaria Municipal da Educação/Semed

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2022**

Dedico esta pesquisa a todos os docentes imersos em redes digitais, sobretudo, as praticantes culturais deste estudo, pelo ativismo, interatividade e contribuição dada à educação.

AGRADECIMENTOS

Realizar um curso de pós-graduação em um período pandêmico foi um dos meus maiores desafios. Ao longo desses dois anos, enfrentei situações que, antes, pareciam inimagináveis. Para amenizar as incertezas e inseguranças vivenciadas, precisei formar laços fortes e redes consistentes: espiritual, familiar, de amizade, acadêmica e profissional.

Por isso, agradeço, antes de tudo, ao meu Deus e à Mãe Celeste pelo sustento e afago em cada silêncio de oração e pelas forças renovadas a cada dia.

Agradeço, enormemente, aos meus pais, Gildeon e Nadja, por serem o meu bem mais estimável e a minha maior rede de apoio. Obrigada pelo incentivo na minha evolução pessoal e formação profissional. Só nós sabemos o que passamos e, juntos, CONSEGUIMOS! Ao meu irmão, Gustavo, por me dar um outro olhar à vida, além da academia e, ao meu namorado, Mário Jorge, por ser a minha versão de paz e por cada “tenha calma”, “confio em você”. Família, essa pesquisa também é de e para vocês!

Uma gratidão especial à minha orientadora, Simone Lucena, pelo acolhimento, empatia, estímulo, e cuidado comigo ao longo desses dois anos. Obrigada pela confiança e por me ensinar formas plurais e implicadas do fazer pesquisa. Sua frase de impacto “você fez o possível, no seu tempo e nas suas limitações”, ao final de algumas orientações, com certeza, impulsionou a minha dedicação e atenção com o mestrado.

Agradeço ao PPGED/UFS pela responsabilidade e comprometimento. Obrigada à turma de mestrado 2020.2 pelas conexões virtuais nas disciplinas e, aos docentes do programa, pelos aprendizados e conhecimentos compartilhados. De modo especial, à professora Lene pelo exemplo de ser humano e pelo olhar cuidadoso, desde o início, à minha pesquisa. Você é inspiração!

Agradeço a todos os membros do ECult, formamos rede, somos, incrivelmente, multirreferenciais. Obrigada pelos encontros, reuniões, discussões e eventos. Vocês são referências! Em especial, minha gratidão a Bruna pelas dicas, revisões e amizade que construímos e a Elisânia, pelo frequente incentivo e parceria na escrita e nos desabafos acadêmicos.

O mestrado propiciou-me, ainda, amizades ímpares, que ultrapassaram os espaços acadêmicos. Rodrigo e Edivânia, muito obrigada pelas conversas, presença, apoio e cuidado! Foi incrível dividir o caminhar da pesquisa com vocês!

Agradeço às meninas da minha pesquisa, Deyse, Letícia, Viviane, Nayara e Camila, sem a imersão de vocês em rede, este estudo não teria o mesmo percurso e objetivo. Continuem

implicadas e potencializando, cotidianamente, práticas autorais e interativas em seus perfis e na vida profissional.

Meu muito obrigada à banca examinadora desta pesquisa, composta pelo professor Edvaldo Couto, Marilene Nascimento (Lene), Sandra Virginia e a professora Cristiane Porto, que me acompanhou na pré-banca e qualificação. Agradeço pela presença, participação e contribuição de cada um de vocês!

Agradeço, de modo singular, à ciência e à universidade pública pelas possibilidades em desenvolver estudos críticos e reflexivos. Esta pesquisa representa muito mais que um título e é apenas o começo da minha formação e implicação, enquanto professora e pesquisadora!

A escrita reflete o que nós somos. Escrever é obrigatoriamente visitar o coração do pensamento.

Nélida Piñon

RESUMO

Na contemporaneidade, os avanços tecnológicos renovam as formas de comunicação, de relação, modificam as ações cotidianas e a maneira de viver em sociedade. A imersão dos dispositivos móveis e a popularização dos aplicativos de redes digitais também favorecem as práticas socioculturais, interativas e a mobilidade que integra o espaço físico e virtual. No contexto educacional, a inserção de redes digitais foi ampliada a partir da pandemia da Covid-19, quando os aplicativos e interfaces passaram a ser mais utilizáveis por alunos e docentes. Com isso, a questão norteadora desta pesquisa refere-se a como as práticas interativas acontecem nos perfis de professores/as de Língua Portuguesa na rede digital Instagram? Assim, o principal objetivo trata-se de compreender as práticas interativas nos perfis de professores/as de Língua Portuguesa na rede digital Instagram. Este estudo tem como base a abordagem epistemológica multirreferencial e, metodologicamente, utilizou-se da netnografia, caracterizando-se, no caso desta investigação, como uma netnografia multirreferencial. Em relação às praticantes culturais, foram selecionadas cinco professoras de Língua Portuguesa com perfis profissionais ativos no Instagram e os dispositivos de pesquisa pautaram-se na observação-interativa do campo empírico, no *app-diário* da pesquisadora e em entrevistas on-line. Os dados da pesquisa foram interpretados de acordo com o rigor hermenêutico para o encontro das noções subsunçoras, identificadas como: #VisibilidadeDocente, #CiberProfessora: imersão docente na rede e #Interatividade: (com)partilhando etnométodos em rede. A partir de cada noção, constatou-se que a imersão e atuação de professores/as de Língua Portuguesa propiciam práticas interativas frequentes com o seu público/seguidores em rede. Além disso, as experiências (com)partilhadas por esses docentes contribuem para a inserção das redes digitais no cenário educacional, potencializando aprendizagens que ocorrem além dos espaços da sala de aula e dos contextos presenciais de ensino.

Palavras-chave: educação; interatividade; professores/as de Língua Portuguesa; rede digital Instagram.

ABSTRACT

In contemporary times, technological advances renew the forms of communication, relationships, modify daily actions and the way of living in society. The immersion of mobile devices and the popularization of digital network applications are also favoring sociocultural and interactive practices and mobility between physical and virtual spaces. In the educational context, the insertion of digital networks has been amplified since the Covid-19 pandemic, when applications and interfaces became more usable by students and teachers. With that, the guiding question of this research refers to how do interactive practices happen in the profiles of Portuguese Language teachers on the Instagram digital network? Thus, the main objective is to understand the interactive practices in the profiles of Portuguese Language teachers in the digital network Instagram. This study is based on the multireferential epistemological approach and, methodologically, netnography was used, being characterized, in the case of this research, as a multireferential netnography. Regarding the cultural practitioners, five Portuguese language teachers with active professional profiles on Instagram were selected and the research devices were based on the interactive observation of the empirical field, the researcher's app-diary and online interviews. The research data were interpreted according to the hermeneutic rigor to find the subsuming notions, identified as: #VisibilityTeacher, #CiberTeacher: teaching immersion in network and #Interactivity: (with) sharing ethnomethods in network. From each notion, it was found that the immersion and performance of Portuguese Language teachers provide frequent interactive practices with their audience/followers in network. Moreover, the experiences (with)shared by these teachers contribute to the insertion of digital networks in the educational scenario, enhancing learning that occurs beyond the classroom spaces and face-to-face teaching contexts.

Keywords: education; interactivity; Portuguese Language Teachers; digital network Instagram.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Características da pesquisa multirreferencial.....	17
Figura 2 – Imersão da pesquisadora com o campo da pesquisa.....	19
Figura 3 – Instagram como ambiência interativa on-line.....	23
Figura 4 – Etapas da netnografia multirreferencial.....	24
Figura 5 – Critérios de uma pesquisa netnográfica.....	25
Figura 6 – Perfil profissional da pesquisadora.....	26
Figura 7 – Dispositivos da pesquisa netnográfica multirreferencial.....	28
Figura 8 – Observação-interativa.....	30
Figura 9 – Anotações manuscritas sobre a pesquisa.....	34
Figura 10 – <i>App-diário</i> WhatsApp.....	36
Figura 11 – <i>App-diário</i> @apesquisanoinsta.....	36
Figura 12 – <i>App-diário</i> @profa_nayara.....	37
Figura 13 – Convite para participação na pesquisa.....	40
Figura 14 – Esferas da Interatividade.....	52
Figura 15 – Plataformas Digitais.....	55
Figura 16 – Resultados da pesquisa do Observatório de Educação Viglada.....	59
Figura 17 – Serviços de e-mails adotados pela Universidade Federal de Sergipe.....	60
Figura 18 – Escolas urbanas que possuem perfil/página em redes sociais ou utilizam ambiente virtual de aprendizagem (2014 – 2020).....	61
Figura 19 – Primeiro Layout do Instagram em 2010.....	64
Figura 20 – Recursos do Instagram.....	69
Figura 21 – Operações cognitivas para o encontro das noções subsunçoras.....	74
Figura 22 – Noções subsunçoras.....	76
Figura 23 – Visibilidade docente no Instagram.....	78
Figura 24 – Recursos utilizados pela professora para potencializar visibilidade em seu perfil...80	
Figura 25 – Compartilhamento de atividades pedagógicas.....	81
Figura 26 – Publicação profissionais de Letras.....	87
Figura 27 – Publicação do perfil da @profavivianenovais.....	89
Figura 28 – Publicação do perfil da @profaeticiasantos.....	91
Figura 29 – Binômios para tratar dos fundamentos da interatividade.....	95
Figura 30 – Participação-intervenção no perfil da @eiprofa.deyse.....	95
Figura 31 – Publicação sobre concurso público.....	100

Figura 32 – Interatividade nos recursos do Instagram.....	101
---	-----

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Quantitativo de dissertações encontradas na BDTD por ano.....	9
--	---

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Critérios de seleção para o levantamento das produções.....	11
Quadro 2 – Dia e horário das entrevistas on-line.....	32
Quadro 3 – Mapeamento de perfis de professores de Língua Portuguesa no Instagram.....	40
Quadro 4 – Identificação das praticantes culturais da pesquisa.....	42
Quadro 5 – Plataformização, dataficação e performatividade algorítmica (PDPA).....	58
Quadro 6 – Ações do Instagram para práticas interativas entre os praticantes.....	72
Quadro 7 – Público-alvo das professoras no Instagram.....	81

LISTA DE SIGLAS

AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DLES	Departamento de Letras Estrangeiras
ECULT	Educação e Culturas Digitais
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ERE	Ensino Remoto Emergencial
GAFAM	Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft
IBICT	Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia
IOS	Sistema Operacional Móvel da Apple
PDPA	Plataformização, Dataficação e Perfomatividade Algorítmica
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PIBIX	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão
REA	Recursos Educacionais Abertos
RNP	Rede Nacional de Pesquisa
SE	Sergipe
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

1	NARRATIVAS INICIAIS: implicações na pesquisa	3
1.1	OBJETIVOS – @oquequero.....	12
1.2	ESTRUTURA DA PESQUISA – @tecendoocaminho.....	12
2	NETNOGRAFIA MULTIRREFERENCIAL E A DINÂMICA DA PESQUISA.....	14
2.1	PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA MULTIRREFERENCIAL NA EDUCAÇÃO @educacaoplural.....	15
2.2	PELO OLHAR DA NETNOGRAFIA MULTIRREFERENCIAL @apesquisataon.....	20
2.3	OS DISPOSITIVOS DA NETNOGRAFIA MULTIRREFERENCIAL @cadacoisaemseulugar.....	27
2.3.1	Observação-interativa.....	28
2.3.2	Entrevistas on-line.....	30
2.3.3	App-diário.....	32
2.4	PROFESSORES/AS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM REDE – @ensinaremrede...	38
2.5	OS CUIDADOS ÉTICOS EM UMA PESQUISA NO INSTAGRAM @aeticanoinsta.....	42
3	A INTERATIVIDADE NA CIBERCULTURA.....	45
3.1	PLATAFORMAS DIGITAIS EM REDE – @jogandoojogodarede.....	53
3.2	A REDE DIGITAL INSTAGRAM – @decifrandooinsta.....	63
3.3	INSTAGRAM: REDE INTERATIVA NO CONTEXTO EDUCACIONAL @interagindoeeducando.....	66
4	O ENCONTRO COM AS NOÇÕES SUBSUNÇORAS.....	73
4.1	#VisibilidadeDocente.....	77
4.2	#CiberProfessora: imersão docente na rede.....	84
4.3	#Interatividade: (com)partilhando etnométodos em rede.....	92
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
	REFERÊNCIAS.....	108
	APÊNDICES.....	115
	ANEXO.....	118

1 NARRATIVAS INICIAIS: implicações na pesquisa

A motivação inicial passa um pouquinho pela minha história individual, mas também por uma coisa que é muito comum para todo pesquisador ou alguém que quer seguir nesse universo da pesquisa acadêmica.

@eiprofa.deyse

Nas culturas contemporâneas, há uma multiplicidade de práticas comunicativas associadas às esferas sociais, sejam elas em formatos orais, escritos, visuais e/ou digitais. A disseminação dessas diversas linguagens nos contextos sociais tem relação com os avanços das tecnologias digitais, que implicam em produções culturais, em práticas subjetivas de sujeitos conectados e configuram o processo comunicativo do digital em rede.

Os avanços tecnológicos, como a imersão dos dispositivos móveis e a popularização de aplicativos de redes digitais, renovam as formas de comunicação e de relação com o outro, modificam as ações cotidianas e a maneira de viver em sociedade. Esse acesso às diversas ambiências digitais favorece, também, as práticas socioculturais e a mobilidade entre os espaços físico e virtual, causando impactos culturais, econômicos, sociais, políticos e educacionais.

Nas últimas décadas, as redes digitais são exemplos de interfaces que possibilitam práticas comunicativas pautadas na pluralidade, expressão de opiniões, participação ativa e contato instantâneo e interativo com o outro. Nessas redes, há a possibilidade de os praticantes culturais definirem os seus formatos comunicativos, de acordo com as suas finalidades e contextos em que se inserem.

Nessa perspectiva das redes digitais, sobretudo na conjuntura atual, o termo interatividade é discutido com frequência. A popularização desse vocábulo refere-se às mudanças comunicativas que emergem na sociedade, pois, hoje, essas redes pautam-se na descentralização de um praticante e na multidirecionalidade dos seus sujeitos, num modelo em que todos participam, contribuem e modificam a mensagem.

As redes digitais se expandem entre as pessoas a partir das conexões e fazem com que, na atualidade, todas as áreas, ou a maioria delas, estejam imersas nessas ambiências. Dentre os setores sociais com perfis ativos nas redes, estão, por exemplo, as empresas, profissionais de diversas instâncias, órgãos oficiais, instituições públicas e privadas, além de páginas voltadas às esferas pessoais e de entretenimento.

Dessa forma, se as tecnologias, as redes digitais e os processos de conexão em rede estão presentes em inúmeras camadas da sociedade, é importante, também, que as interfaces tecnológicas se direcionem aos contextos educacionais. Por esse motivo, há a possibilidade do fazer educação no contexto do ciberespaço, dando visibilidade à ideia de uma educação que seja parte dos processos ciberculturais.

Além disso, o processo de inserir a educação nas redes digitais desmistifica a ideia de um educar que seja apenas possível nos ambientes formais de ensino, com artefatos tecnológicos e material didático-pedagógico ofertados pelas próprias instituições ou redes de ensino. No entanto, existem outras formas de relacionar o educar com/para a cibercultura, termo caracterizado como a cultura do tempo contemporâneo, a fim de compreender os processos, designar formas outras de comunicação, interatividade e construção de saberes.

Nesta pesquisa, abordo os processos educacionais desenvolvidos na/com a cibercultura, a partir da ideia de que o educar nas redes não se trata apenas de inserir a tecnologia digital na/para a educação, mas de abordar, com significância, os contextos plurais e as conexões formadas nas práticas de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o que ainda se percebe, no âmbito educacional, é o uso dissociado dessas tecnologias com a sociedade e as culturas dos praticantes.

Assim, relaciono esta pesquisa às práticas interativas desenvolvidas por docentes de Língua Portuguesa em seus perfis na rede digital Instagram, conceituada dessa forma por enfatizar os agrupamentos sociais e as relações entre os indivíduos conectados. Este estudo também tem relação com a minha itinerância acadêmica. Desde o início da graduação em Letras Português/Espanhol, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), em 2014, que, mesmo não tendo cursado nenhuma disciplina relacionada, exclusivamente, às tecnologias digitais, possuía o interesse em participar de eventos, cursos e projetos associados às ambiências digitais.

No segundo período da graduação, participei de uma atividade de extensão, denominada “I Colóquio de Formação do PIBIX: Buena Onda”, oferecida pelo Departamento de Letras Estrangeiras (DLES). Esse evento aguçou a minha vontade em trabalhar as tecnologias atreladas ao processo de ensino, seja na educação básica ou superior. Desse modo, em 2015, tornei-me integrante da equipe do projeto, um programa, em parceria com a Rádio UFS, voltado para a música, cultura e literatura. Nesse projeto, desempenhei a função de redigir os textos para serem apresentados, narrava os programas na rádio com a equipe e, posteriormente, cada programa poderia ser levado à sala de aula, em formato *Podcast*.

Em 2016 e 2017, fui aprovada no processo seletivo para monitora acadêmica, cuja função era desenvolver atividades com alunos da graduação, por dois semestres consecutivos, no DLES. Nessa época, a mediação dada aos discentes, do primeiro período do curso de Letras, era pautada na relação entre tecnologias e conteúdos programáticos das disciplinas. Essa experiência aprofundou a minha identificação com a área da educação, na perspectiva das tecnologias, linguagens e prática docente.

Outra experiência de relevância na trajetória acadêmica foi a disciplina Laboratório para o Ensino e Aprendizagem de Gêneros Textuais, obrigatória para o curso de graduação em Letras da UFS. Os aportes teóricos e as práticas atribuídas, nessa disciplina, sobretudo, com a modalização de *blogs*, impulsionaram-me a pesquisar acerca da recorrência de práticas e linguagens comunicativas que circulavam no contexto digital. As produções obtidas na disciplina de Laboratório foram organizadas em portfólios reflexivos, tornando-se públicas à turma.

Nos anos de 2016 a 2018, atuei como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid/UFS). No decorrer desses dois anos, fui designada a exercer as atividades pedagógicas no Centro de Excelência Atheneu Sergipense em Aracaju/Sergipe (SE), com turmas do primeiro e terceiro anos do ensino médio. As incumbências do Pibid eram realizadas semanalmente, na escola, e a cada quinzena, na universidade, para relatar as práticas abordadas, as especificidades das turmas, discutir as leituras teóricas e produzir oficinas didáticas.

Os projetos de classe desenvolvidos, durante o Pibid, eram embasados em práticas educativas com envolvimento no contexto digital, focadas, especificamente, na produção e modalização de vídeos. Os alunos do ensino médio, a partir de obras literárias, músicas, textos de diversos meios de circulação e conteúdos programáticos da disciplina, realizavam suas criações digitais a partir da rede YouTube.

Ademais, outras vivências acadêmicas que influenciaram na produção desta pesquisa foram os períodos de Estágio Docente e elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). As atividades do estágio foram designadas, também, no contexto de múltiplas linguagens (vídeo, fotografia, publicidade, música, filme, rede social) para que os alunos do ensino básico refletissem sobre a abrangência do uso da língua na sociedade digital e contemporânea. Na elaboração do TCC, a pesquisa foi norteadada no estudo contrastivo entre as representações femininas e os discursos presentes em plataformas digitais.

No entanto, a experiência mais significativa para a motivação desta pesquisa compreende o início de 2019, quando comecei a lecionar, em uma instituição de ensino da rede privada, minha primeira prática como docente na educação básica, em turmas do 6º ano do ensino fundamental (anos finais) ao 3º ano do ensino médio. Esse contato com a sala de aula me fez perceber que muitos alunos utilizavam os seus dispositivos móveis durante a aula para acessar as suas redes digitais, sendo o Instagram a mais conectada por esses estudantes, mas sem manter relação com as temáticas ou conteúdos desenvolvidos ou discutidos em sala. Nessa perspectiva, surgiram questionamentos sobre se os professores já haviam proposto experiências com aplicativos acessados pelos alunos, relacionando-as ao contexto educativo e, ainda, se também estavam conectados a essas redes.

Após essas motivações, esta pesquisa vincula-se ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UFS), na área de concentração Educação, Comunicação e Diversidade e na linha Tecnologias, Linguagens e Comunicação e ao projeto de pesquisa Col@b: tecnologias e inovação na formação docente do grupo Educação e Culturais Digitais (ECult/UFS/CNPq). O ingresso no ECult também foi de extrema relevância para a ampliação deste trabalho e para confirmar a motivação nesta temática. Nesse grupo, as pesquisas desenvolvidas são relacionadas às áreas da educação, comunicação, culturas digitais e formação de professores.

Em relação a essas vivências pessoais, acadêmicas, profissionais, com base em alguns estudos e observações iniciais, percebi que o aplicativo Instagram, criado em 2010 pelos engenheiros Kevin Systrom e Mike Krieger, tem, cada vez mais, ampliado a quantidade de acessos no Brasil. Essa popularização está ligada, também, aos avanços nos dispositivos móveis e nos aplicativos de conexão em rede, acessados em diversos contextos.

De acordo com o Relatório de Visão Geral Global Digital¹, referente ao ano de 2021, realizado pelos sistemas “*We are Social e Hootsuite*”, as estatísticas levantadas, acerca do Instagram, apontam que é a quarta rede social digital mais acessada diariamente no mundo. Além disso, os registros da pesquisa enfatizam o avanço nas taxas de engajamento do aplicativo e de alcance no público brasileiro, chegando a uma média de 110 milhões de usuários ativos no Brasil.

Esse progresso em relação ao número de praticantes ativos no Instagram perpassa pelos setores empresariais e as práticas individuais, que têm buscado engajamento e alcance social a partir de publicações realizadas pela e na referida rede. No que diz respeito ao âmbito

¹ Disponível em: <https://wearesocial.com/digital-2021> Acesso em: 31 ago. 2021.

educacional, a partir de um breve levantamento de perfis, o Instagram também é um dispositivo acessado por muitos educandos e docentes e inserido, em algumas situações, como potencial de ensino.

A inserção de redes digitais na educação foi ampliada a partir da pandemia da Covid-19, quando os aplicativos passaram a ser mais utilizáveis por professores e alunos. Assim, por conta da educação on-line ou do ensino remoto emergencial (ERE), como é nomeado por muitas escolas, os professores têm lançado mão de atividades e divulgação de conteúdo, por meio das suas redes digitais.

Embora os termos Educação on-line e Ensino Remoto Emergencial sejam abordados, em alguns casos, como sinônimos, sobretudo no cenário pandêmico, os seus conceitos e formas de atuação se diferenciam. Na perspectiva de Santos (2020), a educação on-line é um fenômeno da cibercultura que compreende todo o processo de educação, a partir de ambientes virtuais, podendo ocorrer na modalidade presencial ou com sujeitos distanciados geograficamente, desde que se priorizem as práticas discursivas, autorais e interativas. Já o ensino remoto se configura por encontros síncronos virtuais com a transferência da agenda presencial ou assíncronos e disponibilização de conteúdos e materiais para autoestudo em realidades sem acesso ao virtual.

Em relação aos usos das tecnologias digitais neste período de distanciamento físico, uma vez que as redes exercem a função de conectar socialmente, e de aulas acontecidas nos ambientes domésticos, as redes digitais foram utilizadas por docentes como repositório de conteúdos e informações. Essa prática despreza a ideia de abordar as redes como ambiências potencializadoras de ensino e de aprendizagem.

Dessa forma, aproximando essa discussão à minha área de formação, observei que, no ensino de Língua Portuguesa, há, em algumas situações, a inserção das tecnologias e de algumas interfaces digitais. Contudo, pouco se introduz o uso de dispositivos móveis e aplicativos de redes sociais, como o Instagram, mesmo diante das mudanças sociais e de discentes já imersos nessas redes, produzindo e compartilhando as suas culturas.

De acordo com teóricos estudados, no meu período de graduação, e com vivências obtidas na sala de aula, o ensino de Língua Portuguesa deve considerar o caráter comunicativo das linguagens, bem como priorizar a relação entre a língua e o seu uso. No entanto, nem sempre é o que se constata na prática, pois, por vezes, há a persistência de um ensino não relacionado à linguagem constituída na e pela cultura dos envolvidos. Por esse motivo, é importante inserir, no ensino dessa disciplina, interfaces digitais cotidianas aproximadas da realidade dos

educandos, para que as múltiplas linguagens, desenvolvidas nos espaços virtuais, possam ser compreendidas a partir dessas ambiências.

À vista disso, a rede digital Instagram pode permitir que, a partir das suas funcionalidades, diversas situações comunicativas sejam potencializadas. Essas ações podem ser possíveis, por exemplo, na interatividade em comentários, respostas a publicações, práticas autorais e colaborativas entre o administrador do perfil e seus seguidores, compartilhamentos, diálogos cotidianos, dentre outros recursos disponibilizados pela própria rede.

Assim, para que o Instagram ou qualquer outra rede digital seja aplicada no contexto da educação, como abordo nesta pesquisa, e proporcione ao educando/seguiror situações variadas de comunicação, autoria e autonomia, é importante que docentes também sejam praticantes ativos dessa rede. Nesse sentido, será possível traçar práticas pedagógicas cabíveis para o seu público e contexto de ensino.

Com isso, após a ideia acima, o problema tem relação com a necessidade de se verificar as ações interativas, as relações de publicação e compartilhamento experienciadas por docentes de Língua Portuguesa em seus perfis de Instagram. Dessa maneira, as práticas comunicativas realizadas na conexão em rede podem promover uma articulação entre o social e o educacional. Com base nesse contexto e na justificativa referente à escolha do tema, proponho, para esta pesquisa, a seguinte questão: **como as práticas interativas acontecem nos perfis de professores/as de Língua Portuguesa na rede digital Instagram?**

Para melhor esclarecer a relevância deste texto e relacionar com a questão de pesquisa, busquei investigações, já defendidas, relacionadas à abordagem da rede digital Instagram no contexto da educação e as práticas interativas em rede. Para tanto, optei por um breve levantamento de textos, com o objetivo de alcançar trabalhos referentes ao tema em questão e perceber as relações destes textos com a pesquisa que desenvolvi.

De acordo com Morosini, Santos e Bittencourt (2021), essa etapa de levantamento em bases, no decorrer de uma pesquisa de tese ou dissertação, permite ao pesquisador uma reflexão crítica em relação ao seu objeto de pesquisa. Dessa forma, com as produções científicas disponíveis, posso ter um novo olhar sobre o meu estudo, a sua qualidade, relevância e originalidade.

O banco de dados escolhido para a realização do levantamento foi a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)², criada pelo Instituto Brasileiro de Ciência e

² Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

Tecnologia (IBICT). Essa base foi criada no ano de 2002 e, desde então, estimula o registro de pesquisas acadêmicas de instituições brasileiras no ambiente digital. O motivo da escolha pela BDTD está relacionado a sua amplitude, agrupando, atualmente, um quantitativo de 709.882 pesquisas, o que possibilita a busca de muitos trabalhos.

No primeiro momento, realizei uma busca avançada somente com a palavra-chave “Instagram”, delimitando o termo para ser encontrado no título do texto e selecionando apenas para o campo das dissertações, não se atendo, dessa forma, aos textos de tese. Essa ênfase nas dissertações se justifica pelo motivo deste levantamento estar inserido em uma pesquisa de mestrado.

O recorte temporal para a busca das pesquisas abrangeu o período de seis anos, envolvendo, assim, trabalhos defendidos entre 2015 e 2020. Escolhi esse período pelo fato de o Instagram ter sido lançado no ano de 2010 e, conseqüentemente, os textos acerca dessa rede levarem um tempo para serem desenvolvidos, defendidos e depositados nas bases de dados.

De maneira geral, sem estabelecer critérios mais específicos ou escolher outros descritores para busca de pesquisas, foi encontrado um quantitativo de 63 dissertações. A tabela 1 mostra a quantidade de dissertações com o termo “Instagram” no título, defendidas em cada ano do marco temporal estabelecido.

Tabela 1 – Quantitativo de dissertações encontradas na BDTD por ano

Ano	Quantitativo de Dissertações
2015	6
2016	5
2017	10
2018	15
2019	18
2020	9
Total: 63 dissertações	

Fonte: Elaborada pela autora a partir da BDTD (2021).

No decorrer do levantamento dessas dissertações, ao observar cada título e as principais informações dos trabalhos, percebi que a maioria não estava vinculado a programas de pós-

graduação em educação ou ensino. Assim, grande parte dessas pesquisas era relacionada aos campos da Comunicação, Mídia, Semiótica, Psicologia, Administração e Informação.

Dentre os textos obtidos nessa busca avançada, foram encontradas duas dissertações com o termo “Instagram” no título, defendidas por programas de pós-graduação da UFS³, instituição a qual esta pesquisa está inserida. A primeira delas, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Administração, foi defendida em 2018 e abordou o empreendedorismo informal e digital no Instagram. A segunda foi defendida pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação no ano de 2019 e enfatizou a influência do Instagram na comunicação, delimitando ao contexto dos arcajuanos.

Em relação à área da educação, foram encontradas apenas duas dissertações com o termo “Instagram” no título. A primeira delas foi defendida pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) no ano de 2018, intitulada Registrar, compartilhar, autodestruir: pedagogias e modos de ser no Instagram Stories, da autora Joana Dourada França de Souza e propôs um estudo acerca das pedagogias e do modo de ser no Instagram Stories. A outra dissertação encontrada, @midiasnoensino: uma proposta de uso do Instagram como ferramenta educacional para o ensino superior, vinculada ao Mestrado Profissional em Ensino da Universidade Federal do Pará (UFPA) e defendida em 2019 por Jéssica de Almeida Vasconcelos Brigido, foi baseada na proposta de utilizar o Instagram no contexto do ensino superior.

A primeira pesquisa foi realizada com um grupo de jovens e influenciadores digitais, na perspectiva de verificar o eu nas suas publicações do Instagram Stories. Na segunda dissertação, foi desenvolvido um perfil no Instagram, a partir de duas disciplinas de ensino superior, a fim de estimular docentes a utilizarem o Instagram como interface pedagógica. Nessa perspectiva, os resultados apontam que nenhuma pesquisa encontrada teve o intuito de analisar e compreender os cotidianos e práticas dos professores já imersos nessa rede digital.

Diante disso, realizei outra busca avançada na mesma base de dados, dessa vez, adicionando os descritores “Rede Digital”, “Instagram” e “Educação”, alterando a correspondência de busca para todos os termos. Com o intuito de especificar o processo de levantamento, defini alguns critérios de seleção para esta segunda busca:

³ Essas pesquisas foram exemplificadas pelo fato de ter iniciado esse levantamento no Repositório de Teses e Dissertações da UFS. No entanto, não encontrei nenhuma pesquisa relacionada à educação com o termo “Instagram” no título. Por isso, decidi buscar outras pesquisas em uma base mais ampla.

Quadro 1 – Critérios de seleção para o levantamento das produções

Critérios de seleção
Pesquisas com os termos “Rede Digital”, “Instagram” e “Educação” em todos os termos
Dissertações
Recorte temporal (2015-2020)

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A partir dos critérios estabelecidos e do acréscimo dos descritores, foi encontrado um quantitativo de 17 dissertações. Alguns desses textos foram apresentados no primeiro levantamento e outros somente nesta segunda busca. No entanto, mesmo com a presença dos descritores “Instagram”, “Educação” e “Rede Digital” em todas as pesquisas, a maioria não se propunha a analisar o cotidiano docente na rede digital Instagram, muitas vezes utilizando o Instagram somente como suporte para o desenvolvimento da pesquisa, e nenhum desses textos estava delimitado à abordagem das práticas interativas dos professores de Língua Portuguesa na rede ou ao ensino desse componente curricular.

Em vista disso, esse número reduzido de textos encontrados confirma a relevância desta pesquisa, de modo que, mesmo havendo estudos acerca da inserção do Instagram e de outras redes no contexto educacional, não se enfatiza sobre a atuação dos professores nesse contexto. Dessa forma, o desenvolvimento da temática proposta pode trazer contribuições para os estudos das redes digitais, práticas interativas, atuação dos docentes e para o ensino de Língua Portuguesa.

Assim, além das minhas vivências pessoais, acadêmicas, profissionais, após a realização desse levantamento e de um breve mapeamento de perfis de professores de Língua Portuguesa na rede social digital Instagram, a justificativa desta pesquisa concerne na pertinência em relacionar as temáticas e conteúdos publicados pelos professores imersos ao componente curricular de Língua Portuguesa. Ademais da importância em abordar os diversos formatos comunicativos (escritos, orais, visuais) e as práticas interativas, no contexto da cibercultura, propiciadas pelo acesso à rede social Instagram.

1.2 OBJETIVOS – @oquequero

Para melhor delinear a questão apresentada no tópico anterior, elenquei como objetivo geral desta pesquisa

- Compreender as práticas interativas nos perfis de professores/as de Língua Portuguesa na rede digital Instagram

Os objetivos específicos

- Entender o conceito de interatividade no contexto da rede digital
- Mapear os perfis de professores/as de Língua Portuguesa no Instagram
- Identificar as práticas interativas nos perfis de professores/as de Língua.

1.3 ESTRUTURA DA PESQUISA – @tecendoocaminho

Nesta seção introdutória, apresento a minha itinerância acadêmica e profissional, bem como os principais motivos que me levaram a desenvolver este estudo. A princípio, apresento a contextualização, explicitando o objeto, a questão de pesquisa, a justificativa e, com base no contexto abordado, os objetivos, geral e específicos, delineados para a presente pesquisa.

A segunda seção é destinada ao percurso metodológico desta pesquisa. Nela, sinalizo a escolha da multirreferencialidade como base epistemológica adotada, da pesquisa netnográfica, além de discorrer sobre os dispositivos utilizados, as praticantes culturais selecionadas e as etapas para desenvolver pesquisas éticas no contexto de uma rede digital.

Na terceira seção, exponho um breve histórico sobre os avanços tecnológicos e comunicativos, além de delinear acerca do caráter interativo das redes. Ainda nesta seção, discorro acerca das plataformas digitais, dos usos do Instagram e das potencialidades interativas dessa rede para o contexto educacional.

Na quarta seção, discuto acerca dos achados da pesquisa como noções subsumidas. Essas noções emergidas em campo foram identificadas por #VisibilidadeDocente, como forma do docente ser reconhecido em rede, #CiberProfessora: imersão docente na rede, sobre a importância de docentes ocuparem os espaços das redes digitais e #Interatividade: (com)partilhando etnométodos em rede, em relação às práticas interativas desenvolvidas por professores/as de Língua Portuguesa e as suas atuações em rede.

A última seção do texto é destinada às considerações finais de toda a pesquisa. Nesta parte, reflito acerca das inquietações surgidas em alguns momentos da investigação, das

fragilidades metodológicas e de como a pesquisa impactou na minha formação pessoal e profissional.

2 NETNOGRAFIA MULTIRREFERENCIAL E A DINÂMICA DA PESQUISA

O mundo ele muda, a rede é um conceito novo de ambiente e a gente precisa se adaptar, ao universo midiático, heterogêneo, comunicativo, digital. O conceito de professor é adaptação.

@prof_nah_cardoso

A fim de atingir os objetivos elencados para esta pesquisa, tenho por base a epistemologia multirreferencial na perspectiva de Ardoino (1998). Metodologicamente, adoto a netnografia, por compreender as relações entre determinados grupos no contexto de uma rede digital. Além disso, emprego a abordagem qualitativa, que, de acordo com Gonsalves (2011), refere-se às compreensões, interpretações e significados das práticas na pesquisa.

A abordagem qualitativa permite que o pesquisador compreenda as ações e comportamentos dos participantes. Sobre essa ideia, Macedo (2009) afirma que a pesquisa qualitativa tende a priorizar os processos e o sujeito humano, compreendendo as peculiaridades e as consequências éticas. Assim, nesta investigação, há uma relação entre o caráter qualitativo, a questão e objetivos pela inerência subjetiva, pluralidade e compreensão no decorrer do processo.

No que se refere a essa discussão sobre a relação entre tipos, abordagens e elementos da pesquisa, Flick (2009, p. 13) sinaliza que

[...] os métodos qualitativos não devem ser considerados independentemente do processo da pesquisa e da questão em estudo. Eles estão especificamente encaixados no processo de pesquisa e são mais bem compreendidos e definidos a partir de uma perspectiva orientada ao processo.

Ou seja, é importante que todo o percurso metodológico, bem como a estrutura e intencionalidades do estudo dialoguem, a fim de alcançar resultados mais precisos. Ainda sobre essas características, Flick (2009) aponta que perpassam por vários processos, dentre eles, a apropriação de métodos e técnicas, a compreensão da diversidade dos participantes e a reflexividade do pesquisador quanto a sua pesquisa.

Dessa forma, diante da ideia de Macedo (2009), que as pesquisas qualitativas se configuram, em seu rigor, por meio de experiências humanas, há uma relação entre a

epistemologia adotada – multirreferencialidade e a metodologia da pesquisa – netnografia. Essa associação está voltada à valorização do praticante da pesquisa, a imersão e heterogeneidade que os sujeitos possuem. No que diz respeito à netnografia, a pesquisa qualitativa está vinculada ao método, desde a elaboração das questões, que devem ser mais amplas, diversas e abertas, até o processo de interpretação dos dados, enfatizando a subjetividade e experiências dos participantes na rede.

Em relação aos praticantes culturais (CERTEAU, 1994) desta pesquisa, são professoras de Língua Portuguesa com perfis profissionais ativos no Instagram, campo empírico da investigação. Os dispositivos estão delineados na observação-interativa do campo de pesquisa, na entrevista on-line com os docentes e na produção do meu *app-diário*, desenvolvido nas redes WhatsApp e Instagram.

Para o processo de compreensão dos dados, emergidos ao longo da pesquisa, opto por trabalhar com as noções subsunçoras que focam nas aprendizagens significativas dos participantes. Essas noções são advindas do campo de pesquisa e surgem a partir da implicação do pesquisador e dos praticantes culturais com o objeto de estudo.

2.1 PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA MULTIRREFERENCIAL NA EDUCAÇÃO – @educacaooplural

Ao ingressar no mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UFS (PPGED/UFS), mesmo com o objeto de estudo já definido e bases teóricas traçadas, tinha receio em como criar uma relação entre esse objeto delineado, o campo empírico e, até mesmo, os praticantes culturais. A partir de encontros com o grupo de pesquisa, de leituras avançadas e do contato com material produzido pelos próprios membros/pesquisadores do ECult, percebi que o meu caminhar na investigação também precisaria de uma base epistemológica a fim de auxiliar na compreensão metodológica e nortear nos próximos passos.

Macedo (2016) argumenta que a escolha de uma epistemologia é um modo no qual o pesquisador utiliza para explicitar, legitimar e defender o seu trabalho, propiciando autonomia no percurso do estudo. Sob essa perspectiva, a base epistemológica representa uma organização dos elementos da pesquisa, mais que isso, garante autenticidade ao conhecimento e saberes investigados. Logo, a abordagem epistemológica é de extrema relevância para cada etapa de uma investigação, desde a escolha do objeto até o processo de interpretação dos dados e informações produzidas.

Assim, antes de definir o objeto, adentrar aos mapeamentos dos perfis e contactar os praticantes, escolhi uma epistemologia para o estudo. Desse modo, adotei a multirreferencialidade como base epistemológica para a minha pesquisa, pelo fato de sua abordagem apresentar, sobretudo, uma visão heterogênea de todos os processos na investigação. Além disso, a partir dela, o conhecimento é construído com um olhar plural tanto dos participantes como do objeto de estudo, sejam esses voltados às perspectivas práticas ou teóricas.

É importante afirmar, também, que a multirreferencialidade é uma epistemologia que auxilia nas etapas da pesquisa. Na perspectiva de Ardoino (1995, p. 7), um dos grandes percussores e teóricos dessa epistemologia, o termo representa “[...] muito mais que uma posição metodológica, trata-se de uma decisão epistemológica”. Para Ardoino (1998), essa base delineia todo o processo de pesquisa, bem como os percursos metodológicos a serem traçados. Além disso, expressa uma

[...] leitura plural de seus objetos (práticos e teóricos), sob diferentes pontos de vista, que implicam tanto visões específicas quanto linguagens apropriadas às descrições exigidas, em função de sistemas de referenciais distintos, considerados, reconhecidos explicitamente como não redutíveis uns aos outros, ou seja, heterogêneos (ARDOINO, 1998, p. 24).

Por essas características, relaciono a multirreferencialidade a esta investigação pela ideia de a pesquisa na/com a rede e de práticas interativas sugerirem uma concepção descentralizada e aberta, na qual todos atuam, dialogam e são modificadores do processo. Nesse sentido, pesquisar com essa epistemologia não se trata de estar diante de dados prontos e já constituídos pelos sujeitos, mas, no decorrer da pesquisa, em conjunto com praticante e pesquisador, possibilitar a sua imersão e construção.

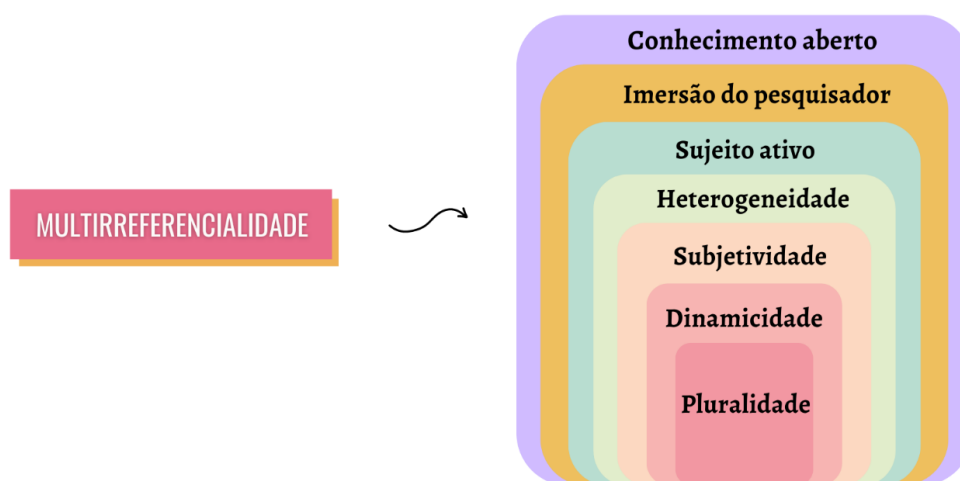
Diante disso, a multirreferencialidade não vê a pesquisa de forma fragmentada, mas alicerçada a partir das experiências dos sujeitos envolvidos. Neste estudo, a imersão do sujeito é tão valorada que o objeto a ser investigado também se torna sujeito. Conforme Santos (2021), essa epistemologia está constituída a partir das diferenças e contradições dos fenômenos humanos, ou seja, a pluralidade evocada percebe o sujeito como atuante e colaborador da pesquisa.

Sendo assim, a multirreferencialidade contempla a postura interativa e dialógica que os sujeitos e pesquisador desenvolvem nos processos da pesquisa, pois, essa base “[...] convoca olhares diversos para compreender situações e objetos complexos, através de operações

dialógicas e dialéticas” (MACEDO, 2009, p. 123). Isto é, na conexão de objeto, sujeito e pesquisador, é característico que todos participem, contribuam, opinem e interajam.

Nesse sentido, a minha relação, enquanto pesquisadora, com a pesquisa e os participantes esteve voltada à ideia de implicação, na qual Barbier (2007, p. 101) apresenta o verbo implicar como o ato de “[...] reconhecer simultaneamente que eu implico o outro e sou implicado pelo outro na sua situação interativa”. Diante desse conceito, a multirreferencialidade desconstrói a concepção de pesquisas monorreferenciais⁴, conhecimentos lineares, sujeitos receptores e pesquisadores observadores. A figura 1, representada a seguir, contempla, além das que já foram mencionadas, as características gerais de uma pesquisa multirreferencial.

Figura 1 – Características da pesquisa multirreferencial



Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Diante dos elementos apresentados na figura 1, ao tratar do contexto educacional, âmbito no qual se insere esta pesquisa, a multirreferencialidade está relacionada a práticas plurais, dinâmicas, subjetivas, heterogêneas, sujeitos ativos, pesquisadores imersos, conhecimento aberto e tem suas raízes nesse campo de atuação. Em vista das suas formações, Ardoino (1988) traz considerações acerca da multirreferencialidade para as Ciências Humanas, especificando, aqui, o âmbito da educação. Assim sendo, o autor afirma que os contextos educacionais devem ser vistos como lugar de vida, prezando pela reciprocidade, situações e histórias dos seus pares.

⁴ Vocábulo utilizado por Macedo (2009), no livro “Um rigor outro”, como comparação às ideias e características do termo multirreferencialidade.

A multirreferencialidade no contexto da educação desmistifica a ideia de um currículo tradicional, de uma pesquisa que apenas observa e analisa, mas prioriza a implicação, tanto dos participantes como desta pesquisadora no campo da sua pesquisa, surgindo possibilidades para múltiplas teorias e realidades. Além disso, abordar essa epistemologia no âmbito educacional não se restringe às práticas realizadas em instituições escolares, mas se percebe que as aprendizagens também são possíveis nos contextos sociais, cotidianos e tecnológicos.

Nesta pesquisa, ao analisar os profissionais da educação, sobretudo, professores de Língua Portuguesa, que são autores e praticantes culturais em seus perfis profissionais na rede Instagram, trago a multirreferencialidade como aporte teórico para compreender as práticas por eles desenvolvidas. Assim, essa abordagem permite identificar as atuações cotidianas dos professores de forma plural e implicada. A investigação acontece, também, no entorno das experiências, saberes⁵ e das práticas vivenciadas por esses docentes em suas redes.

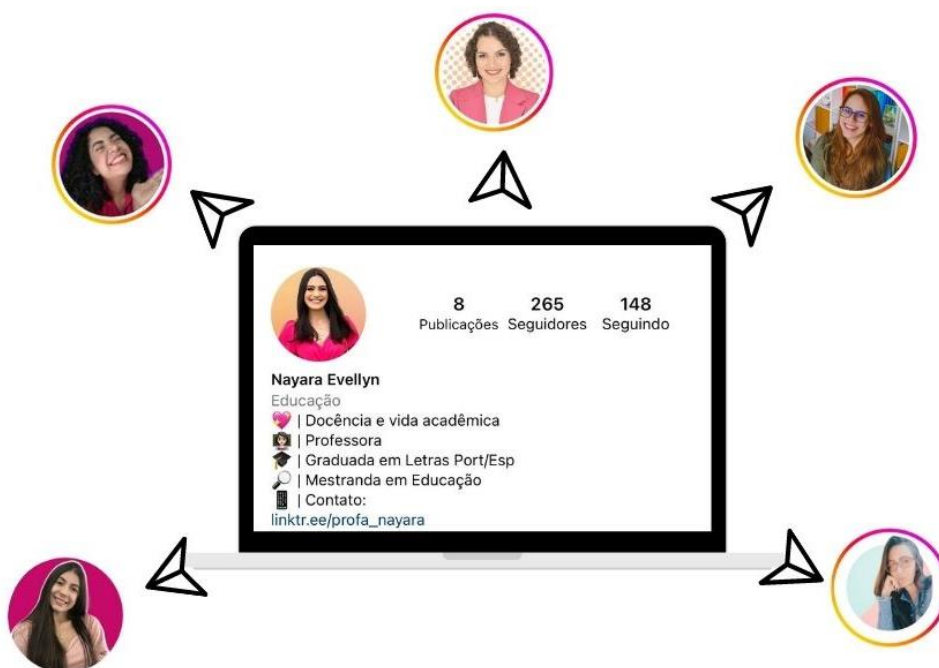
A multirreferencialidade propõe para a área das Ciências Humanas, especialmente, nesta pesquisa, nos âmbitos de aprendizagem, uma visão plural, descentralizada e que valorize a particularidade, opinião e experiências de cada praticante. Essa epistemologia vê o praticante cultural com significância, atuação e implicação em todo o processo de investigação e não como um ser passivo e secundário. Santos (2014) descreve essa realidade de imersão dos autores na pesquisa, ao afirmar que,

[...] para que a diversidade de linguagens, produções e experiências de vida sejam contempladas de forma multirreferencializada, nos e pelos espaços de aprendizagem, os saberes precisam ganhar visibilidade e mobilidade coletiva, ou seja, os sujeitos do conhecimento precisam ter alteridade reconhecida, sentindo-se implicados numa produção coletiva, dinâmica e interativa que rompa com os limites do tempo e do espaço geográfico (SANTOS, 2019, p. 82).

Nesse sentido, em relação a minha perspectiva enquanto pesquisadora, aderi possibilidades outras de ingressar a campo, manter uma postura imersa diante da pesquisa e um contato mais aproximado com os praticantes, para que, assim, a epistemologia escolhida estivesse, de fato, em evidência no suceder da investigação. Com isso, o meu ponto inicial foi, também, a criação de um perfil profissional para interagir, expor as minhas atuações docentes, acadêmicas e acompanhar os cotidianos de outros/as professores/as.

⁵ Esses saberes estão delimitados aos saberes docentes, sobretudo, na perspectiva de Tardif (2000), quando trata esses saberes como apropriados, incorporados, subjetivados ao docente e, ainda, dissociados das suas experiências e das situações de trabalho.

Figura 2 – Imersão da pesquisadora com o campo da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Na figura 2, represento o diálogo e contato direto realizados no meu perfil profissional com as⁶ cinco praticantes culturais desta pesquisa, apresentadas nas próximas subseções deste texto. A criação do meu perfil profissional fez com que, com base nas minhas próprias vivências no Instagram, fosse possível compreender a atuação de outros docentes da área também nesta mesma rede. Com isso, a multirreferencialidade compactua com a ideia das compreensões, sobretudo, na perspectiva de Macedo (2016).

A imersão desta pesquisadora, como uma das características marcantes na pesquisa multirreferencial, está além de uma observação distanciada, de um olhar fechado para as atuações do sujeito da pesquisa, pois precisei ter uma posição quanto ao tema estudado, devendo interagir, dialogar e vivenciar as práticas desenvolvidas no cotidiano desses sujeitos. Santos (2021, p. 65) aponta que, no contexto da abordagem multirreferencial,

[...] o pesquisador tira a capa da observação externa e apropria-se da implicação em um movimento de ir e vir constante, buscando dar conta dos sentidos construídos pela relação entre os sujeitos, seus objetos e o contexto real, tratando os sujeitos não como um dado a ser analisado, mas um ser em (co)criação de si e do outro (SANTOS, 2021, p. 65).

⁶ Ao me referir diretamente às praticantes culturais da minha pesquisa, utilizei os termos no feminino, pois foram todas mulheres.

No caso desta pesquisa, embora as praticantes culturais sejam docentes de Língua Portuguesa e possuam perfis ativos profissionais na rede Instagram, elas dispõem de identidades próprias, apropriam-se dos seus perfis, conforme as suas características, vivências e modos de ser. Diante desse ponto de vista, para Nóvoa (1998), o professor possui ideais, métodos e práticas próprios, condizentes com a sua história e estilo pessoal, ou seja, essas práticas autorais estão fundamentadas nas experiências de cada um, o que também faz referência à afirmação de Freire (1996), “[...] ensinar é ser epistemologicamente curioso”. Assim, a forma do docente atuar, apropriar e expor seus ideais em rede, está em consenso com a heterogeneidade e pluralidade propostas pela abordagem multirreferencial.

Além do mais, para que os fenômenos educacionais sejam compreendidos a partir da multirreferencialidade, é preciso, segundo Martins (2004), desconstruir o “paradigma da simplicidade” e dar lugar ao olhar múltiplo e heterogêneo, contribuindo, assim, para a construção de um conhecimento aberto e significativo. Posto isso, o olhar plural, sensível e subjetivo da multirreferencialidade dará embasamento para compreender, de forma implicada, os saberes e trocas potencializados e (re)produzidos por esses docentes em rede.

2.2 PELO OLHAR DA NETNOGRAFIA MULTIRREFERENCIAL – @apesquisataon

Após a delimitação da abordagem epistemológica, surgiram, ainda no processo inicial da pesquisa, algumas inquietações, a exemplo: qual método devo utilizar para responder a minha questão de pesquisa e alcançar o foco da investigação? Qual o método mais apropriado para o objeto estudado? Como lidar com dados produzidos, em sua totalidade, no contexto de uma rede digital? Qual a forma mais adequada para atuar com praticantes culturais ativas, interativas e autoras das suas redes?

Diante desses questionamentos, ao observar o cenário digital atual, apropriei-me da ideia de que os métodos de pesquisa também evoluem e estão em consonância com a realidade. Por isso, depois de imergir em algumas opções de métodos, como este estudo está centrado na compreensão de perfis no contexto de uma rede digital, o Instagram, optei pela perspectiva netnográfica, inspirada na etnografia e realizada em ambientes inteiramente on-line.

Para tanto, tomei como ponto de partida a ideia de que a pesquisa netnográfica está relacionada às experiências e interações delineadas nos usos das tecnologias digitais, por uma

determinada comunidade social. No caso desta pesquisa, a ênfase está nas relações interativas entre as professoras de Língua Portuguesa em seus perfis profissionais no Instagram.

Assim, é importante destacar, também, que a escolha da netnografia não é um método próprio dos cenários educacionais, nem surgiu para esse fim. Contudo, muitos pesquisadores das Ciências Humanas, principalmente os que investigam acerca da educação, adotam, em seus escritos, a netnografia como abordagem metodológica. A netnografia ainda não é vista no âmbito educacional, pois o termo é empregado e utilizado nas pesquisas com nomenclaturas distintas por vários autores, a exemplo de “[...] etnografia virtual, netnografia, etnografia digital, webnografia e ciberantropologia” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 168).

A netnografia também sofreu inúmeras transformações e avanços, por isso, é necessário situá-la historicamente, tendo em vista suas maneiras de realização. Além desses aspectos, o espaço o qual se dá, no caso o digital, também sofre inúmeras modificações com o passar do tempo. Desse modo, o contexto digital não se mantém da mesma forma desde o seu surgimento, pois em cada rede, há modos distintos de conduzir uma pesquisa numa determinada interface tecnológica.

A história da netnografia advém das características etnográficas de pesquisa, que se desenvolvem, primeiramente, na antropologia e se caracterizam por explicitar o comportamento de pessoas ou grupos em um determinado ambiente, a fim de evidenciar suas crenças, culturas e interações. Sobre isso, Hammersley (1992) afirma que analisa as informações mais significativas do campo de pesquisa, por isso, a semelhança entre os termos e as pesquisas de etnografia e netnografia.

Como a netnografia está apoiada nos pressupostos etnográficos de pesquisa, os seus estudos também estão centrados a partir de uma determinada cultura e da compreensão de uma comunidade. Em relação ao termo, Fragoso, Recuero e Amaral (2011) consideram como um neologismo pela formação (net + etnografia), fundado e abordado em estudos a partir dos anos 1990, com o intuito de adaptar o modelo etnográfico em todas as fases da pesquisa. Além disso, as primeiras investigações com esse método relacionavam-se à área do marketing e do consumo, porém, com o desenvolvimento tecnológico e social, tanto a etnografia como a netnografia foram introduzidas, aplicadas e desenvolvidas em outros campos, a exemplos de pesquisa em educação.

Diante dessa discussão e da proximidade entre a netnografia e a etnografia, pelas inferências de alguns autores estudiosos dos métodos digitais, a diferença entre os termos está, justamente, na realização em ambientes on-line. Entretanto, na minha percepção, a netnografia

está além de uma extensão etnográfica ou de uma nomenclatura semelhante, pois lidar com dados no digital e com sujeitos imersos nesses espaços não ocorre do mesmo modo com os dados e os participantes situados nos espaços físicos. Sobre essa ideia, Sá (2005) e Amaral (2008), referências da pesquisa netnográfica aqui no Brasil, discutem a netnografia como uma “reivindicação de atividade/atitude” frente à etnografia e, ainda, que não é apenas uma transposição da etnografia para os ambientes virtuais, pois as dinâmicas comunicacionais de cada pesquisador e objetos são únicas.

Assim, para abordar a netnografia nesta investigação, escolho, também, como embasamento teórico, as inferências de Kozinets (2014, p. 72). Segundo o autor, esse método se caracteriza como uma “[...] abordagem da pesquisa on-line [...]. A netnografia é apropriada para o estudo tanto de comunidades virtuais quanto de comunidades e culturas que manifestam interações sociais importantes virtualmente”. Dessa forma, a partir da netnografia, posso compreender a comunidade de professoras de Língua Portuguesa no Instagram e a maneira como essas docentes interagem na rede.

Kozinets (2014) relata que cada netnografia é única, até porque, cada pesquisa apresenta suas singularidades, áreas, participantes e objetos distintos. Embora apresente características da etnografia, necessita também de alguns passos a serem traçados ao longo da pesquisa. Sendo assim, é preciso que o pesquisador netnográfico compreenda que

[...] netnografias não precisam necessariamente se iniciar com um fenômeno novíssimo, provendo uma abordagem de tábula rasa ou lousa vazia no desenvolvimento da teoria. Elas também podem aguçar, estreitar e focar em determinados relacionamentos ou construtos previamente identificados, a fim de oferecer um entendimento mais profundo ou mais detalhado deles (KOZINETTS, 2014, p. 79).

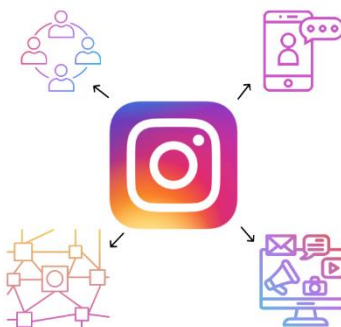
Diante dessa afirmativa, um dos critérios de escolha para utilizar a netnografia nesta pesquisa foi, justamente, o fato de estar relacionada à interatividade e diálogo dos praticantes culturais em rede. Outro motivo condiz com o exposto por Kozinets (2014), quando aborda que os membros de culturas on-line têm a possibilidade de propiciar uma interatividade comunitária. Ademais, para produzir dados com participantes virtuais não se trata somente de enfatizar o contato oral, mas todas as interfaces da rede, utilizadas pelos membros, são relevantes à pesquisa, tais como, vídeo, fotografias e *tag*, pois desses elementos pode-se apreender as práticas e motivações das envolvidas.

O contexto de uma rede digital está, a todo tempo, em contato com dados que vão além de textos orais e escritos. Bauer e Gaskell (2008) veem achados de uma pesquisa como além de

palavras pronunciadas durante entrevistas. Ao olhar essa afirmação no contexto do Instagram, por exemplo, percebo que as publicações realizadas pelas docentes podem conter vídeos, imagens, textos ou apenas sons, assim, cada postagem, estática ou em movimento, é um dado a ser interpretado por mim.

A partir dessas informações, desenvolvidas na netnografia multirreferencial, os praticantes culturais interagem e se comunicam cotidianamente com o pesquisador. No contexto da cibercultura, o pesquisador deve estar implicado, de modo que experimente as práticas desenvolvidas e interaja com os sujeitos, pois é somente no campo que os dados são emergidos, não há uma coleta de dados já prontos. Nessa conjuntura, o campo empírico desta pesquisa é o Instagram, não apenas como uma rede, mas como ambiência on-line composta por processos cotidianos, interativos e significativos entre as praticantes. A figura 3 representa essa estrutura de pesquisa interativa e plural.

Figura 3 – Instagram como ambiência interativa on-line



Fonte: Elaborada pela autora (2022).

De acordo com a figura 3 e conforme Fragoso, Recuero e Amaral (2011), a pesquisa nos contextos digitais pode abordar a internet como objeto de pesquisa – o que se estuda, como local de pesquisa – onde o estudo se realiza e como instrumento de pesquisa – meios para a produção de dados. Nessa perspectiva, considerando as características da sociedade digital e em diálogo com a netnografia, é possível que uma investigação se realize no contexto do virtual e das suas conexões.

Ademais, para a netnografia, há formas próprias de participar de um campo de pesquisa on-line (KOZINETTS, 2014), voltadas ao aprender e ao fazer. Em meio a essas formas, no processo de netnografia multirreferencial, utilizei na imersão ao campo: o encontro de pessoas semelhantes – as professoras de Língua Portuguesa –, a aprendizagem de técnicas e regras, a

postagem de comentários nos perfis dos docentes, a realização de perguntas e a interatividade das participantes.

Além desses aspectos, Kozinets (2014) define alguns procedimentos essenciais a serem utilizados pelo pesquisador no decorrer do estudo. Dentre essas etapas estão o planejamento, o processo de entrada e decisões iniciais, como, a identificação e seleção da comunidade, o envolvimento, a imersão e garantia de procedimentos éticos, a análise e interpretação interativa dos dados e o relato dos resultados da investigação e/ou das suas implicações no decorrer do processo. Assim, com base na perspectiva do autor, optei por produzir, neste estudo, uma netnografia multirreferencial, entendendo que cada etapa foi construída a partir das características heterogêneas da rede pesquisada e das praticantes culturais que nela habitam. Esse processo da netnografia multirreferencial está delineado na figura 4.

Figura 4 – Etapas da netnografia multirreferencial



Fonte: Elaborada pela autora com base em Kozinets (2014)

Como representado pela figura 4, no início desta investigação, pautei-me na imersão e compreensão dessas etapas propostas por Kozinets (2014). A primeira etapa foi voltada para a inserção da pesquisadora na pesquisa, o processo de criação da questão de pesquisa e dos objetivos a serem alcançados. Ainda nessa etapa, questioneimei-me em qual rede digital a pesquisa aconteceria, por perceber o Instagram como uma rede emergente na sociedade e com uma grande quantidade de professores e alunos imersos, optei por esta.

Esse processo de imersão ao campo ocorreu em meados do ano de 2020, início desta investigação. O primeiro contato aconteceu com o intuito de verificar perfis profissionais de

professores de Língua Portuguesa. Na segunda etapa, com a rede já definida, mapeei os perfis de professores de Língua Portuguesa no Instagram e delimitei, dentre os mapeados e a partir de alguns critérios⁷, as praticantes culturais do estudo. Já a terceira etapa consistiu no contato e comunicação com as cinco professoras atuantes nesta pesquisa. O objetivo desta etapa estava em utilizar dispositivos de pesquisa compatíveis com a netnografia, para que, em conjunto com as docentes, enquanto pesquisadora, eu produzisse, durante o período de imersão ao campo, os dados da pesquisa.

No que se refere à etapa quatro, ainda com base nos dispositivos selecionados, ocorreu, após bastante estudos e leituras, a interpretação dos dados constituídos pelas praticantes culturais no campo da pesquisa. E, por fim, em relação à quinta etapa, com os dados produzidos, houve a imersão para o encontro das noções subsunçoras, para que, após a identificação destas, os dados fossem abordados e desenvolvidos no texto.

Com essas etapas, propostas por Kozinets (2014), o movimento da pesquisa transcorreu de forma delimitada e alinhada à abordagem designada. No decorrer desse processo de imersão em cada uma das etapas, compreendi que a atuação da netnografia em uma pesquisa não se trata de um modo fechado e imutável, até porque as redes, bem como os participantes são distintos. Essa ideia interpreta a netnografia como adaptável, flexível, imersa e remodelada conforme o campo, as questões, praticantes culturais e a pesquisa em si.

Além disso, Kozinets (2014) também sugere alguns critérios para que uma pesquisa seja avaliada como netnográfica. A figura 5 aponta tais critérios e, dentre estes, nesta investigação, para estar compatível com a netnografia, utilizo o conhecimento, o rigor, a coerência, a reflexibilidade, a inovação e a práxis.

Figura 5 – Critérios de uma pesquisa netnográfica



Fonte: Elaborada pela autora com base em Kozinets (2014).

⁷ Esses critérios estão presentes na subseção 2.4 desta pesquisa, situada na página 39.

O conhecimento foi abordado nesta investigação como forma de pesquisar e alinhar o texto às abordagens netnográficas, ou seja, apresentar um embasamento teórico sobre a netnografia. O rigor está relacionado às estratégias necessárias para que esta pesquisa fosse considerada, de fato netnográfica. No que se refere à coerência, utilizei como auxílio para a interpretação dos dados propiciados pelas cinco praticantes culturais.

A partir da flexibilidade, percebi que o conhecimento e a interpretação dos dados não dependiam apenas do meu posicionamento de pesquisadora, para isso, estive aberta ao diálogo, considerações e interferências das praticantes. Em relação à inovação, utilizei-a, sobretudo, no contato com as participantes, a partir da troca de saberes realizada em nossas ações docentes. Por fim, a práxis tem suas características no decorrer de todo o texto, quando se vê fenômenos sociais e contemporâneos serem estudados e compreendidos.

Assim, pesquisar netnograficamente é um desafio ao pesquisador, visto que quem estuda a netnografia não está invisível ou alheio à comunidade investigada. Kozinets (2014) comenta a importância de o pesquisador se identificar como membro daquela comunidade, experienciando as interações on-line dos praticantes culturais. Desse modo, para que a imersão fosse concreta em minha pesquisa, criei um perfil profissional, com área de atuação definida, no sentido de também ser participante da comunidade a qual investigo, conforme representado na figura 6.

Figura 6 – Perfil profissional da pesquisadora



Fonte: Captura de tela do perfil da pesquisadora (2022).

Em síntese, com a netnografia, dá para se compreender que a pesquisa on-line apresenta uma dinâmica própria, formas específicas de se estudar as relações perceptíveis entre cultura e comunidade, de estar atento às maneiras de interagir digitalmente. Com isso, a netnografia evidencia que o conteúdo compartilhado pelas pessoas em suas redes, mesmo em perfis profissionais, diz muito de si e das suas representações, por esse motivo, dá-se a característica de uma abordagem participativa diante da cultura/comunidade investigada.

2.3 OS DISPOSITIVOS DA NETNOGRAFIA MULTIRREFERENCIAL – @cadacoisaemseulugar

No itinerário de toda pesquisa, é importante que o pesquisador adote o uso de dispositivos como interfaces fundamentais no processo de produção e/ou interpretação dos dados e informações. Com os dispositivos, o pesquisador, ainda, pode rever todo o contexto da investigação e verificar se, de fato, o objetivo proposto será alcançado, pois, a partir da intencionalidade de cada dispositivo, o estudo adquire novos contornos, por isso a importância de escolher dispositivos em conformidade com a abordagem metodológica e com os praticantes culturais selecionados para a pesquisa.

Para Ardoino (2003, p. 80), o conceito de dispositivo em uma pesquisa deve ser visto como “[...] uma organização de meios materiais e/ou intelectuais, fazendo parte de uma estratégia de conhecimento de um objeto”. Diante disso, é preciso, mais uma vez, do caráter imersivo do pesquisador, no sentido de ter precisão sobre o objeto investigado, para que, assim como propõe o autor citado, possa organizar e melhor selecionar esses dispositivos, conforme as características próprias da pesquisa.

Santos (2019) acrescenta que os dispositivos de pesquisa são fundamentados como interfaces de comunicação, no formato síncrono ou assíncrono e caracterizados como possibilidades que estão além de ferramentas para coleta de dados, mas como uma escuta aos sujeitos da pesquisa, não os vendo apenas como objetos de investigação. Ou seja, a escolha dos dispositivos não se dá de forma aleatória ou como obrigatoriedade de inserção na pesquisa, mas apresenta uma organização em relação as demais etapas do estudo.

No contexto desta investigação, por se tratar de um estudo realizado, inteiramente, em um ambiente on-line, a rede digital Instagram, precisei lançar mão de dispositivos plurais,

implicados e heterogêneos que se relacionassem à netnografia. Assim, no decorrer da itinerância de pesquisa, opto pelos dispositivos: observação-interativa; entrevistas on-line com os praticantes culturais e o diário de campo da pesquisadora, considerado, nesta pesquisa, como um *app-diário*. A figura 7 demonstra que esses dispositivos não foram abordados na pesquisa de forma isolada e sequencial, mas interativa.

Figura 7 – Dispositivos da pesquisa netnográfica multirreferencial



Fonte: Elaborada pela autora (2022).

A observação-interativa ocorreu, a partir da imersão nos perfis profissionais das praticantes culturais, na interatividade e trocas mútuas cotidianas de conhecimento. As entrevistas on-line sucederam de maneira individual com cada professora, em dias e horários disponibilizados por elas e foram realizadas com o intuito de ter uma proximidade com essas docentes. Em relação ao *app-diário*, no WhatsApp e Instagram, utilizei, desde o início, para reunir informações, postagens e dados relevantes da pesquisa.

2.3.1 Observação-interativa

O período de observação em uma pesquisa corresponde a um dos primeiros contatos com o campo empírico. No caso desta pesquisa, iniciei a observação dos perfis ao mesmo tempo que as participantes do estudo foram selecionadas, por volta do mês de dezembro de 2021. Ao verificar a atuação de cada docente na rede, percebi que não faria sentido observar os perfis de

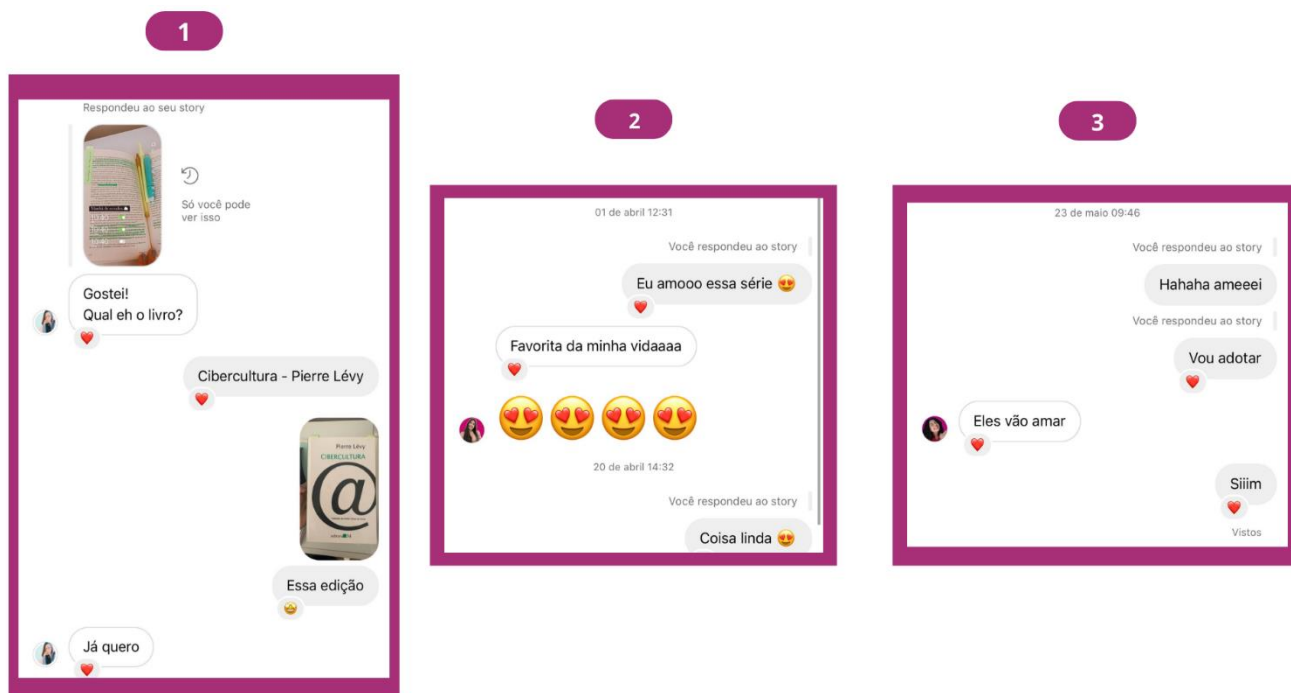
maneira alheia e distante, pois seria uma ação contrária à base epistemológica multirreferencial e à netnografia que prezam, sobretudo, pela imersão e participação ativa no campo da investigação e na relação com as participantes.

Dessa forma, para que eu conseguisse produzir dados realizados por essas participantes, era preciso imergir nesses cotidianos. Em relação a esse dispositivo, denomino, nesta pesquisa de observação-interativa, conceituado dessa maneira por se compreender, principalmente após algumas discussões no grupo de pesquisa ECult, que nele o pesquisador dialoga e se mantém inserido nas práticas dos participantes. Além disso, conforme Oliveira (2020), a observação-interativa evidencia as trocas e interações desenvolvidas no contexto de uma pesquisa implicacional e multirreferencial. Nesta pesquisa, essa observação foi delineada por meio das publicações postadas pelas professoras no Instagram e das relações interativas que consegui manifestar nesses perfis.

Com esse dispositivo, não apenas observei, mas compreendi e estive nessas realidades. Morin (1999) explica que, ao passo que o pesquisador observa, ele também realiza uma auto-observação, de maneira crítica e reflexiva. Ou seja, se o principal objetivo desta investigação é compreender as práticas interativas nos perfis de professores/as de Língua Portuguesa na rede digital Instagram, a melhor opção de dispositivo para esta pesquisa é também observar as professoras de forma interativa. Além disso, ao passo que eu, na posição de docente de Língua Portuguesa e com um perfil profissional ativo no Instagram, também me observo, lançando opiniões e considerações, tanto sobre a atuação no meu perfil, quanto nos perfis das professoras participantes.

Kozinets (2014), ao abordar características próprias dos estudos netnográficos, afirma que a observação como um dispositivo de pesquisa próprio desse estudo, “[...] vai além da observação e *download* discretos. Os netnógrafos são participantes culturais; eles interagem”. Com isso, a pesquisa netnográfica requer comprometimento por parte do pesquisador, no sentido de participação ativa e imersão ao contexto da pesquisa.

Nesse período de observação, interagi cotidianamente com os perfis. Essa interatividade aconteceu por meio de algumas interfaces do próprio Instagram como, por exemplo, comentários nas publicações do *feed*, respostas aos *stories*, participação, diálogos em *lives*, mensagens, imagens e vídeos individuais no *direct* dos professores. Dessa forma, esse dispositivo foi utilizado também para compreender as atuações das professoras na rede e analisar as publicações criadas por essas praticantes, conforme figura 8.

Figura 8 – Observação-interativa

Fonte: Captura de tela do perfil da pesquisadora (2022).

As capturas de telas demonstram um tipo de observação-interativa realizada com alguns desses perfis, por meio de respostas aos *Stories* de três professoras da pesquisa. Na captura de tela 1, a interatividade ocorreu a partir do interesse na obra “Cibercultura” do Pierre Lévy; a observação-interativa, na captura 2, estava relacionada a comentários e discussões sobre a série *Anne with an E*, de interesse da praticante cultural e pesquisadora; enquanto na captura de tela 3, o diálogo foi centrado em comentários acerca de uma aula lúdica realizada pela docente e o *feedback* da turma em relação a essa atividade.

2.3.2 Entrevistas on-line

O dispositivo entrevistas foi utilizado após o contato com os sujeitos e aceitação de cada uma delas para participar da investigação. Ele tem importância em pesquisas netnográficas, pois propõe uma proximidade entre os participantes e enfatiza as interações entre pesquisadora e sujeitos. Nesse sentido, com as respostas obtidas no decorrer da entrevista, a investigação atingiu novos rumos e perspectivas outras.

As entrevistas aconteceram em conformidade com a netnografia. Assim, a ideia inicial era que elas fossem realizadas em grupos, rodas de conversas com as professoras participantes,

já que a netnografia foca no coletivo e nos agrupamentos. No entanto, por questões de incompatibilidade de horários das praticantes culturais, aconteceram de maneira individual.

Além disso, o intuito era que as entrevistas sucedessem no formato presencial, porém por questões de biossegurança, devido aos cuidados referentes à Covid-19, e por perceber que as professoras se concentravam geograficamente em estados distintos, a exemplo de Alagoas, Minas Gerais e Maranhão, foram realizadas virtualmente. Essa escolha também está em consonância com a netnografia, em que a entrevista on-line é considerada o principal dispositivo. Kozinets (2014) conceitua esse tipo de entrevista como

[...] uma conversa, um conjunto de perguntas e respostas entre duas pessoas que concordam que uma delas assumirá o papel de perguntador e outra de respondedor. A única diferença entre uma entrevista online e uma entrevista face a face é aquela que ocorre com a mediação de algum aparelho tecnológico. O que, contudo, é uma grande diferença (KOZINETTS, 2014, p. 49).

Diante disso, as entrevistas ocorreram em dias e horários distintos, conforme a disponibilidade de cada uma. Os encontros foram uma continuidade das observações interativas, que já ocorriam cotidianamente em cada perfil. Dessa forma, embora cada entrevista tenha acontecido em apenas um encontro, não foram seções isoladas, mas “relacionamentos contínuos em andamento [...] contatos interativos e repetidos”, como afirma Kozinets (2014, p. 16).

Quadro 2 – Dia e horário das entrevistas on-line

Praticante cultural	Data	Horário
@eiprofa.deyse	16/03/2022	11h
@profaleticiasantos	26/03/2022	9h
@profavivianenovais	26/03/2022	15h
@professoracamilaqueiroz	29/03/2022	15h30min
@profa_nah_cardoso	29/03/2022	19h

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

Em relação ao ambiente virtual no qual a pesquisa foi realizada, optei pela Plataforma de Conferência na Web da Rede Nacional de Pesquisa (RNP), especificamente, em uma sala própria do grupo de pesquisa ECult. A princípio, pensei em realizar as entrevistas pelo próprio Instagram, porém, segundo Kozinets (2014), entrevistas em salas de bate papo potencializam

dados vagos, enquanto entrevistas em espaços similares ao Skype⁸ são precisas. Dessa forma, a escolha da Conferência na Web está relacionada às suas possibilidades, tais como, a permissão de atividades colaborativas, a partir dos seus recursos, a utilização de material de apresentação e a capacidade de gravação de voz e vídeo, com o consentimento das participantes.

Outro ponto de importância é que o formato da entrevista não foi pautado na centralidade da pesquisadora, diferenciando emissor de receptor, participante ativo e passivo, mas as professoras foram envolvidas nas entrevistas, de modo que o diálogo não se pautou apenas em perguntas e respostas, a interatividade e o compartilhamento de experiências prevaleceram ao longo da conversa. Sob essa perspectiva, foi possível observar que cada entrevista seguiu rumos distintos, no sentido de que as subjetividades e as dimensões de atuação de cada participante foram valorizadas.

De acordo com Kozinets (2014), o pesquisador não exerce no processo da entrevista a função de interrogador, mas esse dispositivo precisa ser delineado como uma conversa e o pesquisador também precisa estar ali para aprender com os participantes. Embora cada entrevista tivesse um formato particular para cada docente, visando às atuações na rede, foi elaborado um roteiro de entrevista⁹, com o propósito de ser um guia para contemplar os tópicos essenciais da pesquisa e, assim, produzir dados consistentes sobre cada um deles.

Após a aplicação, as respostas foram transcritas, também com o consentimento de todas as praticantes, para que, assim, as informações fossem interpretadas de forma coerente e relacionada aos objetivos da investigação. Além disso, percebi, pela sinalização das professoras, como as entrevistas foram essenciais para aproximar os vínculos entre pesquisadora, sujeitos e objeto e, ainda, que foi possível a imersão e participação ativa de cada docente em contribuir com o percurso da pesquisa.

2.3.3 App-diário

Os diários de pesquisa são importantes no decorrer de toda itinerância acadêmica, pois os registros presentes neles revelam as ações contínuas e significativas realizadas por parte da pesquisadora. O uso de diários demonstra os cotidianos acerca do universo da pesquisa, propiciando organização e segmento a todo o processo da investigação. Assim, diante dessas

⁸ Lançada em 2003, é uma rede da *Microsoft* que possibilita a execução de videoconferência, por meio de computadores, celulares e tablets.

⁹ Esse roteiro está disponível no apêndice B desta pesquisa.

características, o diário de campo ou de pesquisa é considerado um dispositivo que, junto a outros, auxiliam no alcance ao objetivo final do estudo.

O diário como dispositivo leva a pesquisa a fluir melhor, fazendo, inclusive, com que essa experiência vivida possa se transformar, posteriormente, em uma experiência formadora. Para Santos e Caputo (2018), os diários de pesquisa não são apenas registros subjetivos, mas reflexões e impulsionamentos para que o pesquisador melhor investigue. Sendo assim, são práticas expressivas de autoria, em que o pesquisador se encontra nas suas próprias produções a melhor escrita.

Na graduação em Letras, não fui impulsionada à escrita de diários. No entanto, para mim, sempre foi mais fácil aprender, a partir de muita anotação. Então, realizava anotações manuscritas em um caderno, organizava pastas no computador e utilizava editores de textos digitais. Com o mestrado, depois de cursar algumas disciplinas e do processo de escrita em si, as minhas práticas com os diários foram aprimoradas. Além de anotações manuscritas com informações relevantes para a pesquisa e/ou fichamentos de livros e artigos, busquei aplicativos que estivessem relacionados à minha investigação e que me estimulassem a narrar as vivências acadêmicas.

Figura 9 – Anotações manuscritas sobre a pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora (2020-2022)

A figura 9 mostra parte das minhas anotações manuscritas do mestrado, também como diário de pesquisa, porém, com o avanço das tecnologias digitais conectadas em rede, esses diários passaram a se apropriar dos aplicativos. Dessa forma, os registros ficam contidos em agendas digitais, interfaces de organização ou, até mesmo, aplicativos de redes digitais. Essa prática contribui bastante com a instantaneidade dos nossos *espaçotempos* e com os processos interativos desses diários. Santos e Caputo (2018) afirmam que, com esse outro formato de diário,

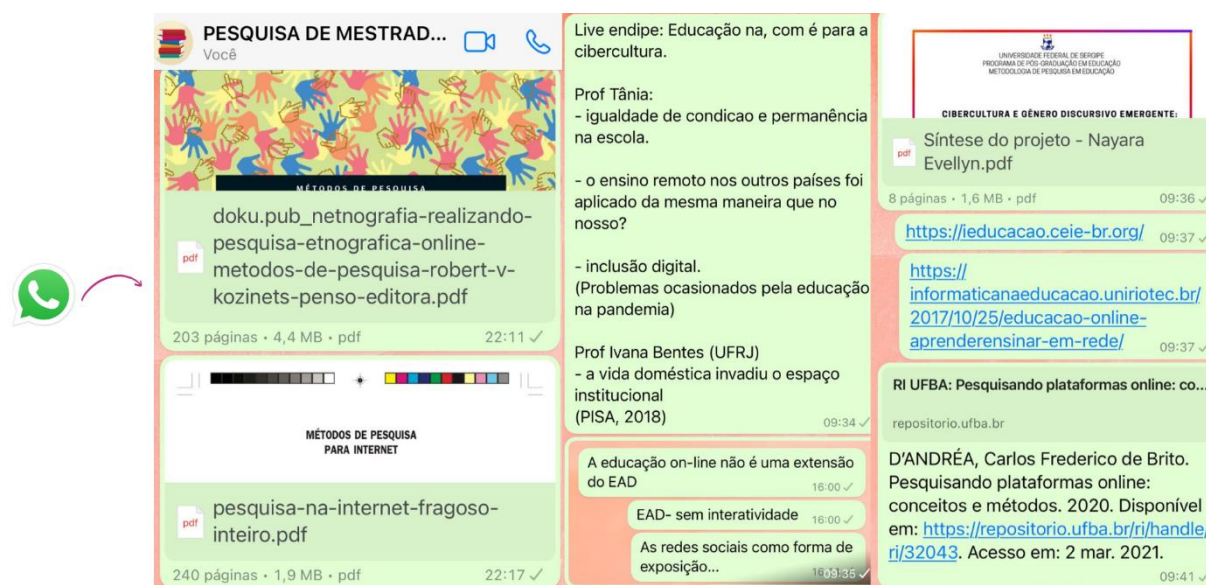
[...] os praticantes culturais em contexto poderão, através do diário online, compartilhar outros sentidos e interagir com outros pesquisadores, pois a interface permite a interatividade assíncrona. A plasticidade da tecnologia digital e seu potencial interativo já vêm sendo explorados e reconhecidos por pesquisadores que comumente utilizam os diários em suporte atômico” (SANTOS; CAPUTO, 2018, p. 36).

Diante disso, como esta pesquisa se realiza em um ambiente on-line, o Instagram, optei que as informações produzidas, ao longo do itinerário de pesquisa, fossem armazenadas em um diário on-line, denominado aqui de *app-diário* (LUCENA; SANTOS, 2019). Esse dispositivo é bastante adotado em pesquisas qualitativas e multirreferenciais e refere-se à escolha de um aplicativo, da preferência do pesquisador, para produzir diários sobre a sua pesquisa.

Lucena e Santos (2019, p. 663) comentam também que antes da escolha do aplicativo para diário de pesquisa é importante ter conhecimento acerca das suas funcionalidades e termos de uso, “[...] é necessário experienciar o aplicativo, compreender suas (im)possibilidades e se preciso criar táticas de praticantes da cibercultura para produzirmos nossas próprias autorias”. Assim, após imergir nesses aplicativos e criar possibilidades para o contexto da investigação, escolhi duas interfaces redes digitais para representar o meu diário de pesquisa: o WhatsApp e o Instagram.

O WhatsApp foi utilizado como um dos meus *app-diário* desde o ingresso no mestrado. Nele, criei um perfil individual, denominado “Pesquisa de Mestrado” no qual agrupei material importante para o processo de escrita, tais como, livros, fichamentos, artigos e eventos. Essa experiência de diário on-line no WhatsApp foi muito significativa para o suceder da pesquisa, por ser uma ambiência que eu não utilizo apenas para fins acadêmicos, então, boa parte do tempo estava/estou conectada a ela. Além disso, a cada informação importante referente à pesquisa ou a cada dado obtido no campo empírico, a mensagem era instantaneamente transposta ao diário no WhatsApp, independentemente de horário e/ou da minha localização geográfica naquele momento, conforme figura 10.

Figura 10 – App-diário WhatsApp



Fonte: Captura de tela do WhatsApp da pesquisadora (2021).

Em relação ao *app-diário* no Instagram, por ser a rede em que a pesquisa se delinea, acreditei ser relevante um diário nesse aplicativo. Inicialmente, criei um perfil identificado como “@apesquisanoinsta”. Essa página era privada e não possuía nenhum seguidor, por tratar de informações referentes a um estudo em andamento. Esse *app-diário* era utilizado para informações advindas do campo e das praticantes culturais da pesquisa. A figura 11 apresenta capturas da estrutura desse *app-diário* na rede Instagram.

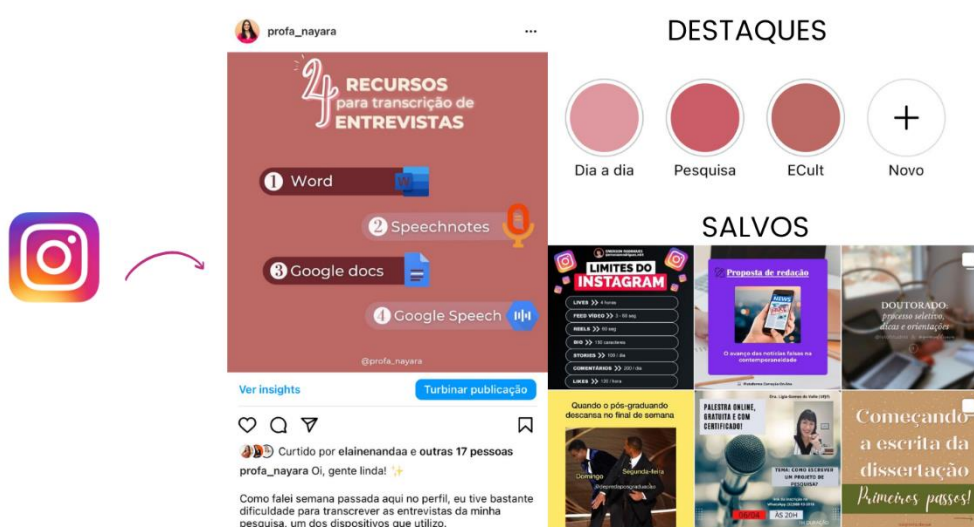
Figura 11 – App-diário @apesquisanoinsta



Fonte: Captura de tela do perfil @apesquisanoinsta (2021).

No entanto, após a criação do perfil profissional “@profa_nayara”, tornou-se complicada a administração de dois perfis na mesma rede, além do meu pessoal. Diante disso, os registros que estavam no perfil “@apesquisanoinsta” migraram para a página “@profa_nayara”. Nesse *app-diário*, além de reunir material, informações, anotações, também compartilhei a minha rotina acadêmica (experiências durante o mestrado), o cotidiano docente na educação básica e interajo com alunos e professores, ou seja, a partilha de conhecimentos e aprendizados é potencializada diariamente no contexto da rede.

Figura 12 – App-diário @profa_nayara



Fonte: Captura de tela (2022).

A função de *app-diário* no perfil “@profa_nayara” é executada pelos recursos da própria rede. No *feed*, publiquei alguns conteúdos, dicas, sugestões e dúvidas que surgiram nesse processo. Nos destaques, salvo alguns *stories*, referentes a comentários sobre obras, citações ou temática pertinente à investigação. Além dessas funcionalidades, utilizo a opção de salvar para agrupar algumas publicações das professoras participantes, que possam ser importantes para a interpretação dos dados ou outras postagens aleatórias relacionadas ao Instagram ou à pesquisa. O *direct* também tem sido recurso para armazenar as notas de campo e alguns tópicos inerentes à investigação.

Diante dessas experiências com os *app-diários*, considero os diários de pesquisa como dispositivos que estão além de simples relatos, eles são compostos de sentidos, significados e, acima de tudo, intencionalidades. Os *app-diários* são aliados nas pesquisas qualitativas e

priorizam, sobretudo, a subjetividade do pesquisador, mediante o campo que está imerso, conectados às características da sociedade contemporânea na qual vivemos, tais como, a mobilidade, a relação entre cidade e ciberespaço e a interconexão de diversas linguagens em um mesmo ambiente.

2.4 PROFESSORES/A DE LÍNGUA PORTUGUESA NA REDE – @ensinaremrede

O processo de escolha dos participantes de uma pesquisa é uma etapa metodológica que requer cautela, pois os sujeitos selecionados protagonizam o estudo, de tal modo que os dados interpretados advêm de cada um deles e das suas respectivas ações no campo de investigação. Para a netnografia, um dos critérios mais importantes para a designação dos participantes consiste em “[...] dar preferência a comunidades que sejam relativamente ativas, interativas, substanciais, heterogêneas e ricas em dados” (KOZINETTS, 2014, p. 91).

Assim, em relação a esta pesquisa, que tem o objetivo de compreender as práticas interativas nos perfis de professores/as de Língua Portuguesa na rede digital Instagram, as praticantes culturais delimitados são professoras de Língua Portuguesa com perfis profissionais ativos no Instagram. No que se refere a essa determinação de praticantes culturais, pauto-me em Certeau (1994), ao compreender como seres pensantes, imersos e atuantes no contexto das suas redes.

No ponto inicial da pesquisa, com a imersão ao campo e o período de observação-interativa, a ideia era que os perfis de professoras de Língua Portuguesa fossem mapeados pelo uso de *hashtags*. Para a escolha dos respectivos perfis dessas docentes, realizei, primeiramente, um mapeamento com o uso de *hashtags*, interface do Instagram que funciona como localizador de perfis e informações, tais como, #professordeportugues, #auladelinguaportuguesa, #naauladeportugues, #ensinoportugues e #linguaportuguesa. No entanto, percebi que os perfis e as publicações se repetiam a cada *hashtag* utilizada¹⁰. Por esse motivo, ao longo da pesquisa, optei por seguir páginas aleatórias e mapear outras que já eram seguidas por mim.

Além desses aspectos de mapeamento, à medida que fui seguindo alguns perfis de professores, o próprio Instagram sugeria páginas relacionadas. Essa ação da rede digital confirma como a lógica algorítmica das plataformas, assunto comentado na próxima seção deste

¹⁰ Com os avanços do Instagram e o surgimento de novos recursos, as *hashtags* perderam um pouco o alcance, comparando com as funções que possuíam no início da rede.

trabalho, observa o comportamento das praticantes, filtrando os seus principais acessos e preferências na rede.

Após o processo de mapeamento inicial, realizado entre o início de 2021 até o final de outubro do mesmo ano, foram encontrados e seguidos um quantitativo de 54 perfis profissionais de professores de Língua Portuguesa. Ao seguir e acompanhar a trajetória de cada perfil, percebi que todos eram administrados por docentes do mesmo componente curricular, mas os perfis não tinham finalidades iguais e/ou eram direcionados às mesmas pessoas.

Desse modo, optei por definir cada perfil, conforme as suas dimensões de atuação, finalidades e público-alvo. Assim, foram selecionadas cinco dimensões de atuação para os perfis: os professores de Língua Portuguesa que abordam publicações relacionadas à redação do ENEM; docentes que seguem nas universidades e narram a vida acadêmica; professores de Língua Portuguesa que empreendem na rede; docentes da educação básica que publicam acerca da rotina escolar e, por fim, perfis voltados ao ensino e dicas gramaticais, como exposto no quadro 3.

Quadro 3 – Mapeamento de perfis de professores de Língua Portuguesa no Instagram

Dimensões de atuação	Quantitativo
Redação ENEM	5 perfis
Rotina acadêmica	16 perfis
Professores empreendedores	18 perfis
Cotidiano docente	5 perfis
Dicas gramaticais	9 perfis

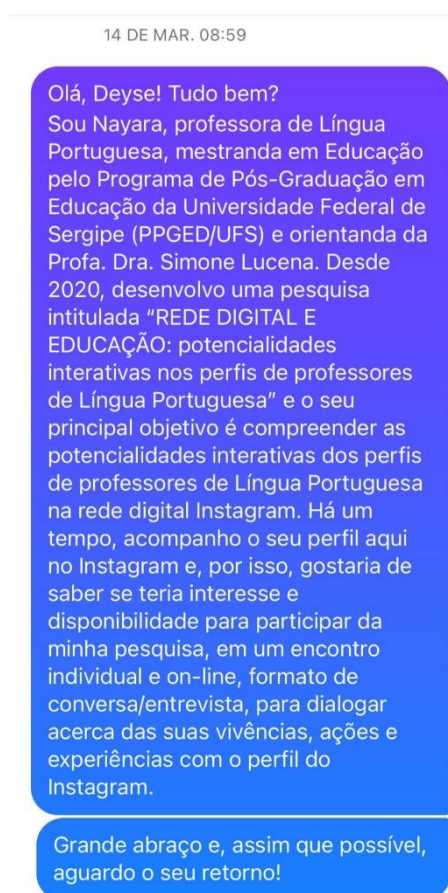
Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Um outro aspecto de destaque, perceptível no processo de mapeamento, diz respeito ao modo de definição dos perfis nas determinadas dimensões de atuação. No decurso da observação-interativa, houve situações em que um mesmo perfil foi definido em duas ou mais áreas distintas, por exemplo, um professor que publicava dicas de gramática no Instagram, também postava a sua rotina acadêmica ou o seu cotidiano docente em sala de aula. O meu perfil profissional adentra a essa característica, pois nele publico conteúdos relacionados à rotina acadêmica, bem como ao cotidiano docente em sala de aula.

Após a etapa de mapeamento, foi preciso estabelecer alguns critérios para delimitar os praticantes da pesquisa, nos quais teria um contato mais aproximado e um olhar mais detalhado em relação aos dados perpassados por eles. Assim, a ideia foi selecionar um docente para cada

dimensão de atuação, totalizando, dessa forma, um quantitativo de cinco professoras. Para essa seleção, o critério inicial foi contactar profissionais que estabeleci maior interatividade, durante o processo de mapeamento. Com isso, como representado na figura 13, o convite para a pesquisa também foi realizado pelo próprio Instagram, especificamente, via *direct*.

Figura 13 – Convite para participação na pesquisa



Fonte: Captura de tela do perfil @profa_nayara (2021).

Durante essa fase de convite aos docentes, nem todos responderam à mensagem enviada. Alguns retornaram, mas alegando que não tinham interesse em participar ou não era possível por questões de disponibilidade. Sendo assim, a cada convite negado, eu contactava outro professor daquela determinada dimensão de atuação, até conseguir as cinco praticantes culturais desta pesquisa. O quadro 4 enfatiza, resumidamente, as principais características de cada perfil:

Quadro 4 – Identificação das praticantes culturais da pesquisa

Perfil	Dimensões de atuação	Seguidores	Criação
 @profaleticiasantos	Redação ENEM	9.568	2019
 @eiprofa.deyse	Rotina acadêmica	4.345	2021
 @professoracamilaqueiroz	Professora empreendedora	3.639	2019
 @profavivianenovais	Cotidiano docente	1.100	2020
 @prof_nah_cardoso	Dicas gramaticais	1.734	2018

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As cinco professoras possuem perfis recentes no Instagram, a maioria alimentava seus perfis pessoais desde a repercussão da rede aqui no Brasil em 2013. Somente depois de um tempo, migraram para o perfil profissional ou criaram uma página diferente. Outra questão a se observar é que as praticantes culturais não têm um grande número de seguidores, comparado ao de outros profissionais reconhecidos nacionalmente. Esse fato ocorreu, pois, a minha intenção com a pesquisa foi identificar se a interatividade também seria possível em perfis com menores quantidade de seguidores. Por isso, no processo de buscas e mapeamentos, o objetivo não foi alcançar perfis de docentes com maior visibilidade na rede.

Assim, as professoras contactadas e selecionadas para esta pesquisa foram implicadas em todos os dispositivos da investigação: interagiram no período de observação; conheceram a pesquisa e cooperaram com a entrevista on-line. Com isso, todas as informações construídas no decorrer da investigação pelas professoras foram analisadas, ocasionando o surgimento de três

noções subsunçoras. Essas noções serão abordadas, de forma detalhada, na seção quatro desta pesquisa.

2.5 OS CUIDADOS ÉTICOS EM UMA PESQUISA NO INSTAGRAM – @aeticanoinsta

A realização de pesquisas no contexto de uma rede digital requer reflexões e cuidados éticos, por parte do pesquisador, quanto aos dados dos participantes abordados publicamente na investigação. Nesse caso, mesmo um estudo sendo inteiramente contornado em ambientes virtuais, os dados são produzidos por seres humanos e, assim, eles também participam diretamente da investigação, por isso a importância de lidar com essas informações de maneira ética e abordá-los no texto com cautela.

Diante dessas concepções, no período de mapeamento dos perfis de professores de Língua Portuguesa no Instagram, percebi que todas essas páginas eram abertas. Contudo, mesmo com essas condições, não é de direito do pesquisador abordar esses dados em um texto/pesquisa acadêmica, sem o consentimento e autorização dos professores/administrador do perfil. Kozinets (2014), ao abordar sobre critérios e princípios netonográficos, comenta a importância de estudos éticos para a atuação de uma pesquisa on-line, pois

[...] a maioria das pessoas sabe que suas postagens e informações podem ser lidas dessa forma por membros do público em geral. Contudo, o fato de que as pessoas sabem, que suas postagens são públicas não leva automaticamente à conclusão de que os acadêmicos e outros tipos de pesquisadores podem usar os dados da forma que bem entenderem (KOZINETTS, 2014, p. 130).

Assim, mesmo os perfis das praticantes culturais sendo abertos, nenhum dado extraído deles foi identificado no texto sem autorização oral e escrita das professoras/administradoras do perfil e sem a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFS. O estudo foi submetido ao Comitê em meados de outubro de 2021, relatando todas as etapas, inclusive os possíveis riscos que a pesquisa poderia ocasionar ao professor, tais como desconfortos e incômodos na participação, algum tipo de constrangimento na entrevista ou receio quanto à exposição e/ou divulgação de dados, identidade e privacidade.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê em fevereiro de 2022, no parecer de número 5.245.998¹¹ e, somente a partir dessa aprovação, as professoras foram contactadas para a participação na pesquisa e nas entrevistas. Sobre essa discussão, Recuero, Bastos e Zago (2015)

¹¹ Ver anexo A

afirmam que as pesquisas realizadas em ambientes virtuais, envolvendo sujeitos comuns, devem obter contato direto com os participantes ou autorização do Comitê de Ética para utilização dos dados. Assim, mesmo se tratando de perfis públicos na rede, é preciso cautela quanto à abordagem desses dados na pesquisa.

Assim sendo, para garantir confiabilidade por parte dos praticantes culturais, o pesquisador necessita, desde o primeiro contato, utilizar formas éticas para explicar sobre a sua pesquisa e intuito dela, como por exemplo, iniciar com a sua identificação, expressar os objetivos e intuídos da estudo e delimitar o que se pretende atingir nesta investigação. Um outro tipo de cautela, comentado por Kozinets (2014), tem relação à ocultação, anonimato ou exposição da identidade do participante, pois

[...] apresentar um participante sem camuflagem significa usar pseudônimo ou nome real do participante no relatório da pesquisa. Nomes reais só devem ser utilizados com a permissão explícita por escrito do indivíduo [...] ao usar nomes reais, o pesquisador deve ter o cuidado de omitir material potencialmente prejudicial ao indivíduo se revelado (KOZINETTS, 2014, p. 144).

Em virtude dessas situações, ao observar a trajetória das docentes na rede, como os seus perfis são abertos e em questionamentos a cada uma delas no ato da entrevista on-line, acataram a ideia de ter a identidade revelada, sem utilização de pseudônimos. No entanto, esse consentimento foi dado tanto de forma oral, uma pergunta da entrevista questionou a exposição da identidade, assim como, termos de compromisso de consentimento à pesquisa e de utilização dos dados, assinados pelas participantes.

Por questões éticas, você prefere que o IG do seu perfil seja identificado por seu nome real ou por algum pseudônimo? (Pesquisadora, 2022).

Pode identificar, do jeito que você achar melhor e que for mais adequado pra sua pesquisa (@profaleticiasantos, 2022).

Pode identificar, sem problemas! (@eiprofa.deyse, 2022).

Pode identificar sim, com toda certeza! Fique à vontade! (profavivianenovais, 2022).

Identifique! Nenhum problema! Tranquilo! (@prof_nah_cardoso, 2022).

Problema algum! Tá liberada, pode identificar! (@professoracamilaqueiroz, 2022).

Diante do exposto, por unanimidade, as praticantes culturais consentiram em identificar os seus perfis pelos nomes reais, sem a utilização de pseudônimos. No entanto, mesmo com essa autorização, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa lançou, em fevereiro de 2021, algumas orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. Essa documentação preconiza que o pesquisador tem que explicar de forma objetiva sobre os registros, publicações e informações levadas à pesquisa.

Nesse caso, com a pesquisa no Instagram, os dados produzidos não são apenas os que foram passados na entrevista, mas há a aplicação também de algumas publicações e/ou ações realizadas por essas docentes em seus perfis, o que também foi consentido pelas praticantes culturais desta pesquisa. Sob esse ponto de vista, o pesquisador também deve agir com ética e preservar os direitos dos participantes, dando créditos a cada postagem, quando abordadas na pesquisa, pois, os princípios éticos de todo estudo estão bastante relacionados com a cautela do pesquisador, mediante o consentimento e autorização perpassados pelos participantes.

3 A INTERATIVIDADE NA CIBERCULTURA

Quanto mais soubermos e pudermos utilizar a tecnologia, melhores serão as aprendizagens e trocas.

@professoracamilaqueiroz

Nesta seção, retrato os aspectos interativos que podem se potencializar a partir dos usos da rede social Instagram. Assim, para se compreender a interatividade na conexão em rede, aponto um breve histórico acerca dos processos tecnológicos, comunicativos, das atuações das redes digitais na atualidade e, posteriormente, relaciono essas discussões ao contexto educacional.

A disseminação das tecnologias digitais de informação e comunicação, no século XXI, o constante acesso às redes e a convergência entre os espaços físicos e digitais passaram a favorecer as relações humanas e as suas produções culturais. Dessa forma, para Santos (2019), essas formas de comunicação, acontecidas nos espaços virtuais, conectados em rede, são denominadas de ciberespaço, constituídas como um contexto heterogêneo, em que os sujeitos imersos são produtores e autores de práticas individuais ou coletivas.

Com o crescimento do ciberespaço, a virtualidade, a possibilidade de conexão e a reciprocidade na comunicação passam a ser práticas expressivas de colaboração, autoria e envolvimento dos sujeitos que estão inseridos nesse ambiente. As formas de comunicação acontecidas no ciberespaço são uma extensão do interagir e relacionar nos espaços físicos e que, com a difusão do virtual, passaram a imbricar as cidades reais e a possibilitar maior instantaneidade nos discursos.

Dessa forma, para Lemos (2002), a cibercultura está pautada na relação existente entre sociedade, cultura e tecnologias. Santos (2019) corrobora com essa ideia de Lemos (2002), quando afirma que a cibercultura é a associação entre culturas contemporâneas e tecnologias, sejam no contexto do ciberespaço ou das cidades. Assim, é a partir desse fenômeno, que se pode acessar e participar ativamente das redes, de maneira autoral e interativa.

Nesse sentido, as interfaces¹² da cibercultura podem estar associadas tanto ao contexto do ciberespaço como ao das cidades, pois proporcionam espaços híbridos para a comunicação, de modo que a subjetividade e os discursos individuais sejam valorizados nos praticantes dessas culturas. Logo, são a partir dos contextos físico e virtual (cidade e ciberespaço) que os praticantes produzem culturas, identidades sociais e/ou individuais.

A convergência entre os espaços resulta em uma intersecção de ações, em impactos simultâneos e meios que potencializem a conexão entre os ambientes. É nesse sentido que Castells (2017, p. 202) afirma que “[...] o mundo real em nossa época é um mundo híbrido, não um mundo virtual nem um mundo segregado que separaria a conexão on-line da interação off-line”. Ou seja, os diferentes espaços se conectam para que os indivíduos possam ser produtores culturais dos contextos em que se inserem, sejam eles físicos ou virtuais.

Nessa perspectiva, a cibercultura se caracteriza como a cultura do criar, publicar, compartilhar e informar na perspectiva do on-line. Nesta era da mobilidade, a cibercultura envolve as relações e os comportamentos advindos dos sujeitos conectados em rede a partir dos seus usos e imersões nas interfaces e tecnologias digitais. Assim, o crescimento da cibercultura e o avanço na mobilidade, a partir do uso de dispositivos móveis e aplicativos, possibilitaram que outras formas de comunicação fossem desenvolvidas, como é o caso das redes digitais. No entanto, é importante destacar que as redes não surgiram na mesma época que o digital em rede, bem antes já se formavam e se percebiam redes sociais: no contexto familiar, na conversação com amigos, no trabalho, nas escolas, dentre outros segmentos.

Os estudos das redes também não são recentes nem característicos do contexto digital. Na década de 1930, por exemplo, na área da Sociologia já se analisava e discutia acerca das relações sociais. Porém, com o advento da internet e com o uso dos dispositivos móveis e aplicativos, essas redes, que já ocorriam nos espaços físicos, também emergiram ao contexto digital, muito por conta desses fenômenos da mobilidade e ubiquidade.

Para esclarecer esse conceito e aprofundar os estudos no Instagram, objeto escolhido para esta investigação, baseio-me nos postulados de Recuero (2009; 2017; 2019) sobre os usos e as relações sociais nas redes digitais. Os conceitos utilizados pela autora passaram por atualizações, até porque as redes e a sociedade também avançam, é por esse e outros fatores

¹² Na perspectiva de Santos (2019), são espaços de comunicação na cibercultura entre duas ou mais faces. Santaella (2003) também afirma que as interfaces são encontros de duas faces ou de uma pessoa com uma tela.

que as redes são modificadas ou, até mesmo, substituídas, a exemplo do Orkut e MSN que foram encerradas no ano de 2014.

Para Recuero (2009), uma rede do contexto digital pode ser considerada como um espaço de conexão social que ocorre de forma on-line no ciberespaço. Essa interface não se compõe somente de acesso ou de produção dos autores imersos, mas se compreende como uma ambiência propícia para traçar representações e diálogos sociais. Assim, essas redes traduzem os espaços off-line e as conexões dos indivíduos envolvidos.

Recuero (2017) ainda afirma que uma rede digital está associada a percepções de um determinado grupo e à maneira como essas pessoas se apropriam e constroem. Nessa perspectiva, elas podem e são manifestadas nas interatividades e nas influências promovidas aos grupos sociais. Além desses aspectos, Recuero (2019) aponta que as redes digitais apresentam características próprias, como, por exemplo, não se limitam à localização geográfica e as conexões ocorrem em uma maior proporção, como nos casos dos influenciadores digitais.

Nesse sentido, a rede digital Instagram, escolhida para esta pesquisa, apresenta algumas dessas características apontadas por Recuero. O Instagram permite o acesso a informações instantâneas, pode ser abordado como espaço de fala, tende a denotar autoria e subjetividade por parte dos seus praticantes e está intrínseco à cibercultura, visto que é uma tecnologia, na qual, o uso ocorre, apenas, com a conexão em rede¹³.

Além do Instagram estar contido no ciberespaço e propiciar práticas ciberculturais entre os seus atores sociais¹⁴, é uma rede aberta à interatividade. Essa questão acontece, pois, “[...] vivenciamos o fortalecimento da interatividade em redes sociais, *blogs*, *wikis*, entre outras interfaces que favorecem a interlocução e a liberação da autoria dos usuários em espaços de expressão e colaboração” (SILVA; SANTOS, 2021, p. 71), ou seja, as redes digitais estão conceituadas, hoje, a partir do termo interatividade.

Essa interatividade na rede ocorre com tamanha frequência, pois a própria ambiência digital proporciona uma dinâmica de alcance em larga escala, para que as pessoas se conectem e dialoguem. Em uma das suas falas, a @professoracamilaqueiroz argumenta que o Instagram, especificamente, tem alcançado um público significativamente maior que outros redes. Isso

¹³ De acordo com Souza (2019), a cibercultura funciona e se fortalece somente a partir das conexões em rede. É esse conceito que a difere das culturas digitais.

¹⁴ Na perspectiva de Macedo e Guerra (2016), os atores sociais produzem interpretações e ações sobre as suas próprias realidades, podendo, para compreender os processos, intervir e edificar.

ocorre porque as próprias estratégias dessa rede são voltadas para o caráter comunicativo e dialógico entre os seus praticantes.

No entanto, nem sempre, as tecnologias prezaram por essas práticas interativas, trocas e socializações por parte dos seus usuários. No século XX, por exemplo, período que havia o predomínio das tecnologias de formato analógico, os praticantes culturais não tinham a possibilidade de intervir nas configurações, de modificar os processos ou de participarem ativamente. Nesse período, a mínima modificação possível nas configurações das tecnologias estava um tanto limitada a praticantes que dominavam aspectos da técnica e da informática. Além disso, o acesso era realizado por conexões fixas, repositório de informações e instruções e delimitado nas práticas de *download* e *upload*.

Com o processo de digitalização, o avanço das redes e a consolidação do digital em rede na sociedade, houve uma descentralização da informação, conteúdo e armazenamento. Dessa forma, as conexões sem fio e a mobilidade foram emergidas, passando a envolver os praticantes culturais, que, agora, são ativos, produtores e modificadores nas redes.

Mesmo evidenciando esses avanços, é importante lembrar que uma nova tecnologia ou um formato tecnológico não elimina outro já existente, mas expande, complementa, inspira um no outro e se configura de acordo com as demandas da sociedade. Sobre essa realidade, Lucena (2018, p. 31) comenta que “não se trata de um aperfeiçoamento tecnológico, mas de uma mídia, que combina e absorve as tecnologias existentes e que poderá produzir outras tantas mídias.”

Como já comentado, tais mudanças estão relacionadas aos avanços de cada época e as formas de se produzir e compartilhar culturas por cada sujeito envolvido nas tecnologias. A respeito dessas alterações tecnológicas, Kenski (2018, p. 140) aponta que “trata-se da ‘criação de uma outra cultura, com outros referenciais’. Uma ruptura com as culturas anteriores, seus conceitos e suas práticas sem, no entanto, exterminá-las integralmente”. Um exemplo desses avanços, nos quais todos participam e imergem no cenário comunicativo é relatado pela prof_nah_cardoso (2022), quando afirma “tanto eu como o aluno, porque embora eu seja professora, eu também sou aluna, muitas vezes estou no Instagram aprendendo com outros professores, o tempo todo”.

Nessa perspectiva, a expansão do ciberespaço e a modificação no âmbito tecnológico sinalizam outras ações e configurações para os interagentes. Lévy (2010) ressalta que, nesse contexto do ciberespaço, há um novo formato para a informação e conhecimento, agora, pautado na comunicação e sociabilidade e nas trocas mútuas. Assim, a partir de tais avanços é que as redes digitais se configuram em suas possibilidades interativas e colaborativas. No

entanto, esses novos formatos não refletem apenas nas redes, mas em toda a sociedade e nos seus sujeitos.

A sociedade tecnologizada coloca todos em contato com todos os tipos de diferenças, ela amplia as possibilidades de comunicação interativa. A presença das tecnologias de informação, comunicação e entretenimento é cada vez maior, e com elas, os conceitos de informação, conectividade e interatividade vem alterando o modo de viver da sociedade (SANTOS; SANTOS, 2020, p. 58).

Dessa forma, nesse processo de transformação social e tecnológica passou a ocorrer, também, uma mudança nos paradigmas lineares, centralizados e unidirecionais das redes. Ao observar o Instagram, por exemplo, percebo, a cada atualização, desde o lançamento do aplicativo, uma maior horizontalidade, no sentido de que o praticante cultural define o seu movimento de comunicar, produzir, interagir e compartilhar.

Essas mudanças tecnológicas e comunicativas fizeram com que houvesse, também, uma reconfiguração nos conceitos de emissor e receptor. Não há mais uma linearidade entre a transmissão do conteúdo por parte do emissor nem uma concentração na passividade do receptor, pois nesta era do digital em rede e das práticas multidirecionais, o emissor não é um mero transmissor de informações, mas propicia opções para que o receptor possa reorganizar, nos seus *espaçostempos*¹⁵, a mensagem partilhada.

Além disso, o processo das tecnologias de massa às digitais implicou em espaços multirreferenciais de implicação e autoria, modificando os papéis dos praticantes de cada rede e ressignificando as suas práticas comunicativas. Em relação a esses sujeitos, Gobbi e Bernadini (2013) afirmam que

[...] o autor e o leitor, produtor e consumidor, a fonte e o receptor, entre muitos outros sujeitos integrados no processo comunicativo começaram a trocar papéis e lugares de forma efetiva, assim como os sistemas e as mídias se alteraram, agregando novas possibilidades e diferentes graus de interatividade (GOBBI; BERNADINI, 2013, p. 47).

Dessa forma, a ênfase não está em quem emite ou em quem recebe, mas em todo o processo e contexto. Em relação à mensagem, por exemplo, antes o foco estava no domínio do emissor, era ele quem transmitia a informação e controlava a situação comunicativa. Nessa concepção, Silva (2014) afirma que a mensagem agora pode ser modificada, conforme as

¹⁵ Nesta pesquisa, o termo *espaçostempos* está escrito dessa forma por se compreender que as ações realizadas com/nos cotidianos não devem estar separadas, passando a se criar, dessa forma, outras significações, não se restringindo a termos fragmentados da ciência moderna. (ALVES, 2015; PEREIRA, 2019; ALVES *et al.*, 2020).

exigências de quem a consulta, explora, manipula e, ainda, que, nessa perspectiva, o receptor pode solicitar ao emissor a mensagem que deseje, de acordo com os seus interesses.

Esse rompimento de paradigmas centralizados e da evolução da cibercultura adentra à fase da web 2.0 que, a partir do crescimento do ciberespaço, da disseminação de aplicativos, da emergência da mobilidade ubíqua¹⁶, ocasionada pelos artefatos sem fio, propiciou uma reorganização do espaço virtual. Além disso, essa fase agrupa possibilidades de criação e está pautada na interatividade entre os sujeitos praticantes.

Para Santos (2019), a cultura da web 2.0 é vista como uma ambiência comunicacional que visa a autoria, o compartilhamento, a conectividade e a colaboração. Ainda, constata que, nessa fase, há um maior engajamento e uma participação colaborativa que difere das informações distribuídas nos meios de massa do século XX. Assim, essa evolução da cibercultura permite que todos interajam e sejam coautores nas conexões em rede.

Essa fase do cenário sociotécnico da cibercultura engloba, também, a era das redes digitais. De acordo com Silva (2021), a web 2.0 pode ser denominada de internet social, visto que, os envolvidos possuem as potencialidades de serem autores, interatores, produtores e gestores. Dessa forma, as redes, inseridas no contexto digital, atingem características que as situam nesse contexto, por serem espaços abertos de comunicação e interatividade entre os praticantes culturais.

Em uma entrevista dada ao jornal espanhol El País¹⁷, em 2021, Pierre Lévy afirma que as práticas comunicativas estão associadas à instantaneidade, à facilidade de colaboração e contidas na transformação do tempo e espaço vivido. Por esse ponto de vista, em seu caráter comunicacional, uma postagem realizada numa rede digital, por exemplo, não é uma mera imagem, mas um potencial interativo. Essa potencialidade pode ocorrer por meio dos recursos e possibilidades que permeiam as interfaces das redes.

Com isso, percebo que a interatividade é o termo que está em volta das redes digitais, visto que, é permitido, ao praticante cultural, agir e se relacionar com outros sujeitos conectados na mesma rede. Assim, na perspectiva das redes, a interatividade emerge e se pauta em uma dinâmica participativa e de colaboração, podendo forjar diversos potenciais comunicativos.

¹⁶ Para Santaella (2013, p. 139), essa ubiquidade é vista como uma “habilidade de se comunicar em qualquer lugar com aparelhos computacionais espalhados pelo meio ambiente”.

¹⁷ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/eps/2021-07-01/pierre-levy-muitos-nao-acreditam-mas-ja-eramos-muito-maus-antes-da-internet.html>. Acesso em: 24 set. 2021.

Mesmo diante dessa imersão da interatividade no contexto do digital em rede, a sua discussão não é atual e também não surgiu com o advento da internet ou das tecnologias digitais. No entanto, a cada rede que surge e a cada implicação do sujeito na rede, esse termo tende a atingir sentidos outros e a se deparar com novas práticas e conceitos.

Silva (2014) aponta que muito ainda se questiona acerca do termo interatividade, pois há a ideia de ser visto apenas como “argumento de venda” ou que não contemple nada além do que o vocábulo interação já contempla. Dessa forma, questiono-me em relação ao que a interatividade abrange que a interação também não aborda? E que, na sociedade contemporânea, há uma disseminação do vocábulo “interatividade”, mas até que ponto esse termo vem sendo utilizado no seu sentido interativo?

Diante desses questionamentos, norteio-me nas teorias de Lévy (2010), Silva (2014; 2015), Lucena (2004; 2008) para esclarecer o que, de fato, pode ser conceituado como interatividade e o que pode se tratar apenas de uma interação. Antes de abordar as perspectivas de cada autor, verifiquei o que o Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009) define sobre os termos interação e interatividade. Nesse contexto, a interação está voltada ao diálogo e a influência recíproca entre coisas ou pessoas, recebendo conceitos próprios em cada área do conhecimento. Já a interatividade está direcionada ao campo da informática e possibilita a capacidade de troca entre os usuários.

Diante da forma como o termo interatividade é organizado e caracterizado atualmente, Pierre Lévy, desde 2000, ressalta que a interatividade está relacionada à participação ativa de sujeitos praticantes. Ademais, para o autor, algumas ações também caracterizam as práticas interativas, como o diálogo, a reciprocidade e a comunicação efetiva.

Para Silva (2015), um dos estudiosos do termo interatividade aqui no Brasil, a distinção entre interação e interatividade ainda é bastante polêmica e ocasiona divergências entre vários autores. Em sua concepção

[...] o termo ‘interação’ está consolidado e diz respeito às ações mútuas entre pessoas, entre pessoas e coisas ou somente entre coisas. O termo ‘interatividade’ é recente, apareceu na década de 1960, no contexto da crítica à mídia de massa, e tornou-se amplamente utilizado na cultura digital ou cibercultura para exprimir ambiência comunicacional ou produto cujo funcionamento permite ao seu usuário algum nível de controle sobre os acontecimentos (SILVA, 2015, p. 43).

Dessa forma, a interatividade emerge da dinâmica participativa dos envolvidos e da pretensão em se desfazer de obras fechadas, unilaterais e de práticas altamente transmissivas.

Para isso, Silva (2014) aponta a ideia do “todos-todos”, também já discutida por Lévy (2010), nessa perspectiva da interatividade, em que todos contribuem, intervêm, modificam e se autorizam.

Por optar em suas pesquisas e obras pelo conceito de interatividade, Silva (2014) justifica que o termo interação já é muito vasto e que não suporta mais especificidades. Por isso, aponta como vantagem da interatividade, em relação ao outro termo interação, sujeitos que evoluem no tempo e que possuem a liberdade para criar e participar.

Ainda sobre essa imergência do termo interatividade, Silva (2014) ressalta que perpassa por três esferas e que não se delimita ao campo da informática ou da relação humano-computador, como ainda é conceituada e vista, por exemplo, na definição do dicionário Houaiss. A figura 14 apresenta essas esferas de circulação, demarcadas pelo autor, e as suas relações com o termo interatividade

Figura 14 – Esferas da Interatividade



Em relação à esfera tecnológica, o Silva (2014) define a interatividade no aspecto de que o praticante é o modificador do conteúdo, diferenciando do que se era permitido nas tecnologias tradicionais. Além disso, a interatividade no contexto tecnológico digital compreende inovação, ação e menos passividade do usuário.

Na esfera mercadológica, “[...] as empresas podem lançar mão da interatividade para servir a seus objetos mercadológicos” (SILVA, 2014, p. 53). No entanto, para que a interatividade ocorra nessa esfera, não basta somente apresentar o produto, mas propiciar a intervenção do consumidor, dando-lhes possibilidade de modificar o produto, conforme as suas intencionalidades.

No que diz respeito à interatividade no âmbito social, o autor detalha o novo perfil da sociedade, caracterizado pela diversidade e organização em redes. A interatividade nessa esfera está mais atenta ao público, à flexibilidade comunicativa e à capacidade de produzir e de intervir nas demandas e funcionalidades sociais.

Além dessas esferas, Silva (2014) apresenta que a interatividade está fundamentada a partir de três binômios: participação-intervenção, bidirecionalidade-hibridação e permutabilidade-potencialidade. O primeiro binômio reflete acerca dos processos comunicacionais e das suas possibilidades de participar e intervir, o segundo binômio critica a dissociação existente entre emissor e receptor, enquanto o terceiro binômio preza pela liberdade no processo comunicativo e por informações não sequenciais.

Ainda sobre as características da interatividade, segundo Lucena (2008, p. 123) “[...] permite que o sujeito crie seu próprio percurso, seu próprio caminho e sua própria programação. Ela pode ser um roteiro aberto a modificações, mas nunca uma rota linear a ser seguida”. Dessa forma, percebo que a interatividade surge como um rompimento de paradigmas já centrados na sociedade, em relação às práticas comunicativas fechadas e unidirecionais.

Nas concepções desses autores, a interatividade tem grande reconhecimento na abordagem tecnológica, contudo não se restringe a essa esfera. Lucena (2004, p. 2) afirma que “[...] a interatividade não está restrita apenas à relação pessoa humana máquina, mas que ela é uma forma de comunicação bidirecional que pode estar presente tanto nas relações sociais como também nos ambientes virtuais”. Dessa forma, independentemente da ambiência em que ocorra, o interagir enfatiza as relações e se caracteriza pela modificação da informação passada pelo outro.

De acordo com o ponto de vista abordado pelos autores, nem tudo o que se acredita ser, é, de fato, interatividade, por vezes, pode se tratar apenas de uma interação. No entanto, não se trata, aqui, de eliminar um conceito e adotar outro, mas utilizar o mais cabível para os potenciais comunicativos no contexto das redes digitais, nesse caso, a interatividade. Além dessa importância em compreender os aspectos interativos nas redes, é considerável discutir acerca das suas atuações e finalidades no contexto social. Para tanto, dialogo nas seguintes subseções sobre as intencionalidades das plataformas digitais em rede, das relações com as redes digitais e dos impactos para os indivíduos conectados, bem como os avanços da rede Instagram e o seu uso interativo no contexto educacional.

3.1 PLATAFORMAS DIGITAIS EM REDE – @jogandoojogodarede

O Instagram, abordado nesta pesquisa como rede digital, também é um aplicativo que, junto a tantos outros, formam uma rede de multiplataformas on-line. Essas ambiências digitais são utilizadas, atualmente, para diversos fins e em variados contextos de atuação, tais como:

marketing para negócios, conteúdos de entretenimento, divulgação científica, publicação de conteúdos educacionais, dentre outros. Por isso, é preciso compreender a amplitude de suas dinâmicas e relações.

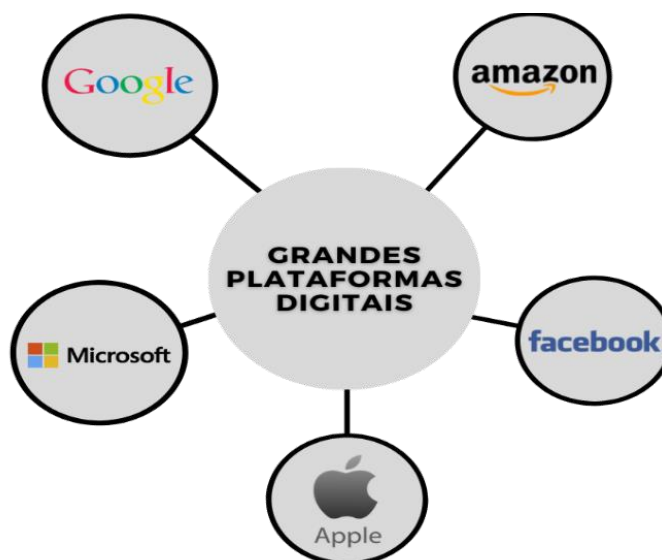
Dessa forma, são as grandes plataformas que, hoje, sustentam as redes digitais e as apresentam nos cotidianos dos seus praticantes culturais de distintas maneiras e propósitos. Nessa relação entre humano e rede, resultado da sociedade globalizada, as plataformas agem e modificam as ações dos seus sujeitos, por exemplo, induzem no consumo ou compartilhamento de determinado conteúdo, produto ou informação. Ou seja, as plataformas condicionam as maneiras como as redes digitais são construídas e utilizadas pelas populações, de modo o uso, por vezes, não é espontâneo, pois há uma determinação própria da plataforma,

Ao longo dos anos, os conceitos e intencionalidades de plataformas digitais foram modificados, até porque tais plataformas também passaram por transformações no modo de agir perante a sociedade tecnológica. Hoje, um dos principais intuitos das plataformas digitais é fazer com que o sujeito envolvido esteja engajado na rede, e para que isso aconteça, é preciso que o praticante compreenda o algoritmo¹⁸ da plataforma.

De acordo com Silveira (2017), os algoritmos de uma plataforma definem o que deve ser visto e a ordem com que se vê. A ordem de visualização dos *stories* no Instagram, por exemplo, é delimitada conforme a lógica algorítmica da rede, que determina a sequência a partir das principais interações que o indivíduo realiza na rede. Dessa forma, para o autor, os algoritmos não são neutros e os praticantes das grandes plataformas são imersos em uma jaula digital, em que os comportamentos, ideologias e interesses são controlados por essa lógica algorítmica das plataformas.

Dentre as inúmeras plataformas do contexto digital, atualmente, estão as *Big Five*, que utilizo na perspectiva de Lemos (2021) ou as GAFAM, abordadas segundo a perspectiva de Silva, Aragão e Pretto (2021). Nesses grupos, estão as grandes plataformas que “dominam” a sociedade e a economia digital. A figura 15 apresenta cada uma delas:

¹⁸ São os dados ou regras de uma rede, que determinam as ações e atuações dos praticantes culturais. Lemos (2021a) afirma que a cultura desses algoritmos define a realidade e a cultura digital atual e que as ações dos sujeitos conectados também dependem das redes.

Figura 15 – Plataformas Digitais

Fonte: Elaborada pela autora (2021).

O monopólio dessas grandes plataformas, expostas na figura 15, contorna boa parte das ações sociais e adentra, cotidianamente, sem que ao menos se perceba, nas culturas de inúmeros cidadãos. A pandemia da Covid-19, a título de exemplo, foi um disparador para a atuação das mencionadas plataformas e de tantas outras que também estão intrínsecas a esse conjunto, pelo fato de muitas atividades cotidianas passarem a acontecer nessas ambiências digitais.

Dessa forma, observando algumas características das *Big Five*, percebo que essas perpassam por uma lógica algorítmica, em que dados¹⁹ e informações dos seus praticantes são cedidos constantemente. Nesse ponto de vista, D’Andréa (2020) alega que as plataformas online são, de fato, fundamentadas pela conectividade e pelo intercâmbio de dados e por discursos pautados na agilidade e inovação.

Assim, dentre as suas argumentações, o autor citado destaca que “uma plataforma é alimentada com dados, automatizada e organizada por meio de algoritmos e interfaces, formalizada por meio de relações de propriedade orientadas por modelos de negócios e regidas por acordos de usuários” (D’ANDRÉA, 2020, p. 9). Essa ideia confirma o fato de que as grandes plataformas possuem o poder de convencer os seus praticantes e de influenciar nas suas ações.

¹⁹ Para Lemos (2021a), essa perspectiva dos dados está pautada na ideia de medir, transformar e traduzir as coisas do mundo.

Nesse sentido, há um outro olhar e percepção em relação às tecnologias digitais e às suas usabilidades. Sobre isso, Lévy (2010, p. 12) já destacava que “não quero de forma alguma dar a impressão de que tudo o que é feito nas redes digitais seja “bom”. Isso seria tão absurdo quanto supor que todos os filmes sejam excelentes. Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade”.

Em consonância com Lévy, sobre essa questão do comportamento e recepção às grandes plataformas, Moura e Viana (2020, p. 111) comentam que “[...] é importante salientar que valores de bom/mau uso das tecnologias digitais não se devem às máquinas em si. Isto porque, são valores presos a questões éticas e morais, logo, cabe a quem vai utilizá-las fazer bom/mau uso”. Dessa forma, mesmo diante da enormidade das plataformas, é preciso cautela no que diz respeito às informações, tanto ao que é compartilhado, quanto ao que se absorve.

Para que se tenha bom uso nessas plataformas, é necessário que haja regras, política de bom funcionamento e mecanismos de governança. No entanto, ser levado de uma fase a outra, da ausência ao excesso de redes e conteúdos, faz com que a sociedade esteja diante do capitalismo global de dados, que é ofertado pelas grandes plataformas on-line e, conseqüentemente, pela plataformização digital (LEMOS, 2020).

Por plataformização, D’Andréa (2020) compreende que para ocorrer o funcionamento de muitos blogs, sites, portais, redes, é preciso que esses estejam condizentes com protocolos e funcionalidades demarcados pelas grandes plataformas digitais. Então, o que a sociedade tecnológica vivencia, hoje, advém, bastante, do controle que as grandes plataformas possuem, ocasionando, assim, esse processo de plataformização.

Além dos efeitos da plataformização, a sociedade perpassa pelo curso da dataficação. “Esse é um processo de tradução da vida em dados digitais rastreáveis, quantificáveis, analisáveis, performativos” (LEMOS, 2021b, p. 194). A dataficação evidencia que, em todas as ações realizadas pelos praticantes culturais nas grandes plataformas, há uma conversão desses comportamentos em dados, criando objetos de interesse ao público e, assim, moldando essa cultura.

Com a dataficação, não há um impacto somente nas relações digitais, mas atinge, negativamente, também o meio ambiente e, sobretudo, a vida. Nessa perspectiva, as multiplataformas atraem os praticantes culturais de forma demasiada, que passam a atuar e consumir desenfreadamente, gerando, assim, uma maior necessidade de matéria prima.

De acordo com Lemos (2019), as culturas digitais contemporâneas estão perpassando e inserindo as suas ações nos cenários da Plataformização, Dataficação e Performatividade

Algorítmica (PDPA). Para o autor, esses pilares são os centralizadores da cibercultura e coloca em dúvida os ideais de liberdade propostos para as culturas digitais atuais. No contexto dessas ações digitais, Lemos (2021b) enfatiza que elas atuam de acordo com a seguinte perspectiva:

Quadro 5 – Plataformização, dataficação e perfomatividade algorítmica (PDPA)

Plataformização	Conversão de qualquer forma de expressão em dados operacionalizáveis.
Dataficação	Estímulo à produção, captura e fornecimento desses dados (data e capta) para megaestruturas de <i>hardware</i> e <i>software</i> .
Perfomatividade Algorítmica	O agenciamento algorítmico projetar cenários de ação e de indução atual e futuro.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Lemos (2021b, p. 195).

Nessa perspectiva, as redes são, também, grandes empresas que, por vezes, almejam lucros e, com isso, fazem com que os seus praticantes sejam alvo dos seus processos a partir da vigilância dos dados. Assim,

[...] os usuários estão sendo permanentemente vigiados, tendo os seus dados captados intencionalmente, voluntariamente ou não, e muitas vezes sem o conhecimento ou o consentimento esclarecidos. São as suas ações, transformadas em dados digitais, que vão gerar riquezas para essas empresas (LEMONS, 2021a, p. 64).

O documentário Privacidade Hackeada, lançado em 2019²⁰, expressa essa realidade, quando aborda a questão de como as plataformas preveem o comportamento humano, no mundo conectado, do compartilhamento e das trocas que são possíveis pelas redes. Além disso, é evidente a maneira como, em situações diárias – compras on-line, buscas na rede, localizações –, as plataformas coletam dados e se conectam à identidade do usuário.

Nesse contexto, pelo objeto da minha pesquisa ser relacionado diretamente ao Instagram, e estar imersa em uma sociedade, na qual o digital em rede está em evidência, destaco as maneiras como as redes digitais estão inseridas nesses aspectos de vigilância e

²⁰ Disponível na plataforma Netflix, considerada como “um serviço de transmissão online que oferece uma ampla variedade de séries, filmes e documentários premiados em milhares de aparelhos conectados à internet.” Disponível em: <https://www.netflix.com/br/> Acesso em: 01 out. 2021.

exposição excessiva. Assim, é importante ressaltar que o Instagram também faz parte dessas grandes plataformas, pois está no mesmo conglomerado²¹ de empresas digitais que o Facebook e WhatsApp, também inseridos nas *Big Five*.

Com a emergência das redes digitais na sociedade contemporânea, a exposição dos seus praticantes culturais é algo comum. Cotidianamente, diversas ações de cada perfil são compartilhadas, curtidas, publicadas, comentadas e visíveis na rede. Segundo Couto (2015, p. 52),

[...] uma das características do nosso tempo é a constante exposição da vida na internet. A quantidade de informações pessoais torna-se cada vez maior e mais acessível, especialmente nas redes sociais digitais. Estamos mais expostos e, conseqüentemente, mais vulneráveis. A vaidade estabelece um jogo de vale tudo pela notoriedade. Aparecer, ser visto, curtido e seguido são valores que organizam o cotidiano e constroem as subjetividades.

Dessa forma, essas redes que circulam no contexto digital são fundamentais para a interatividade virtual e caracterizam a sociedade tecnologizada. No entanto, é importante que o sujeito esteja atento às políticas de funcionamento de cada rede, tenham seus lugares de fala e possam, de fato, atuar e compartilhar as suas subjetividades, sem ser apenas receptores passivos.

Ainda nesse sentido da atuação dos praticantes culturais nas redes digitais, Kaufman e Santaella (2021, p. 9) comentam que “[...] os usuários dessas plataformas deveriam ter recursos disponíveis para interferir na filtragem de conteúdo em vez da entrega passiva ao desígnio dos algoritmos.” Com isso, nas redes, é possível e preciso saber filtrar informações, para que, além de evitar as desinformações propagadas diariamente nas redes digitais, os sujeitos conectados possam definir, com um determinado cuidado, os seus usos.

A disseminação de muito conteúdo, atuação dos usuários, alta exposição e vigilância por parte das redes, requer dos praticantes culturais, inseridos nessas redes digitais, uma apropriação mais cautelosa e uma reflexão das suas usabilidades no contexto das redes sociais. Sobre o comportamento dos sujeitos conectados em rede, Couto (2015, p. 56) também afirma que é preciso

[...] revelar-se de maneira seletiva e administrar graus de exposição são ações que interpelam cada sujeito para uma participação ativa e responsável nas redes sociais digitais. É um processo educativo. O importante é que cada um se torne seu próprio agente de relações públicas e, ao compartilhar aquilo que

²¹ O Instagram, Facebook e WhatsApp estão, atualmente, sob um mesmo domínio, administrados pelo programador e empresário norte-americano Mark Zuckerberg. Apenas o Facebook foi fundado por Zuckerberg e seus colaboradores no ano de 2004, já o Instagram foi comprado em 2012 e o WhatsApp no ano de 2014.

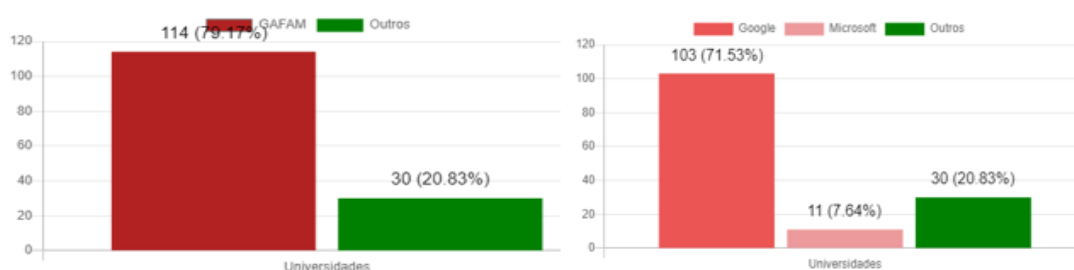
deseja de si, contribua para reconfigurar a esfera pública. Nesse processo, é inegável o aumento da diversidade, da pluralidade, da diferença, do emaranhado complexo da vida construída no luxo do excesso criativo.

Nessa perspectiva, é certo que as redes digitais e as suas inserções nas grandes plataformas digitais alteram, influenciam as ações e comportamentos dos praticantes culturais que se conectam a elas. Contudo, como proposto por Couto (2015), ainda é possível ser seletivo, ativo e responsável na atuação dessas redes, por isso a pertinência da educação ocupar os espaços da rede para promover essa condição implicada e cuidadosa. Nesse sentido, a @profaleticia alega que, no contexto do seu perfil, ela precisa de determinadas cautelas para entender as estratégias da rede e não ser prejudicada quanto aos seus usos e publicações.

No que se refere à atuação das grandes plataformas no contexto educacional, o Observatório de Educação Vigia²², idealizado por pesquisadores e organizações, investiga a questão da plataformização, delimitada à educação pública. Com o intuito de melhor observar a realidade das instituições, foi criado um *software* para mapear e obter um significativo número de dados acerca dessa questão.

No Brasil, em 2021, foi mapeado e analisado pelo observatório um quantitativo de 144 universidades públicas, buscando perceber as instituições que utilizam plataformas digitais e aquelas que optam por outros serviços. A figura 16, extraída do site Educação Vigia, demonstra os resultados encontrados na pesquisa.

Figura 16 – Resultados da pesquisa do Observatório de Educação Vigia



Fonte: Observatório de Educação Vigia (2021).

A partir dos resultados, há ainda uma maior utilização das grandes plataformas nas universidades públicas brasileiras, em relação a outros serviços. Na UFS, por exemplo, onde estou vinculada ao mestrado acadêmico e o local em que esta pesquisa está se delineando, foi

²² Disponível em: <https://educacaovigiada.org.br/>. Acesso em: 05 out. 2021.

feito um levantamento acerca dos serviços de e-mail adotados pela instituição. Com a investigação, foi constatado que a UFS utiliza tanto os e-mails das grandes plataformas digitais, quanto serviços de e-mails que não estão associados a essas plataformas.

Figura 17 – Serviços de e-mails adotados pela Universidade Federal de Sergipe

Universidades	Departamento/Faculdade	E-mail	GAFAM?	Servidor
Universidade Federal de Sergipe				
Universidade Federal de Sergipe	Universidade Federal de Sergipe - Acadêmico	academico.ufs.br	 GAFAM	Google
Universidade Federal de Sergipe	Universidade Federal de Sergipe	ufs.br	 Não-GAFAM	Others

Fonte: Observatório de Educação Viglada (2021).

Embora se compreenda que muitos discentes, docentes e parte da sociedade estão imersos nas redes e nas plataformas, para evitar que a educação esteja pautada nos discursos das grandes plataformas, sobretudo no período pandêmico, muitos autores já adotam a ideia de utilizar *softwares* livres²³ no contexto educacional. Além disso, há instituições que utilizam em suas atividades Recursos Educacionais Abertos (REA).

Silveira (2017, p. 61) acredita que “[...] uma sociedade democrática exige algoritmos abertos”, e é nesse sentido que Aragão, Brunet e Pretto (2021) também chamam atenção à necessidade de se hackear a educação por dentro, na perspectiva de prezar por uma educação que esteja atenta aos desafios e questões contemporâneas, que se trabalhe como todo material disponível e cabível às instituições. Além disso, os autores enfatizam e prezam por uma educação aberta, configurada em movimentos livres e em sujeitos autores, colaborativos e heterogêneos.

Essas licenças livres e movimentos abertos nos cenários educativos vão além de um ensino e aprendizagem centrados/delimitados aos espaços físicos e formais das instituições, até porque, na contemporaneidade, os discentes e docentes aprendem e ensinam, a todo tempo, em diversas ambiências. Sobre essa perspectiva, Porto, Nascimento e Alves (2020) dialogam

²³ “Diz respeito a valores, dentre os quais o compartilhamento, a cooperação e a liberdade são os principais. O desenvolvimento de um *software* livre é essencialmente um ato colaborativo e de compartilhamento, e é graças a essa mobilização das comunidades em torno de determinados projetos que eles são desenvolvidos e aperfeiçoados. [...] Para ser livre, um *software* precisa obedecer a alguns princípios, que, essencialmente, são princípios de liberdade: a liberdade de criar, transformar, copiar, editar, distribuir e adaptar o *software* da melhor maneira possível (ARAGÃO; BRUNET; PRETTO, 2021, p. 8).

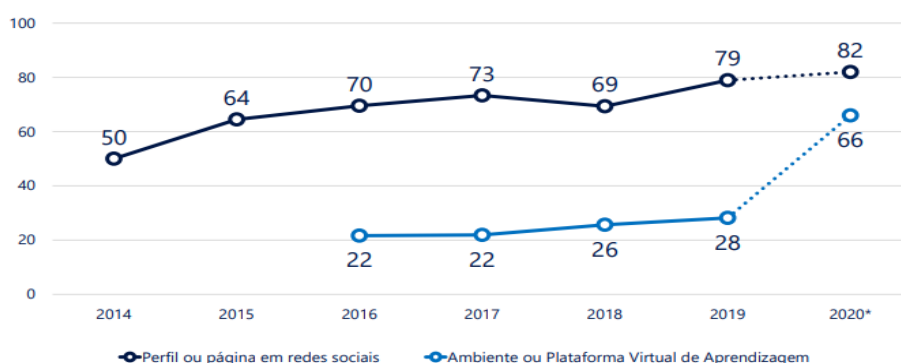
acerca da necessidade de desconstruir, principalmente para o aluno, a ideia de que o aprendizado ocorre somente na sala de aula e que as atividades que se realizam fora dela são para entretenimento e lazer. Ainda em relação a essa possibilidade de aprendizagens na rede, Amiel e Thiago (2015, p. 111) discorrem que

[...] a facilidade de reproduzir, manipular e acessar recursos tem proporcionado um crescimento potencial de nossas redes de aprendizado para além das instituições que conferem reconhecimento formal (como escolas e universidades). Ao contrário das oportunidades formais, tidas como estruturadas e rígidas, estruturas emergentes têm entre suas características a auto-organização, a não existência de objetivo final claro e comum para todos os aprendizes e a primazia das atividades colaborativas.

Nessa perspectiva, o discurso aqui proposto, sobre a atuação das plataformas na sociedade contemporânea, não se trata de abordar uma aversão quanto ao uso dessas plataformas. Essa ideia não faria sentido, visto que, a pesquisa em questão, está se contornando em uma delas, mas é preciso cautela ao se apropriar das plataformas, saber filtrar o que consome, o que produz e o que se compartilha nas redes.

Inclusive, a edição de 2020, da pesquisa TIC Educação²⁴, desenvolvida pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), constatou que o uso de plataformas, aplicativos e redes digitais no contexto educacional aumentou, significativamente, no período da pandemia. Outra situação evidente nos resultados da pesquisa é o aumento de escolas e discentes que criaram perfil ou páginas nas redes e/ou utilizaram plataformas ou ambientes de aprendizagem, como consta na figura 18.

Figura 18 – Escolas urbanas que possuem perfil/página em redes sociais ou utilizam ambiente virtual de aprendizagem (2014 – 2020)



Fonte: TIC Educação (2020).

²⁴ Disponível em: <https://www.cetic.br/pesquisa/educacao/>. Acesso em: 05 out. 2021.

Como se percebe, o avanço dos usos dessas redes e plataformas muito se deve à disseminação dos dispositivos móveis, aplicativos e ao contexto da pandemia da Covid-19, em que, mesmo diante dessa sociedade e plataformas altamente capitalistas, muitas instituições e professores conseguiram ressignificar as aprendizagens nesses contextos digitais. A autora Fantin exemplifica, a partir da plataforma YouTube, a questão dos usos dessas redes nas práticas pedagógicas:

[...] ainda que plataformas de compartilhamento de vídeos como o Youtube, por exemplo, propiciem aprendizagens singulares, personalizadas, flexíveis, sob demandas e com uma variedade de recursos, métodos e técnicas multimodais, é uma plataforma comercial, mediada e controlada por diversos interesses, mas que também propicia diferentes tipos de relações pedagógicas (FANTIN, 2020, p. 3)

Dessa forma, mesmo que se compreenda os potenciais pedagógicos das redes, para que o conhecimento e as aprendizagens sejam propiciados, é preciso ter pensamento crítico em relação às intencionalidades da plataforma. Nesse contexto, a @eiprofa.deyse diz que a métrica do Instagram, para os seus atuantes, é algo difícil de compreender e que é importante ter cautelas nos usos, nas publicações e compartilhamento de conteúdos. Essa ação faz-se necessária, pois as redes são muito amplas e constituídas por inúmeros praticantes, por isso é importante filtrar o que se acessa e como o conteúdo é abordado.

Para que essa cautela nos usos das redes seja efetivada, sobretudo no âmbito da educação, “[...] uma formação educacional é indispensável. Só isso capacita o ser humano para o exercício do pensamento crítico, pois é este que funciona como antídoto contra crenças infundadas (KAUFMAN; SANTAELLA, 2020, p. 9). Dessa forma, no contexto de uma sociedade interligada e conectada às redes digitais, preciso repensar as práticas pedagógicas e as formas como essas redes estão sendo aplicadas à educação.

Lemos (2021a) reforça essa ideia ao afirmar que as ações realizadas nas redes digitais não são neutras e que, para inseri-las na educação, são fundamentais algumas ações educativas sobre esses usos. Para Lemos, mesmo as plataformas estando relacionadas a agências performativas, com o uso das redes, a educação pode ser ampliada, conectada de um lugar a outro, favorecendo, nesse sentido, as aprendizagens ubíquas²⁵. Além disso,

²⁵ Esse termo está pautado na aprendizagem aberta, espontânea, sem lugar definido e com acesso à informação livre (CAMPOS *et. al.*, 2012)

[...] as redes digitais, as conexões eletrônicas, as formas de união permitem fazer muitas coisas juntos. Há possibilidades emancipadoras, colaborativas, solidárias, inegáveis. [...] é nossa responsabilidade pensarmos sobre como usamos uma rede social (seja digital ou não), o que estamos de fato produzindo, não como potência para um mundo do por vir, mas topicamente, materialmente, no lugar que habitamos (LEMOS, 2021a, p. 79).

Nessa perspectiva de Lemos (2021), as conexões potencializam múltiplas possibilidades de usos e de construção de saberes nas redes digitais quando associadas ao contexto da educação. No entanto, além da importância, já comentada pelos autores, de se aplicar formações educacionais para professores, educandos e/ou gestores, as reflexões individuais, quanto ao acesso das redes e das grandes plataformas, são essenciais para que as práticas de ensino e aprendizagem, com as redes, possam, de fato, propiciar uma educação aberta, autêntica e com sujeitos implicados.

3.2 A REDE DIGITAL INSTAGRAM – @decifrandooinsta

A rede social digital reconhecida, hoje, mundialmente, foi lançada no ano de 2010, pelo engenheiro norte-americano Kevin Systrom, juntamente com o brasileiro Mike Krieger. O aplicativo foi popularizado, primeiramente, nos Estados Unidos e se expandiu, em seguida, para outros países. A princípio, o Instagram estava disponível apenas na versão IOS, adicionando, em 2012, a opção Android.

No ano que sucedeu o lançamento, o Instagram já possuía inúmeros usuários, por ser uma rede surgida com o intuito de facilitar a execução, edição, compartilhamento e a publicação de imagens, amenizando distância e propiciando entretenimento aos praticantes. Ademais, outra das primeiras configurações do Instagram, era que as fotografias tratadas no aplicativo, apenas poderiam ser postadas em um formato delimitado pelo próprio *software*.

Figura 19 – Primeiro Layout do Instagram em 2010



Fonte: Blog Folha Uol (2020).

Desde o lançamento do Instagram, em 2010, esse aplicativo se tornou difundido, principalmente pelo público jovem, que se “[...] apropriou das tecnologias e as transformou completamente, de um meio meramente receptor de informações para um meio de expressão de ideias e de manifestação da pluralidade e de cidadania” (PRETTO, 2010, s/p). Posteriormente, essa rede atingiu, também, um alcance significativo nas demais faixas etárias.

O Instagram alcançou uma marca de inúmeros praticantes ativos em todo o mundo, esses praticantes estão engajados na rede e fazem com que o aplicativo seja cada vez mais reconhecido. Com o aumento no número de sujeitos conectados e os avanços digitais, a rede atualiza as suas funções periodicamente, inserindo recursos e aprimorando os existentes.

Assim, o Instagram tornou-se amplamente reconhecido, devido à popularização dos dispositivos móveis na sociedade, característica da mobilidade ubíqua, que permite o acesso às redes de diferentes espaços, sem estar conectado a um artefato fixo. Nesse sentido, estando intrínseco a essa realidade ubíqua, o Instagram é facilmente acessado pelas interfaces móveis (telefones celulares, notebooks, tablets) e está presente em uma rede de aplicativos, apto a possibilidades de *downloads* no dispositivo móvel.

Para escolha e acesso a essa rede “[...] não basta apenas termos informações sobre suas funcionalidades é necessário experienciar o aplicativo, compreender suas (im)possibilidades e se preciso criar táticas de praticantes da cibercultura para produzirmos nossas próprias autorias” (LUCENA; SANTOS, 2019, p. 663). Dessa forma, com o Instagram, é possível que o praticante, a partir das suas experiências na rede, possa definir os seus propósitos, produzir e compartilhar as suas culturas em rede.

As redes digitais avançam cotidianamente, conforme as modificações da sociedade e as necessidades dos seus sujeitos. Com o Instagram, o seu percurso de funcionamento não foi

diferente. Em 2012, a rede foi comprada pelo programador norte-americano Mark Zuckerberg, também dono das plataformas digitais WhatsApp e Facebook.

Desde então, muitos recursos do Instagram também foram integrados ao Facebook e ao WhatsApp e muitas das suas funcionalidades foram alteradas e/ou adaptadas. Antes, por exemplo, as publicações do Instagram eram distribuídas de maneira cronológica, atualmente, os conteúdos são vistos por ordem de relevância e pelos seguidores que mais engajam e interagem com o perfil, tal como, uma publicação antiga e uma página com poucos seguidores tendem a ter um menor alcance e engajamento. Essa prática confirma a lógica algorítmica das redes.

Em outras ações na rede Instagram também é perceptível como a plataforma atua e se modifica para conquistar praticantes ativos e engajados. Dentre os redirecionamentos dessa rede, D'Andréa (2020, p. 20) afirma que o Instagram “[...] anunciou, no início de 2019, que a soma de curtidas em uma postagem não seria mais exibida para os seguidores de um perfil, o que exemplifica os constantes processos de ajustes reposicionamento que caracteriza a atuação das plataformas online”.

Além dessa reconfiguração do Instagram, várias outras também demarcaram os percursos dessa rede²⁶, até chegar às suas finalidades atuais. Entre as alterações do Instagram, como praticante ativa dessa rede, desde 2013, percebo que foram inseridos muitos recursos e suas formas de uso se atualizam com frequência, de acordo com as novas estratégias.

Atualmente, os recursos do aplicativo são expandidos, os conteúdos/postagens, criados por seus praticantes culturais, e as conexões que os envolvem são compostos e estão mais voltados à comunicação entre os indivíduos, abrangendo elementos comunicativos diversificados. Esses componentes da rede estimulam a presença e participação do outro. No seu perfil, a @profavivianenovais relata que se não publica, não interage com o seu público, perde seguidores de forma instantânea.

Nesse sentido, a partir de tais avanços e das atuais possibilidades, o Instagram aprimora as potencialidades, visando o caráter comunicativo dos praticantes imersos em suas interfaces. Além desses aspectos comunicativos, na concepção de Santos (2019), o Instagram

²⁶Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/04/instagram-relembre-as-maiores-mudancas-da-rede-social-de-foto.ghml>. Acesso em: 07 out. 2021.

[...] permite criação e edição de imagens, principalmente fotográficas. É possível criação e compartilhamento de pequenos vídeos. Sua interface engendra uma rede social com recursos de geolocalização, o que permite uma conexão ubíqua com diversos autores que deixam seus rastros localizados no programa (SANTOS, 2019, p. 120).

Um outro potencial emergente da rede digital Instagram está relacionado à criação de conteúdos e a perfis de sujeitos que criam publicações em seus mais diversos segmentos. De acordo com informações extraídas do site oficial do Instagram (2021)²⁷, a rede está priorizando a conexão de muitas pessoas, a construção de influências e criação de conteúdos de forma mais autêntica e atraente, propiciando variadas maneiras de expressão, por parte dos usuários.

Dessa forma, compreendo que o Instagram e as demais redes digitais são a reprodução da sociedade contemporânea, pois, nelas, os sujeitos sociais se conectam e estão presentes a todo tempo. Nessas redes, os praticantes culturais podem interagir, compartilhar, narrar os cotidianos, produzir suas autorias e subjetividades em rede. Assim, diante dessas possibilidades de usos da rede, proponho, para o tópico seguinte, discussões acerca da inserção do Instagram no contexto educacional.

3.3 INSTAGRAM: rede interativa no contexto educacional – @interagindoeeducando

Ao discutir sobre redes digitais, atualmente, é importante destacar que essas redes não se restringem somente aos contextos digitais, pois, como já mencionado em tópicos anteriores, a relação que se tem com familiares, amigos, sociedade também é característica das redes, da formação de laços e conexões sociais. Com a era na qual a sociedade está situada, os atributos anteriormente mencionados acerca da web 2.0, enfatizam que as práticas comunicativas e o processo de atuação nas redes são naturalmente modificados.

Assim, na contemporaneidade, as redes digitais estão mais utilizáveis e são consideradas espaços propícios para a interatividade entre os seus praticantes. Diante disso, levar essas redes à educação é inserir os cotidianos dos educandos nos seus processos de aprendizagem e propiciar professores atuantes e praticantes culturais na conexão em rede. No entanto, as interações em rede são hoje manipuladas pelos algoritmos e esse capitalismo de dados pode ameaçar as relações sociais e, nesse contexto, educativas.

²⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/>. Acesso em: 13 out. 2021.

Por isso, diante desse ritmo acelerado de informações que envolve a sociedade, do crescente surgimento de redes digitais e dessas modificações nas redes já existentes, é considerável que também sejam aplicadas à educação, como forma de despertar práticas reflexivas, cautelas quanto ao seu uso e que os sujeitos possam ser atores e produtores da mensagem em rede, reduzindo as práticas transmissivas e conteudistas, ainda presentes em sala de aula. Assim, enfatiza a busca por uma educação atenta às potencialidades das redes e do contemporâneo.

Castells (2014) comenta acerca da obsolescência da educação²⁸, no sentido de que ainda há uma aprendizagem e uma forma de ensinar muito baseada na transmissão de conteúdos e na dominância do professor em relação ao aluno. Quanto a essa realidade, o autor afirma que, para desconstruir uma aprendizagem obsoleta, são necessários outros critérios para a busca da aprendizagem.

Assim, as mudanças sociais também são importantes que sejam introduzidas à educação, justamente, para amenizar essas práticas comentadas por Castells. À vista disso, Lévy (2021) afirma que o acesso ao conhecimento e à cultura acontece de forma acelerada, mas ainda há uma inadequação entre essa cultura e ao que se acontece nas instituições escolares. De modo que, a escola, sociedade e tecnologia continuam dissociadas.

Dessa forma, vejo que os desafios quanto ao comunicar, interagir e introduzir as redes ainda são frequentes nos âmbitos escolares. A constância dessas ocorrências se dá pelo fato de que

[...] a escola não se encontra em sintonia com a emergência da interatividade. Encontra-se alheia ao *espírito do tempo* e mantém-se fechada em si mesma, em seus rituais de transmissão, quando seu entorno modifica-se fundamentalmente em nova dimensão comunicacional (SILVA, 2014, p. 84).

Nessa perspectiva, ainda percebo uma educação muito pautada em seus aspectos formais, institucionais e restritos à sala de aula. No entanto, muito se aprende e ensina nas práticas que professores e alunos desenvolvem e observam, cotidianamente, nas suas redes digitais. Essas ambiências digitais, consideradas não formais, oferecem subsídios para a construção dos saberes e enfatizam a ideia de que é possível fazer educação na rede e com a rede.

²⁸ Disponível em: https://www.fronteras.com/noticias/manuel-castells-explica-a-obsolescencia-da-educacao-contemporanea-1427125019?fbclid=IwAR3YR_JLPhmE07iCti6bW-4rv5JNMQGdJgQnWQcj6f87HIqY26FhMXBgxU. Acesso em: 25 out. 2021.

A educação no contexto da cibercultura propicia uma aprendizagem em rede, de modo que o conhecimento ocorra a partir das trocas sociais dos sujeitos conectados. Em seu perfil, a @eiprofa.deyse (2022) relata “agora, recentemente, eu fiz um drive de materiais, então eu tento compartilhar, por exemplo, materiais que são de mais difícil acesso, livros completos, coisas que eu sei que nem todo mundo consegue encontrar e que são necessárias”. Essa atuação da docente evidencia que aprendizagem também ocorre no ciberespaço e experiencia diversas possibilidades comunicativas, pois, o compartilhamento desses materiais seguido de interatividade leva a outras ações entre professora e seguidor, como, autonomia, diálogo e conectividade.

Como os educandos da contemporaneidade já estão altamente imersos nas culturas digitais, é importante que as práticas docentes também estejam associadas a essa imersão. Esses praticantes culturais – professor, educando – implicados no virtual, podem aprender a aprender nas redes e em seus cotidianos plurais.

Atualmente, é bastante perceptível a quantidade de professores que atuam nas redes digitais. Nesse período de pandemia, por exemplo, muito se vê a presença das redes para educação e de professores envolvidos no ensino em rede, atuando em aulas on-line, por diversas plataformas, *lives*, webconferências, dentre outros formatos digitais.

No contexto das redes para a educação, Silva (2014) ressalta que o professor não é um mero transmissor de conhecimentos, mas passa a proporcionar o aprendizado de forma livre e plural. Além disso, tanto o professor quanto os seus educandos e/ou seguidores das redes podem participar e intervir em todo o processo de aprendizagem.

Na perspectiva de ensino e aprendizagem interativos e realizados no contexto de uma rede social digital, como o Instagram, que além de ser composto por uma rede de perfis, é demarcado por vários grupos de pessoas, permite que a educação interativa seja possível a partir das suas funcionalidades e recursos. Assim, pode haver troca de um professor que comanda para um aluno que interage, participa colaborativamente e contribui para a construção do conhecimento.

Nesse sentido, cada funcionalidade do aplicativo não é somente um ícone de publicação e visualização de conteúdo, mas um espaço para construção de sentidos e de práticas sociais. Essa rede pode, ainda, potencializar e ressignificar as aprendizagens, percebendo, nesse sentido, que a educação em uma ambiência não formal atua em conformidade com os avanços do tempo atual.

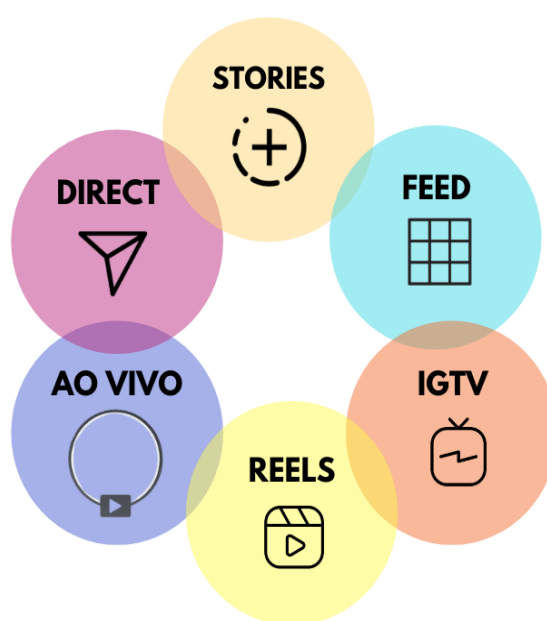
Em relação à minha implicação de pesquisadora, enquanto professora de Língua Portuguesa, percebo que a rede social digital Instagram, como espaço interativo virtual e ambiência comunicativa, integra uma multiplicidade de linguagens. Por isso, ao criar um perfil no Instagram e tornar um usuário ativo dessa rede, o praticante, a partir das linguagens que permeiam esse dispositivo, pode se comunicar, proporcionar enunciados com finalidades específicas e possibilitar experiências outras de interatividade.

Os processos comunicativos se desenvolvem no Instagram, devido à variedade das linguagens e textos que circulam nessa ambiência virtual. Desse modo, o caráter interativo do Instagram é caracterizado por essas multiplicidades de recursos e conexões. Segundo Souza, Couto e Bonilla (2018, p. 89),

[...] os interagentes que usufruem destes recursos produzem e publicam conteúdos continuamente, seguindo o fluxo de novidades constantes que caracteriza esta conjuntura. Expõem, nesta dinâmica, com breves textos, imagens, GIFs e vídeos, um potencial ativo, criativo e interativo.

Nesse contexto, o processo de interatividade no Instagram pode ocorrer pelos seguintes recursos, disponibilizados e atualizados pela própria rede social, mas adaptados para cada intencionalidade dos praticantes. Assim, no período em que esta pesquisa está situada, as funcionalidades interativas do Instagram foram observadas conforme figura 20.

Figura 20 – Recursos do Instagram



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Dentre essas interfaces da rede social Instagram, o *story* caracteriza-se como histórias imagéticas, sonoras e temporárias, visualizadas apenas no período de 24 horas ou mantidas em uma aba, denominada destaques, permanecendo disponível no perfil do usuário. As funcionalidades do *story* podem potencializar a interatividade entre o administrador do perfil e os seus seguidores a partir de legendas, comentários, enquetes, menção de pessoas, localização geográfica, perguntas, testes, inserção de áudios e sites, diálogos com emojis, *gifs* e figurinhas.

Os *stories* foram introduzidos ao Instagram somente no ano de 2016, porém a cada atualização da rede é considerada uma das funcionalidades mais utilizada. Esse recurso se caracteriza, principalmente, por narrar as ações mais cotidianas dos sujeitos conectados, pois são pautadas no caráter flexível e aligeirado da comunicação. Além disso, essa funcionalidade da rede serve

[...] para captar o movimento dos interagentes, o acontecer de suas vidas cotidianas e contingentes, seguindo, assim, a perspectiva de mobilidade entre espaços físicos e virtuais. A sequência de publicações neste recurso tem como objetivo contar a história de um dia, uma narrativa efêmera que logo é substituída pela história do dia seguinte. São registros do presente, fugazes, instantâneos, cuja intenção é exhibir o devir da vida (SOUZA; COUTO; BONILLA, 2018, p. 85).

Muitos praticantes imersos nessa cultura do Instagram, optam, também, por interagirem no *feed*, primeiro espaço do aplicativo disponível para publicações, que reúne, em ordem cronológica, semelhante a uma linha do tempo, todas as postagens inseridas pelo usuário, de forma permanente. Para se publicar nesse recurso da rede, é necessário que as imagens ou vídeos atendam ao padrão proposto pela rede social em relação às suas dimensões horizontais e verticais. A principal interatividade desse recurso se dá a partir da troca de comentários nas publicações.

Tendo em vista práticas de autonomia, colaboração e interatividade, após algumas atualizações, outras situações comunicativas foram inseridas no Instagram. O IGTV é um desses espaços de autoria, que possibilita a produção de vídeos, com duração acima de um minuto, exibidos ao perfil sem um tempo de duração delimitado. Nessa funcionalidade, as publicações ficam visíveis no *feed* do usuário, permitindo curtidas, comentários e compartilhamentos.

O *reels* é uma das interfaces de produção, colaboração e interatividade mais recentes do Instagram, lançada em meados de 2020, permite a criação, gravação, edição ou dublagem de

vídeos curtos, expostos ao perfil do usuário. Os vídeos do *reels*, no Instagram, costumam ser produzidos de maneira divertida, utilizando possibilidades de textos, imagens e sons interativos, essa funcionalidade foi inspirada nos recursos da rede social digital TikTok, lançada em 2016 e altamente acessada na sociedade contemporânea.²⁹

Além dessas configurações, a aba ao vivo também faz com que o praticante seja interativo e colaborativo, pois possibilita a transmissão em tempo real, podendo ser compartilhada e comentada até o término da sua execução. O ao vivo do Instagram, introduzido no aplicativo em 2016, permite a participação simultânea de quatro perfis distintos e o compartilhamento de imagens, podendo, ao final, permanecer salvo e compartilhado no perfil do criador.

O *direct* é outro recurso do Instagram que consiste em um bate-papo, possibilitando o envio de mensagens, imagens e vídeos, de forma individual, para um único perfil, ou coletiva, para vários usuários. Com as últimas atualizações, no *direct*, também é possível realizar chamadas de vídeos divertidas e interativas entre os sujeitos implicados, além de possibilitar o compartilhamento de publicações.

Hoje, o Instagram *direct* já potencializa a interatividade por meio de grupos de usuários, como já ocorria em outras redes digitais, como WhatsApp e Telegram, por exemplo. Esses grupos são criados por administradores e utilizados para diversos fins. Muitos professores já utilizam dessa recente interface para criar grupos com suas turmas e/ou colegas.

O site oficial do Instagram denomina essas funcionalidades de recursos e delimita as que estão inseridas no processo de criação de publicações e de comunicação entre os seus praticantes. Além dos recursos anteriormente mencionados, o Instagram permite que a interatividade ocorra a partir de algumas ações entre os usuários.

Quadro 6 – Ações do Instagram para práticas interativas entre os praticantes

AÇÕES	ÍCONES
Curtidas	
Comentários	
Compartilhamentos	
Salvamentos	

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

²⁹ Disponível em: <https://www.tiktok.com/pt-BR/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

O uso do arroba (@) e da *hashtag* (#) também favorece as práticas interativas dos atores sociais no Instagram. Esses recursos, geralmente, precedem o nome de perfis ou de palavra-chave para a localização de perfis, assuntos e/ou lugares, propiciando, também, maior alcance e visibilidade aos usuários.

Diante desses recursos e ações do Instagram que podem proporcionar a interatividade entre perfis e seus respectivos usuários, é perceptível o quanto essas práticas interativas podem potencializar práticas pedagógicas. Dessa forma, muitos professores atuam nas conexões em redes, a fim de promover aprendizagens, que prezem pela intervenção e autoria dos envolvidos.

4 ACHADOS DA PESQUISA: O ENCONTRO COM AS NOÇÕES SUBSUNÇORAS

Criei uma identidade, um perfil que as pessoas pudessem entender que eu sou professora, estou na rede e quero compartilhar a minha rotina.

@profavivianenovais

Após produzir os dados acerca das práticas das professoras na rede digital Instagram, adentrei ao momento de interpretação desses elementos, desenvolvidos de forma oral, no caso das entrevistas, e visual, quando se refere às publicações nos perfis. Diante disso, os dados construídos pelas docentes não se tratam de algo que já estava concluído, integralizado, mas, para ir ao encontro de um processo de análise que atingisse os objetivos desta pesquisa, priorizei informações emergidas ao longo da observação-interativa e das entrevistas on-line com as professoras.

Para tanto, tomei como base, nesse processo interpretativo, as noções subsunçoras, pois focam nas participantes, relacionam teoria e empiria e são encontradas a partir dos dados desenvolvidos no decorrer da pesquisa. Como já comentado, as noções são advindas do campo e, a partir delas, há uma união entre participantes, implicados com o objeto da investigação, e os dispositivos. Nessa concepção, esta pesquisadora também está inserida, sobretudo, pela função de compreender, posteriormente, as noções de acordo com a realidade na qual a investigação foi realizada.

Na perspectiva de Macedo (2009), as noções subsunçoras têm uma ampla capacidade de inclusão e evitam interpretações fragmentadas das informações perpassadas no decorrer da pesquisa. Assim, todas as inferências e ações das participantes têm prioridades, observando os acontecimentos, contradições da realidade e não os anulando no processo de análise, até porque essa restrição de dados impede que a questão de pesquisa seja respondida e os objetivos alcançados. No entanto, o que pode ocorrer é uma redução dos dados para o encontro das unidades significativas, no momento de interpretação.

Macedo (2009) comenta que as noções subsunçoras são emergentes do campo e, no contexto das pesquisas qualitativas, almejam uma interpretação do fenômeno estudado e, para encontrá-las, é importante desenvolver algumas operações cognitivas, utilizadas como passos e

estratégias na imergência dessas noções. Essas operações tendem a causar inquietações no pesquisador, pois a pesquisa apresenta um objeto específico e sujeitos heterogêneos, conforme figura 21.

Figura 21 – Operações cognitivas para o encontro das noções subsunçoras



Fonte: Oliveira (2020, p. 162)

A figura 21 representa as operações cognitivas propostas por Macedo (2010). Cada uma delas foi essencial no itinerário de escolha das noções para oferecer respostas à questão norteadora e relacionar os dados desenvolvidos pelas professoras. Em vista disso, essas operações não ocorreram de forma linear na pesquisa e, a cada etapa, foi preciso revisitá-las, a fim de reagrupar as informações e unidades significativas.

Nesta pesquisa, a operação referente ao exame minucioso dos elementos aconteceu, no momento da transcrição das cinco entrevistas realizadas com as docentes, totalizando um quantitativo de 43 páginas de dados escritos, além das publicações nos perfis e das notas realizadas no meu *app-diário*. Diante da quantidade de dados, essa etapa da pesquisa trouxe-me algumas inquietações e preocupações no que diz respeito ao encontro das noções subsunçoras.

No entanto, ao voltar para as operações cognitivas, a parte da codificação desses elementos me auxiliou em uma melhor organização dos dados. Para tanto, agrupei a transcrição das entrevistas, conforme os principais pontos do roteiro e filtrei algumas informações mais relevantes e significativas, retirando aquelas não relacionadas ao objeto da pesquisa, como, por exemplo, assuntos da vida pessoal da participante alheios à atuação no perfil profissional.

Após o momento de organização dos dados, reuni as informações e palavras-chave comuns entre as protagonistas da pesquisa no ato das entrevistas. Com esse reagrupamento das unidades significativas, percebi que as noções estavam, claramente, surgindo e necessitava nomeá-las, a partir dos princípios da sistematização textual, para, com as nomenclaturas designadas, as noções fossem descritas e os resultados representados em cada uma delas.

Em relação à meta-análise, como operação cognitiva, esteve atrelada ao processo de organização do mapa semântico, composto pelas narrativas de cada participante, os principais achados, o reagrupamento em noções subsunçoras, citações e autores teóricos relacionados à temática de cada noção. Assim, cada etapa das operações cognitivas foi importante para interpretar os acontecimentos, sentidos e saberes constituídos e advindos no campo da pesquisa.

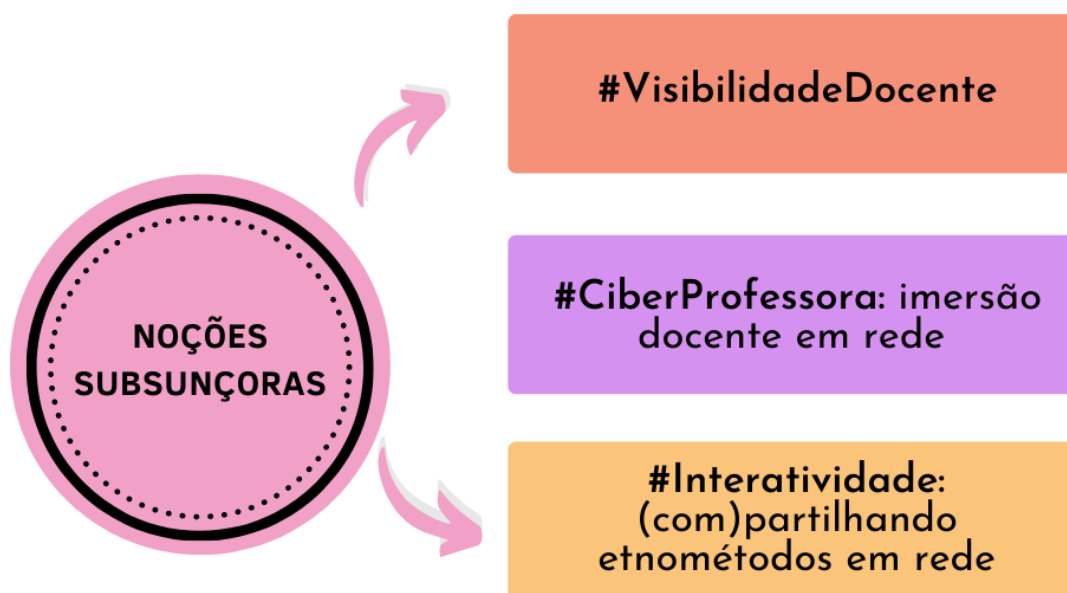
Além de seguir os princípios das operações cognitivas, apresentados por Macedo (2009), o processo de produção dos sentidos para a identificação das noções subsunçoras também requer um rigor hermenêutico (MACEDO, 2009), como um caminho para a compreensão das unidades, e uma relação com toda a abordagem multirreferencial, a netnografia, os respectivos dispositivos e praticantes da pesquisa. A netnografia multirreferencial foi de extrema importância para a compreensão dos sentidos, pois precisei lançar mão de alguns elementos de análise de dados netnográficos para, posteriormente, interpretá-los.

Sobre isso, por exemplo, Kozinets (2014) afirma que os dados de uma pesquisa netnográfica não deve ser apenas escritos e focar somente nas informações perpassadas no momento das entrevistas on-line. Como essa pesquisa acontece em uma rede digital, altamente imagética e multimodal, é fundamental que a interpretação dos dados esteja voltada para todos estes elementos. Para tanto, o pesquisador

[...] deve incluir os aspectos gráficos, visuais, de áudio e audiovisuais dos dados da comunidade online. [...] Vários aspectos dos dados visuais podem ser analisados: o uso de imagens gráficas em movimento, ou emoticons; o uso da cor, tipo de fontes e design gráfico; imagens e fotografias; e leiautes de páginas e mensagens. Cada aspecto é um evento de comunicação e importância (KOZINETTS, 2014, p. 127).

Sob essa perspectiva, mesmo com o embasamento teórico para auxiliar no encontro das noções subsunçoras, questionei-me, diversas vezes, acerca de quais saberes e noções seriam necessários para evidenciar as práticas interativas das professoras em seus perfis no Instagram? Em virtude dessas incertezas, retornei às principais características da noção subsunçora, para realizar uma interpretação dialógica entre teoria-empíria (RIBEIRO, 2015), que pudesse ser designada em uma palavra, frase ou expressão e traduzisse o que ocorre de maior relevância na fala do participante e no campo da pesquisa. Sendo assim, após inúmeras reflexões nesse processo interpretativo, emergiram três noções subsunçoras para esta pesquisa: #VisibilidadeDocente³⁰, #CiberProfessora: imersão docente na rede e #Interatividade: (com)partilhando etnométodos em rede.

Figura 22 – Noções subsunçoras



Fonte: Elaborada pela autora (2022).

A primeira noção, “#VisibilidadeDocente surgiu com o intuito de compreender a criação de perfis de professores de Língua Portuguesa como uma oportunidade de alcançar visibilidade, não somente no contexto de possuir um perfil na rede, mas como um meio de divulgação e diálogo acerca da sua área. A noção #CiberProfessora: imersão docente na rede contempla a ocupação do docente em rede e desconstrói a ideia de que o professor ainda é ou está alheio às

³⁰ As noções subsunçoras foram nomeadas com o uso da hashtag (#) por ser um recurso/linguagem comum à rede digital Instagram.

tecnologias. A terceira noção, #Interatividade: (com)partilhando etnométodos em rede, concentra-se em como os professores atuam nos perfis do Instagram, interagem, compartilham suas experiências e formam redes.

4.1 #VisibilidadeDocente

O avanço das redes digitais, nas mais diversas instâncias da sociedade, evocou significados e possibilidades outras se comparado à formação de redes no contato presencial: um encontro com amigos, reunião de trabalho ou em uma viagem familiar, por exemplo. O termo visibilidade, nesse contexto, é um dos casos que adquire uma nova interpretação mediante o âmbito virtual, pois a rede em si possui a característica de os seus atuantes serem expostos, vistos, lembrados, independentemente de nicho e/ou área de atuação desempenhada na rede.

O Dicionário Michaelis (1998) apresenta o vocábulo visibilidade como a capacidade de ser visível e de se perceber a partir da visão. No entanto, ao tratar da participação nas redes, noto que alcançar visibilidade no ciberespaço está além desses conceitos cunhados no dicionário. Assim, no digital, é inegável que o visível mantém relação com o ser popular, interativo e (re)conhecido, pois, essa visibilidade, forjada em rede, está em conexão com as ações e experiências realizadas por cada participante no âmbito virtual.

Na tentativa de melhor esclarecer um conceito para a visibilidade no entorno das redes digitais, especificamente nesta pesquisa com o Instagram, pauto-me em Fraga (2019, p. 76), que também corrobora com a concepção do termo como fenômeno que representa mais do que ser visto e percebido em uma ambiência digital. Diante disso, a autora define essa ideia do ser visível em rede como

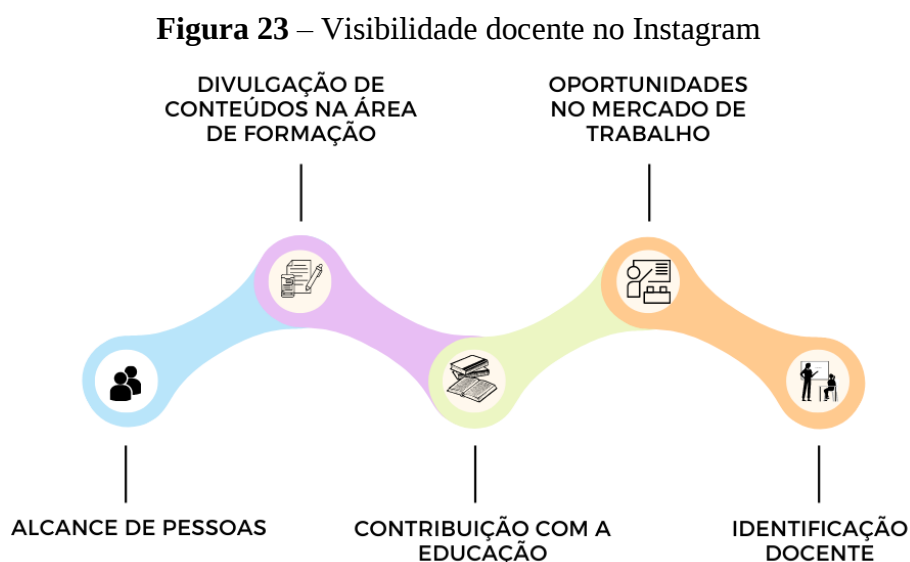
[...] um valor e envolve uma equação aparentemente simples: se estamos conectados e publicamos algo, consequentemente, seremos vistos, curtidos e comentados, seja por um número maior ou menor de seguidores. [...] Encontramos, nas diversas redes digitais, espaço para a publicização dessas narrativas, redes que não se restringem apenas ao compartilhamento, mas que são também fecundas à audiência e à visibilidade dessas produções (FRAGA, 2019, p. 77).

Nessa perspectiva, a própria dinâmica da rede estimula o praticante, com base em suas atuações, a querer, cada vez mais, atingir o seu espaço de visibilidade na rede. Além dessa questão, as características atuais dos a(u)tores nos contextos das suas redes não se limitam a

uma visibilidade passiva, de reprodução de informações ou mera observação, mas esses participantes lançam mão de práticas criativas, colaborativas, imersivas, interativas e, sobretudo, voltadas aos principais aspectos e interesses dos seguidores/público-alvo.

Ao abordar essa discussão sobre visibilidade na rede digital, vale lembrar que, no cenário atual, os diversos setores da sociedade, pessoais e/ou profissionais, buscam, a partir das suas narrativas, essa transparência no ciberespaço. No entanto, especificando o ato de ser visível nas redes para o campo da educação, como definir a visibilidade do docente no contexto de uma rede? Por que o professor também quer ser visto em seus perfis profissionais? Como um docente pode ter visibilidade em seu perfil na rede?

Frente a esses questionamentos, ao analisar o campo de atuação desta pesquisa, as cinco professoras, graduadas em Letras, no momento da entrevista on-line, alegam que o fato de atuarem na rede Instagram, em seus perfis profissionais, garante uma visibilidade positiva para a sua formação e docência, em geral. A figura 23 representa os principais motivos pelos quais essas docentes buscam visibilidade em seus perfis:



Fonte: Elaborada pela autora (2022).

As professoras relatam que um dos fatores para impulsionar visibilidade em seus perfis profissionais está relacionado à divulgação de conteúdos específicos para área de formação, no caso delas, a docência em Língua Portuguesa. Ao realizar um breve mapeamento de perfis profissionais no Instagram, é explícita a grande quantidade de profissionais e estudantes de direito, medicina e, ainda, perfis voltados à venda ou ao marketing digital, por exemplo. No

entanto, mesmo diante do crescimento acelerado desses perfis em rede, ainda há uma carência de páginas voltadas à educação, especificamente no campo das Letras, quando comparado a outras áreas de atuação.

A professora @ei.profadeyse (2022), atuante em seu perfil na dimensão de divulgação científica e rotina acadêmica, na condição de mestrandia em uma universidade pública e de protagonista desta pesquisa, argumenta que o seu principal objetivo, para conseguir visibilidade no Instagram, é alcançar pessoas com a mesma dificuldade que ela, ao buscar perfis profissionais voltados a sua área específica. Sobre isso, a professora relata, quando perguntado acerca da motivação inicial para estar no Instagram, que seria

passar uma orientação sobre o processo seletivo, sobre organização ou uma leitura ou então uma prática descrita, não necessariamente algo geral, algo genérico, que sirva para todas as áreas, porque a gente tem as nossas particularidades, o que se aplica para a gente não é o mesmo que se aplica para o pessoal de direito, para o pessoal de medicina, para o das engenharias. Então, tentar falar em uma linguagem, expor exemplos, apresentar práticas que sirvam pra gente, pra gente que é de humanas, que é de linguagens, que é de educação, com tudo que envolve o nosso universo propriamente dito (@ei.profadeyse, 2022).

Essa atuação da professora em seu perfil vem como uma necessidade de publicizar determinados assuntos pouco disponíveis em rede, como os específicos das suas áreas de atuação. Nesse sentido, Recuero (2014) aponta que a visibilidade no contexto digital também pode ser uma forma de apoio, de se mostrar presente para o outro, no caso do perfil da docente @ei.profadeyse, que pode auxiliar os seguidores de inúmeras formas, já que compartilha os seus saberes e fragilidades. A partir desse ponto, a visibilidade docente em rede também se constitui como uma fonte de conhecimento, divulgação e trocas entre os pares, nesse caso, seguidores com a mesma formação e interesses acadêmicos semelhantes.

Um outro ponto que incita a visibilidade de docentes de Língua Portuguesa na rede Instagram é a busca de oportunidades no mercado de trabalho. Muitos docentes da área criam perfis com o intuito de serem (re)conhecidos, ter o seu trabalho divulgado, mostrar a sua atuação e experiências para o público e, assim, conseguir maior alcance profissional e valorização docente. A professora @leticiasantos possui um perfil referente à redação do ENEM e como, desde o início da sua formação, tinha a pretensão de atrair alunos em fase de prestar esse tipo de exame, o maior objetivo com a criação do perfil foi, então, uma visibilidade para a divulgação do seu trabalho, o alcance de alunos e a fundação do curso de redação para Enem. Em vista disso, a docente compreende que

[...] o Instagram possibilitou uma troca muito gigante e percebi que as pessoas estavam tendo mais oportunidade de emprego mesmo, quando estavam nas redes sociais. Então, por perceber isso, e por ter em mente que eu gostaria de no futuro ter um curso de redação, eu pensei: como é que as pessoas vão me conhecer se eu não estiver na internet? Dividindo a minha rotina ali, compartilhando dicas e tudo mais (@profaleticiasantos, 2022).

Assim, ao observar o perfil da professora, ela utiliza os próprios recursos da rede em busca dessa visibilidade com os seguidores. Para a divulgação do curso de redação no Instagram, o qual ela oferta nas modalidades on-line e presencial, a docente desfruta da possibilidade de acrescentar links na área principal do seu perfil, difunde também nos destaques, a partir de depoimentos de alunos, resultados positivos de discentes participantes do curso, rotina diária dos estudantes e dicas de redação. Essa ação com os recursos do perfil está expressa na figura 24.

Figura 24 – Recursos utilizados pela professora para potencializar visibilidade em seu perfil



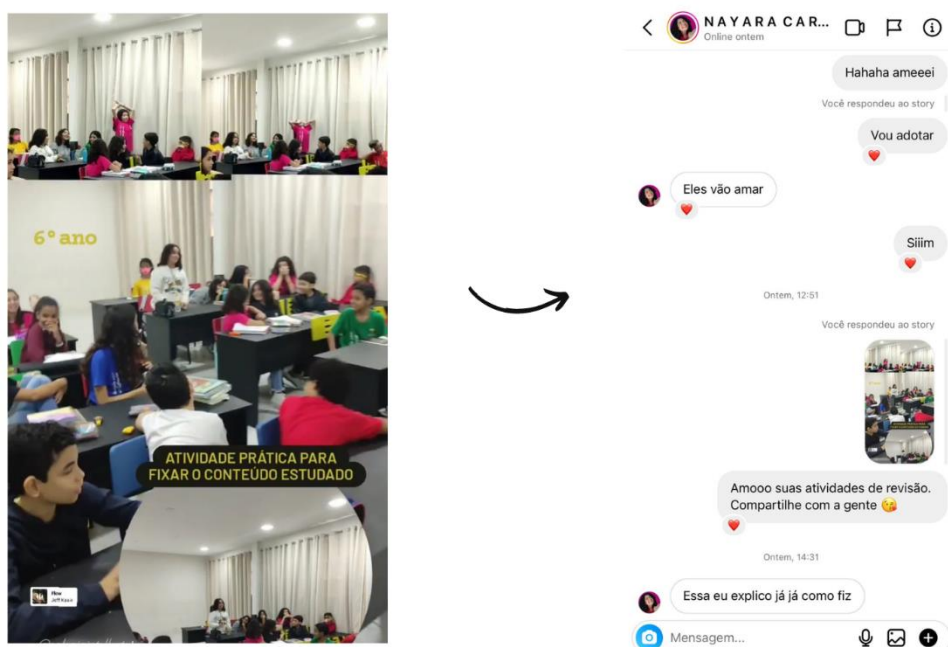
Fonte: Captura de tela do perfil @profaleticiasantos (2022).

Nesta pesquisa, o perfil da professora Letícia foi delimitado na dimensão de atuação acerca de conteúdos voltados à redação do Enem. Contudo, além dessa especificidade, a professora empreende e utiliza a rede e os seus recursos, como exposto na Figura 24, para alcançar pessoas com interesses nesse campo. Diante disso, de acordo com as docentes entrevistadas, a visibilidade na rede está relacionada também a esse alcance de seguidores.

Outra participante da pesquisa, a @profa_nah_cardoso (2022), com o seu perfil direcionado ao compartilhamento de dicas gramaticais e, ainda, de atividades pedagógicas para

o ensino de Língua Portuguesa afirma que a rede “é uma maneira de conseguir alcançar pessoas, no quesito econômico e também na questão da língua mesmo, de conseguir alcançar pessoas para ajudar”. Assim, a fim de comprovar essa ideia do auxílio que o perfil traz para professores e alunos, a Figura 25 apresenta um diálogo no meu perfil profissional e no da professora, compartilhando sugestões de atividades dinâmicas para o ensino, algo cotidiano nesta página.

Figura 25 – Compartilhamento de atividades pedagógicas



Fonte: Captura de tela do perfil @profa_nay_cardoso (2022).

Perante o exposto, as professoras relatam também para atingir uma visibilidade forjada em rede, quando se fala no alcance de seguidores, é preciso que os conteúdos do perfil estejam direcionados ao seu público-alvo, no caso dos perfis investigados, a maior concentração de seguidores está em alunos e professores.

Quadro 7 – Público-alvo das professoras no Instagram

PERFIL	DIMENSÕES DE ATUAÇÃO
@profaleticiasantos	Vestibulandos e professores
@eiprofa.deyse	Graduandos/as de Letras e estudantes de pós-graduação
@professoracamilaqueiroz	Alunos de diversas áreas
@profavivianenovais	Estudantes e professores
@profa_nah_cardoso	Alunos

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As informações do quadro 7 refletem no que Couto (2015, p. 55) comenta, ao abordar que “[...] a visibilidade implica o fato de que cada um tem sua audiência”, ou seja, para que os perfis docentes obtenham a visibilidade desejada, é necessário conhecer o seu entorno. Sendo assim, percebo a importância de o professor conhecer o seu público e produzir materiais próprios para ele. Logo, essa prática não compactua com a elaboração de materiais autodidatas, mas preza para que o aluno e/ou professor seguidor da rede seja parte do processo. Com isso, é considerável conhecer o público para adequar o conteúdo do perfil e, assim, conseguir visibilidade com os seguidores, com o nicho e público mais pertinente: discentes, docentes ou pessoas interessadas em Língua Portuguesa.

No perfil @profaleticiasantos, por exemplo, observei uma grande quantidade de postagens realizadas no *feed*, em média três publicações diárias. Com isso, algumas dessas publicações havia uma maior quantidade de curtidas e comentários e, em outras, o processo de interatividade era reduzido. Diante dessa observação, a professora alega acerca da importância de criar publicações voltadas ao interesse do público, e é por esse motivo que as praticantes culturais da pesquisa também observaram uma interatividade cotidiana em seus perfis. Pois, antes de conhecer o público-alvo do perfil, as postagens eram mais abrangentes e distantes dos seguidores, o que ocasionava em curtidas, comentários mínimos e pouco retorno por parte dos seguidores.

Nessa busca por visibilidade docente em rede, além da questão em alcançar pessoas relacionadas à área de atuação de cada professor, foi perceptível, a partir do contato cotidiano com as cinco docentes entrevistadas, que há uma diferença entre a visibilidade dessas professoras em rede e outros perfis conhecidos nacionalmente no Instagram ou, também, em redes distintas, a exemplo do Youtube ou TikTok. Para Lemos (2021, p. 50), as principais características acerca do uso das redes digitais na sociedade contemporânea estão no fato de buscar sempre “atrair uma grande quantidade de espectadores” e de ser “surpreendente ou novo”. No entanto, esse primeiro aspecto não ficou tão evidente nos perfis observados para esta pesquisa.

A visibilidade dessas docentes é diferente da visibilidade de um professor popular em um canal no YouTube. Para elas, o número de seguidor não é o aspecto mais importante para a garantia de visibilidade. Nesses perfis, não há um trabalho de marketing muito expressivo para impulsionar e dar essa visibilidade, ademais, notei que as protagonistas da pesquisa agem com uma determinada cautela para não relacionar o estar visível no Instagram com vendas altamente massivas do seu trabalho, transformando o intuito principal, que é contribuir na formação das

pessoas, e inicial do perfil, o que implica na ausência de interatividade e na redução da qualidade do conteúdo.

Em um dos momentos da entrevista on-line, ao questionar a @profaleticiasantos se havia outros profissionais que administravam o perfil junto a ela, diante das suas demandas diárias, a professora relata que ela é a única responsável pela página, pois, em sua percepção, é necessário conhecer o seu público, ter uma aproximação maior e entender a linguagem desses alunos, sem, dessa forma, terceirizar o seu trabalho. Em relação a isso, segundo Santana (2014), a visibilidade na rede valoriza o sujeito socialmente no que pensa, faz e gosta de fazer. Isso significa que a subjetividade de cada seguidor tem que ser considerada, por esse motivo, a visibilidade excessiva pode prejudicar o contato mais aproximado com o público-alvo, focando, cada vez mais, na grande quantidade de seguidores e menos, na qualidade do conteúdo e da troca mútua constante.

Após esses destaques acerca de alcançar pessoas em rede, conhecer os interesses dos seguidores e a comparação da visibilidade entre alguns perfis profissionais, outros motivos relacionados à visibilidade docente em rede refere-se à contribuição do professor na educação e, ainda do profissional identificado na rede como um discente que atua, interage e compartilha os seus saberes. Nesse sentido, a @profavivianenovais narra que a motivação inicial para estar visível no Instagram envolveu o fato de ser reconhecida como professora e contribuir com a educação, em destaque, no local em que vive.

[...] criei, assim, uma identidade, um perfil que as pessoas pudessem entender: primeiro ponto, que eu sou professora e que ali elas podem encontrar a minha rotina. O segundo fato foi, justamente, mostrar meu trabalho, mostrar que eu sou formada, mostrar que eu estou aqui na cidade, que eu posso contribuir com a educação da cidade. Então esses dois motivos foram essenciais para a criação desse perfil que nós vemos hoje. Eu precisava me mostrar mesmo enquanto profissional, enquanto professora aqui (@profavivianenovais, 2022).

Diante de tal afirmativa, compreendo que a visibilidade almejada por essa professora, está além da busca por um espaço profissional, mas uma forma de se reconhecer e ser reconhecida como docente ativa na rede. Quanto a isso, Couto (2019) relata a visibilidade em rede se caracteriza, justamente, como um meio valorização docente. Em consonância com esse pensamento, a visibilidade, nesse caso, ultrapassa o sentido de ganhar destaque, visto que, denota a importância da atuação do professor e o papel que ocupa não somente na dimensão educacional, mas social.

Após comentar sobre cada potencializador de visibilidade apontado pelas professoras participantes, entendo a visibilidade docente em e na rede como uma forma de ampliar os seus espaços de ensino, além da educação formal, e também de aprendizagem, pois essas docentes estabelecem conexões com o seu público e compartilham saberes cotidianamente. Em conexão com essa noção subsunçora, no próximo tópico, discuto acerca da importância de o professor imergir as ambiências das redes digitais e como essa ocupação docente pode significar meios de aprendizagem, redes de possibilidades, incentivo, inspiração e multiplicidade.

4.2 #CiberProfessora: imersão docente na rede

Na época atual, a quantidade de usuários ativos na internet já ultrapassa a marca de 4 bilhões. Esses participantes, cotidianamente, acessam, pesquisam, publicam e compartilham os seus interesses pessoais e profissionais. Ao observar o entorno no qual convivo, essa conexão ao ciberespaço ocorre, na maioria das vezes, por meio dos dispositivos móveis: *smartphones*, *notebooks* e *tablets*. Diante desse cenário, o instantâneo e a mobilidade prevalecem, as redes digitais ocupam um espaço significativo na vida dos seus participantes, pois possibilitam a ampliação dos espaços físicos para o virtual, são marcadas pela conexão interativa entre pares e pela alta disseminação de conteúdos em um curto período.

Levando essa discussão ao contexto educacional, será que os professores também estão imersos na cibercultura? Como os docentes ocupam as redes profissionalmente? As instituições escolares e a educação, em geral, estimulam a imersão de professores e alunos nas redes, como forma de ampliar os conhecimentos para além da sala de aula física? Em relação a esses questionamentos, que ainda causam impactos sociais, a pesquisa desenvolvida pela Cetic.br³¹, na edição Covid-19, em 2021, sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras constatou que, de 100 professores participantes, apenas três não utilizavam a internet em suas atuações pessoais e/ou profissionais.

Diante dessa perspectiva, nem todo professor está imerso e atua na rede. Contudo, há um quantitativo bem mais amplo de docentes que ocupam essas redes, com o intuito, sobretudo, de desconstruir a ideia de que o professor ainda é ou está alheio às tecnologias digitais. Com a pandemia, o ensino remoto emergencial foi uma prática urgente para manter as aulas, na qual,

³¹ **Fonte:** CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras – (TIC) Educação 2021 (Edição COVID-19 - Metodologia adaptada).

muitos docentes reinventaram as suas metodologias e, de fato, imergiram extensamente nos aplicativos de redes digitais. Contudo, Lemos (2021, p. 95) afirma que

[...] a atual pandemia de Covid-19 realçou problemas da infraestrutura do país que já eram bem visíveis, e tornou ainda mais evidente o despreparo dos professores e das escolas para lidar com o problema da educação a distância. As escolas e universidades têm dificuldades na utilização das Tecnologias de Comunicação e Informação para dar conta de processos pedagógicos em meio ao isolamento social imposto pelo novo coronavírus.

Assim, essa educação a distância, bastante propagada em inúmeras instituições brasileiras, principalmente durante e após o período pandêmico, por vezes, prejudica o processo da interatividade em si, entre professor e aluno e entre a própria turma. Há muitas plataformas de ensino a distância e ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), que o professor não aparece, as atividades são realizadas a partir de material escrito, acreditando que tais mecanismos serão suficientes para o processo de aprendizagem do discente, como uma indução à autoaprendizagem. Nesse caso, existe uma diferença evidente com o docente que se expõe na tela, mostra, realiza o seu trabalho efetivamente em rede, interage, dialoga e demonstra autoria.

As ciberprofessoras desta pesquisa, nomeadas dessa forma por serem docentes já imersas na cibercultura e atuantes nos seus perfis em rede, demonstram que, em qualquer relação virtual, é necessário o contato mais aproximado com o seu seguidor, para o atrair e mantê-lo, também, imerso nessa rede. Além disso, esse diálogo existente elimina o caráter mecânico e virtual de muitos perfis profissionais, como aqueles de vendas massivas, comentados na noção subsunçora “#VisibilidadeDocente”. Diante dessa característica de que o professor imerso em rede precisa estar mais próximo do seu público, as docentes @professoracamilaqueiroz e @eiprofa.deyse argumentam:

Percebi que o meu maior engajamento no perfil foi quando eu conversava com o meu interlocutor. Quando eu aparecia, antes eu tinha muita vergonha. Eu só colocava um post, uma pergunta, uma mensagem motivadora..., mas a partir do momento que comecei a aparecer e fazer uma pergunta e dar a cara, eu comecei a ter mais seguidores e mais interatividade (@professoracamilaqueiroz, 2022).

Aquele post frio no *feed*, distante, em que a pessoa em nenhum momento se mostrou de alguma forma, que a gente não consegue ver quem é aquele ser humano por trás daquele conhecimento, eu acho que para mim não funciona e também não ajuda muito as pessoas. [...] não é o tipo de conteúdo que eu acredito e que eu persigo como consumidora e como produtora. O que eu quero transmitir (as informações, as dicas, o conhecimento) não se comporta numa foto (@eiprofa.deyse, 2022).

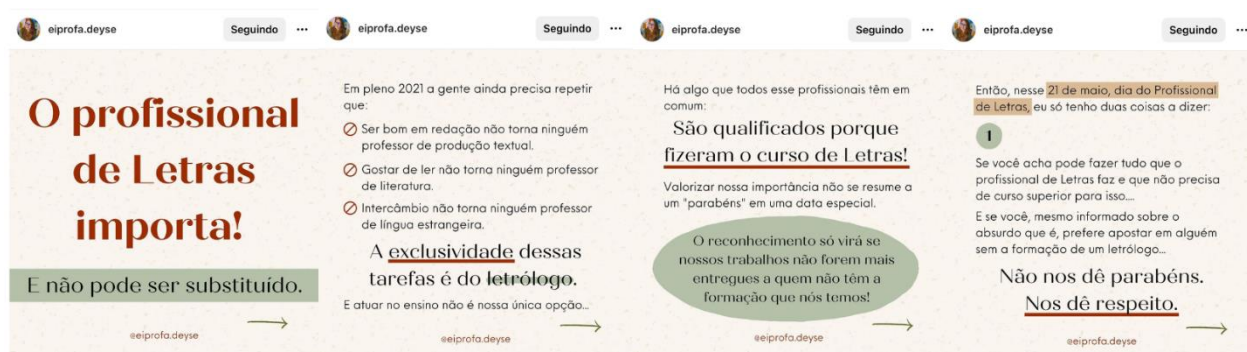
Nesse caso, a partir dessas narrativas, a imersão docente na rede está concentrada, também, na postura que o professor adota, enquanto produtor de conteúdo em seu perfil profissional. Logo, essa forma como o docente age, impacta no seu interlocutor e no que é absorvido, socializado e compartilhado por ele. Para Freire (2002), é o encontro de sujeitos interlocutores que define a significação dos significados. Ou seja, é o público do perfil, a partir da imersão e da atuação do docente administrador daquela página, quem vai caracterizar aquele ambiente como uma rede aberta de possibilidades para a aprendizagem ou não.

No entanto, uma outra questão que cabe debate é que, em algumas situações, o aluno não seleciona a fonte de informação adequada e, até mesmo, confiável para o seu contexto e necessidade, mesmo diante de profissionais da educação imersos em rede e com conteúdos excelentes em diversas áreas e dimensões de atuações, muitas vezes, os seus próprios professores. A ciberprofessora @profaleticiasantos relata que essa é uma realidade explícita, quando muitos professores têm conhecimentos a compartilhar e não há um público interessado em seu conteúdo, pois buscam informações com pessoas sem formação para atuar em tal área.

O problema é que nem sempre os alunos sabem selecionar esses professores. Muitos desses alunos procuram pessoas, por exemplo, no caso de redação, que tiraram 1000 na redação do Enem, mas que não são professores, e aí passam dicas, informações que não são verdadeiras, que precisariam de uma melhor verificação, mas eles acatam isso como verdade e também veem essas pessoas como autoridade por terem tirado 1000 e terem muitos seguidores. Então hoje, eu acho que os professores com formação eles têm muito a oferecer, mas, infelizmente, eles não são os que estão ocupando mais esses espaços no Instagram e, conseqüentemente, fornecendo conteúdo de qualidade para os alunos. Acredito que as pessoas que estão ocupando mais esses lugares, que se dizem ser do nicho da educação, são pessoas que não são da educação, pessoas que passaram em medicina e direito, tiraram nota boa e se dizem professores (@profaleticiasantos, 2022).

Essa provocação da @profaleticiasantos justifica, mais uma vez, a importância de os docentes ocuparem os espaços das redes. Porém, para as professoras praticantes desta pesquisa, a imersão na rede também é repleta de desafios, pois as suas formações possibilitam a presença consciente nesses lugares, mas, frequentemente, o seu público está em espaços, nos quais, os conteúdos são divulgados de forma generalizada e com métodos e modelos prontos a serem utilizados, como no caso da redação do Enem, exemplificado pela docente. Em uma publicação no *feed*, representada pela figura 26, a @eiprofa.deyse critica esses profissionais que atuam na rede, em uma determinada área, sem a devida formação, o que confirma a relevância educacional e social do docente estar na/em rede.

Figura 26 – Publicação profissionais de Letras



Fonte: Captura de tela do perfil @eiprofa.deyse.

Diante da realidade apresentada pela @eiprofa.deyse, na figura 26, mesmo não sendo uma tarefa simples, cabe ao professor, insiro-me neste meio como administradora de um perfil profissional e docente graduada em Letras, inovar nos conteúdos para a rede e ser resistente perante essas adversidades. Além disso, é importante compreender a carência, limitações do público-seguir e ocupar, cada vez mais, os locais que eles também ocupam, pois, vejo que a sociedade e a educação passam por transformações a cada dia, por isso, o professor, não pode estar alheio e nem inerte a essas situações.

Diante disso, a posição da @professoracamilaqueiroz está relacionada ao quanto é necessária uma aproximação do professor com o aluno (as redes digitais potencializam essa proximidade), principalmente quando se trata de discentes jovens, pela importância de compreender as formas nas quais eles melhor se comunicam e aprendem, a fim de, consequentemente, aprimorar o diálogo e práticas pedagógicas, ultrapassando, assim, o papel e o livro didático. A professora relata ainda que, em sua percepção, a partir da pandemia, esse contato do docente com o aluno em rede tornou-se mais aproximado. A @prof_nah_cardoso também compactua com esse pensamento ao afirmar que

[...] hoje, os alunos estão lá e a gente precisa estar lá também. Precisa se renovar todos os dias. É um ambiente em que a gente vai encontrar esse público. Que a gente precisa estar e chamar a atenção deles pra aprenderem. Então, querendo ou não, é atualidade. O mundo muda, esse é um conceito novo de ambiente e a gente precisa mudar. Acho que o conceito de professor é adaptação. A pandemia veio pra a gente se adaptar a esse universo midiático, digital, a gente precisa se adaptar, porque se é pra mudar, tem que ser lá também (@prof_nah_cardoso, 2022).

Então, assim como abordado pela professora, é necessário o docente atuar em consonância com as transformações sociais e conforme os espaços nos quais os alunos também

estão imersos. Dessa forma, constato que a rede é um espaço de aprendizagem múltipla, tanto para o aluno, que deixa a postura passiva, de interlocutor e assume a característica de ciberautorcição³² (RIBEIRO; CARVALHO; SANTOS, 2018), como para o professor que potencializa novos saberes e também aprende com cada um deles. Ou seja, um perfil na rede, voltado para conteúdos educacionais é uma oportunidade de compartilhar conhecimento aberto e do aluno, na posição de seguidor, ter acesso ao conhecimento para além da instituição escolar.

Sibilia (2012) comenta, em sua obra chamada “Redes ou Paredes”, acerca da importância de uma sala de aula conectada, a par das redes digitais. No entanto, o que ainda se vê na sociedade é uma escola altamente limitada aos livros didáticos, na qual, por vezes, não impulsiona aprendizagens significativas quanto ao uso de práticas tecnológicas. Diante dessa realidade, a autora apresenta um questionamento aos professores, instituições e sistema escolar no geral: “muros para quê?”

Na intenção, justamente de desconstruir esses muros mencionados por Sibilia (2012), as ciberprofessoras, imersas na rede, utilizam os seus perfis no Instagram como uma extensão da sala de aula, como docentes que pensam na realidade do seu público e se adequam a ela. Na sala de aula física, muitas vezes, o professor não consegue propor atuações outras, como o aprendizado a partir da rede, pois ainda é necessário seguir o conteúdo programático, no qual, nem sempre, está voltado à heterogeneidade e à multiplicidade de cada contexto e as escolas, por vezes, não ofertam o acesso às redes para os alunos. Sobre isso, Pretto (2013) aborda a urgência de repensar a estrutura dos currículos, pois estes estão aquém das necessidades e enfrentamentos da escola de hoje.

Assim, entendo que as redes digitais e a imersão do professor e aluno nelas são potencializadoras de ensino. Porém, mesmo com os impasses perceptíveis na estrutura curricular das instituições, o docente precisa atrair o aluno para o meio digital, não apenas aos fins de entretenimento, mas de saberes e aprendizados múltiplos. Em uma das suas falas na entrevista on-line, quando discutido acerca da ocupação docente na rede, a @profavivianenovais narra que

[...] quando a gente entra no universo do aluno, eu acredito muito nisso, a gente consegue chegar em lugares que talvez não conseguiríamos chegar na sala de aula. Então, se a gente entende que hoje, em 2022, a educação ela não

³² “postura autoral, crítica, multiletrada, plural, imersiva e implicada com/na cibercultura, é possível de ser instigada em espaços de aprendizagens que favoreçam a interação dos sujeitos, sobretudo por meio de artefatos técnico-culturais que potencializem aprendizagens coletivas e instigadoras de conhecimentos plurais e heterogêneos” (RIBEIRO; CARVALHO; SANTOS, 2018, p. 7).

é mais a mesma de 2010. Hoje a gente tem acesso a celular... aqui em 2022, o uso das redes sociais é o que mais predomina, inclusive, na própria sala de aula. A gente sabe que eles estão lá e por que não chegar também? Se eu quiser que o meu ensino, que a minha contribuição para o conhecimento deles seja mais efetiva, eu não posso me distanciar disso, eu preciso também estar ali. Então, o Instagram é um lugar que possibilita muito essa interação entre professora e estudante, eu acho sensacional e não quero parar (@profavivianenovais, 2022).

Assim, mesmo diante da comprovação de que a atuação do professor em rede contribui significativamente para o aprendizado do seu público (seja aluno ou docente), muitos colegas de trabalho ainda não ocupam esses espaços para fins educacionais ou, sequer, possuem perfis na rede. No entanto, em continuidade ao relato acima, a @profavivianenovais afirma que isso não é um erro, pois são realidades diferentes, porém, em sua perspectiva, ela prefere continuar imersa na rede para que o contato com seus estudantes seja, de fato, mais efetivo e consiga fazer um trabalho mais aprofundado, além dos espaços da sala de aula. Assim, quando uma das suas publicações influencia o aluno e tem significado para ele, demonstra seriedade e o quanto o seu trabalho na rede é válido. A figura 27 é um exemplo de postagem com repercussão entre os seus alunos.

Figura 27 – Publicação do perfil da @profavivianenovais



Fonte: Captura de tela do perfil @profavivianenovais (2022).

A figura 27 representa um carrossel³³ de publicações do perfil da @profavivianenovais com uma dica de leitura da obra 1984, do autor George Orwell. Na postagem, a docente apresenta uma breve resenha do livro e as principais temáticas sociais abordadas nele. Sobre essa publicação, a docente relata que houve um alcance muito significativo por parte dos alunos, o qual ela nem esperava, pois, uma média de quatro ou cinco dos seus discentes compraram o livro, leram e ainda criaram um clube de leitura entre eles. Essa iniciativa esclarece como a

³³ Recurso próprio do Instagram e refere-se a uma sequência de até 10 publicações, no qual é possível arrastar para o lado e visualizar os demais itens (imagens e/ou vídeos) do formato carrossel.

imersão do professor na rede digital mais utilizada pelo seu público, é, de fato, uma forma de influência, de contato e interatividade efetiva.

Para Pretto (2013), mesmo diante de informações excessivas no universo tecnológico e das redes, o professor não teme a essa realidade, pelo contrário, com ela interage e dialoga. Por isso, com o uso da rede digital, nesse caso o Instagram, o professor não tem determinadas limitações que o ensino formal ainda o propõe, pois, possui total liberdade de criar e mostrar o conteúdo ao seu modo e da forma que agrada e influencie o seu seguidor, publicando, nesse sentido, o que o seu público precisa.

Para as ciberprofessoras desta pesquisa, os seus perfis profissionais no Instagram são possibilidades de extensão do ensino formal e da sala de aula. Junto com o seu público-alvo (alunos e/ou professoras), protagonizam e criam redes pedagógicas. Por isso, a importância de o professor ocupar a rede, pois, a depender da sua usabilidade, o digital contribui, não somente no aprendizado do seguidor (cibercidadão), como também na sua vida, em geral. Sobre essa atuação na rede, a @profavivianenovais relata que

[...] se eu, por exemplo, não estivesse no Instagram talvez as pessoas não tivessem acesso, claro que existem diversos perfis aí, mas, por exemplo, meus alunos aqui da minha cidade, talvez eles não tenham acesso a nenhum outro perfil, somente o meu. Então eu não tenho a menor dúvida de que perfis no Instagram, que compartilham questões de língua portuguesa ou de qualquer outra disciplina, eles funcionam muito no dia a dia. Um detalhezinho, um pequeno detalhe, influencia sim. Talvez conteúdos básicos que não tiveram acesso até na própria escola e que tem acesso no celular que eles estão usando o tempo inteiro. Então eu acho 100% válido (profavivianenovais, 2022).

Essa narrativa da @provavivianenovais reflete a significância do professor implicar, importar-se com o seu público e o impacto positivo que essa atuação docente realiza na formação de saberes e no aprendizado do discente. Diante disso, mesmo sabendo que não apenas a rede digital, mas as demais tecnologias, oportunizam possibilidade de uma “[...]educação ampliada” (LE MOS, 2021), como já comentado, ainda há uma carência de professores imersos na rede. Essa realidade não culpabiliza o docente, mas a ausência de investimento e incentivo de formações por parte dos sistemas educacionais, pois, como ressalta Pretto (2013), é preciso haver uma abertura da escola às redes sociais de conhecimento e cultura.

Assim, cabe, ainda, uma discussão em relação à desvalorização docente, não apenas no seu trato com as tecnologias e redes digitais, como na formação e profissão em si. Segundo Porto e Santos (2020), o desenvolvimento de aplicativos, redes e tecnologias digitais demanda

formações inovadores e olhares outros para o docente e educação para não reproduzir o ensino transmissivo ainda tão presente nas escolas. Por isso, o professor ativo em rede pode expor, também, os desafios contemporâneos da profissão, as suas experiências, inquietações, para que assim, formando redes com outros docentes, defendam o lugar de educador. No seu perfil, a @profaleticiasantos publica, frequentemente, sua posição acerca do papel, valorização e desafios do professor

Figura 28 – Publicação do perfil da @profaleticiasantos



Fonte: Captura de tela do perfil @profaleticiasantos (2022).

Como representado na figura 28, além de publicações voltadas para a redação do Enem e da sua rotina docente e acadêmica, a professora utiliza o perfil para defender, também o seu lugar enquanto educadora e incentivar, influenciar e desconstruir alguns conceitos e pensamentos acerca da profissão. A professora @eiprofa.deyse relata, ainda, que o perfil na rede potencializa espaços para essas discussões acerca da profissão e da educação com um todo:

o Instagram é um lugar absolutamente múltiplo, eu vejo como um espaço de apresentar possibilidades para as pessoas, não só de elas irem atrás do que elas querem, mas de enxergarem o caminho da educação, da pesquisa, da produção acadêmica. Então são muitas possibilidades e a gente que tá na área de educação, a gente que é licenciado tem um papel essencial nisso de não romantizar, não abafar os problemas, mas, principalmente, usar nossa voz pra contestar esses problemas, mas também pra incentivar e tirar a educação desse ‘Quarto de Despejo’³⁴ onde ela foi colocada, trazer um centro de possibilidades, porque a gente precisa de pessoas que acreditem mais nisso, e se eu acredito, eu levo outras pessoas a acreditarem. Então eu acho que tem

³⁴ A docente faz alusão à obra Quarto de Despejo, publicada em 1960, da autora Carolina Maria de Jesus.

toda essa questão social, acadêmica, individual. É um universo de inúmeras responsabilidades e inúmeras possibilidades também. (eiprofa.deyse, 2022)

Assim, entendo que a imersão do docente em rede contribui em diversos aspectos, no compartilhamento de saberes, na cooperação para o aprendizado do seu público-alvo e nas possibilidades, visões e perspectivas, não somente para a sua área de atuação, como também para todo o contexto educacional. Dessa forma, após refletir sobre a visibilidade docente, como forma do professor ser visto e reconhecido na rede e enfatizar acerca da importância de o docente ocupar espaços nas redes digitais, a terceira noção subsunçora, emergida do campo de pesquisa, contempla as práticas interativas realizadas pelas docentes em seus perfis no Instagram com os seguidores.

4.3 #Interatividade: (com)partilhando etnométodos em rede

Os avanços tecnológicos, dentre eles a mudança dos meios analógicos para os digitais, a evolução dos modelos de comunicação – descentralização do emissor e diminuição na passividade do receptor – e a criação de aplicativos de redes digitais assumiram uma relação significativa com a sociedade. Os atores sociais conectados às redes, segundo Primo (2016), transformaram não apenas as suas interações virtuais, mas a vida como um todo. Assim, falar de tecnologia está além dos artefatos, envolve visibilidade, imersão, atuação e, sobretudo, práticas interativas.

Nesta pesquisa, os dados foram produzidos, em maior totalidade, na rede Instagram. No entanto, por que denomino, ao longo de toda investigação, o Instagram como uma rede digital? Por que não a caracterizar como rede social? Na verdade, não se trata do uso de um termo correto e anulação de outro, como ressalta Primo (2016, p. 28), “[...] a rede já é social pois envolve seres humanos ou porque foi criada pela sociedade”. Sendo assim, o Instagram assume essa característica de rede e o acréscimo do termo digital por estar voltado às relações desenvolvidas somente no virtual e na conexão on-line, o que difere das redes físicas e presenciais.

Esse exemplo do Instagram também tem aplicabilidade em qualquer outra rede, até porque, embora eu pesquise sobre professores no Instagram, poderia pesquisar também os perfis docentes no YouTube, Facebook, TikTok e Twitter, pois a essência da pesquisa não está no Instagram³⁵, mas nas ações dos professores no contexto dessa rede. Além disso, pesquiso em

³⁵ Por esse motivo, o termo Instagram não está presente no título da pesquisa.

uma rede que, conforme comentado na seção três, faz parte do grupo GAFAM, mas o que pretendo alcançar, aqui, é como os professores atuam nessa rede, pois, mesmo sendo empresas mercadológicas, enquanto pesquisadora da cibercultura, estou interessada em saber o que o cidadão faz com e nessa rede e não vice-versa.

Com base nesse contexto de rede digital, de acordo com os dados desenvolvidos pelas praticantes culturais, a interatividade é a marca principal desse cenário. Para Santaella (2016, p. 42), “[...] as redes são constituídas pelos participantes que delas se utilizam, pois, sem eles, a rede não poderia existir”. Logo, o foco não está na característica da rede em si, mas nas relações, comunicações e interferências dos atores sociais imersos nela. Dessa forma, pensar em rede é referir-se à comunicação, relação, trocas e imersão. Por esse contexto, Santos (2021, p. 66) acrescenta que a rede está relacionada

[...] a marca do social em nosso tempo. Rede significa que estamos engendrados por uma composição comunicativa, sociotécnica, que se atualiza a cada relação e conexão que estabelecemos em qualquer ponto dessa grande rede. Tempo e espaço ganham novos arranjos influenciando novas e diferentes sociabilidades.

Diante dessa conceituação abordada pela autora, enquanto pesquisadora implicada, compreendo que a experiência e a prática de cada ator social no contexto de uma rede adquirem novos significados. As mudanças não ocorrem apenas com a rede, como também, com o indivíduo imerso nela, pois compartilha as suas experiências e aprende nas relações com o outro. Nessa perspectiva, a professora @eiprofa.deyse, na posição de praticante cultural desta pesquisa, afirma, ao mencionar sobre essa troca mútua em rede,

[...] mesmo que você não queira produzir conteúdo, tem a possibilidade de acompanhar pessoas que compartilham uma realidade parecida com a sua ou que compartilham uma realidade dentro do universo que ainda é o seu. Mesmo que não seja fazendo a mesma coisa que você faz, pode promover uma transformação na gente de várias formas: pessoal, de mentalidade e profissional. Então, tem um impacto gigantesco, eu acho que, hoje, quem tá fora dessa rede de alcance, de alguma maneira, seja produzindo conteúdo ou consumindo esse conteúdo, está perdendo uma oportunidade muito grande de tentar enxergar as coisas de uma forma mais inovadora, mais transformadora, interativa e mais múltipla (@eiprofa.deyse, 2022).

Nessa fala, a docente confirma a rede como um ambiente de troca mútua, de contato com outras pessoas, tanto no sentido de receber aprendizados e conteúdos publicados por outros perfis, como de compartilhar conhecimentos, inquietações e experiências. Assim, a

interatividade pautada em rede não se trata apenas de clicar em *links* e publicações, mas também de comunicação e interlocução com o outro, ou seja, a interatividade em rede não condiz com relações superficiais, pois promove implicação e um modo dos indivíduos imersos aprenderem com os seus semelhantes, compartilhando conhecimento.

A partir dessa narrativa da @eiprofa.deyse, observo como a rede é fluida, heterogênea e plural, pois não há uma centralidade entre pessoas e elementos, característica da web 2.0. Nela, todos interagem, colaboram, participam e, sem esses aspectos, acredito que o conceito de rede passaria por reformulações, pois, não há sentido a aplicabilidade do termo rede sem a ideia de relações constantes com o outro. Nessa perspectiva, segundo Recuero (2009), para a rede ser caracterizada como tal, é necessária a composição de dois elementos principais, os atores, como os indivíduos imersos na rede, e as conexões realizadas entre eles, no caso, as ações interativas desenvolvidas por cada um.

Relacionando a ideia de interatividade como uma particularidade da rede, a participação ativa dos atores sociais perpassa por diversas áreas profissionais e pessoais. No contexto da educação, a formação desses relacionamentos em rede também ocorre de forma frequente. Silva (2014, p. 28) afirma que a interatividade na educação tem a capacidade de “[...] fecundar a comunicação entre professor, alunos, conteúdos curriculares e equipamentos”. Assim percebo que os docentes, engendrados nos seus perfis, reformulam as práticas transmissivas de educação, configurando um novo formato comunicativo, dessa vez, pautado na interatividade e no âmbito digital.

Ainda de acordo com Silva (2014), para que o termo interatividade, no cenário tecnológico, seja fundamentado, é preciso passar por três binômios que se conectam e dialogam entre si: a participação-intervenção, bidirecionalidade-hibridação e permutabilidade-potencialidade. Com o intuito de atingir os objetivos desta pesquisa, verifiquei, a partir desses binômios, se as práticas interativas de professores/as de Língua Portuguesa realmente seriam possíveis nos perfis profissionais do Instagram.

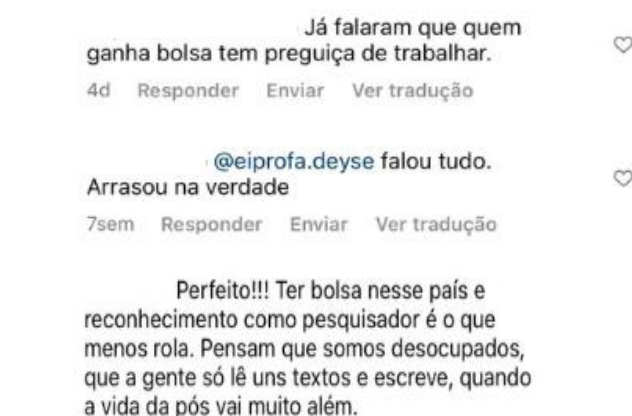
Figura 29 – Binômios para tratar dos fundamentos da interatividade



Fonte: Silva (2014).

Dessa forma, como representado na figura 29, esses binômios foram seguidos no processo de interpretação dos dados desta pesquisa. A participação-intervenção foi utilizada nos momentos em que seguidores de cada perfil intervíram no conteúdo publicado pelo docente, desconstruindo os papéis isolados de emissor e receptor para juntos exercerem a função de modificadores da mensagem. Os comentários em cada postagem e o breve diálogo realizado a partir desse recurso são exemplos do binômio participação-intervenção.

Figura 30 – Participação-intervenção no perfil da @eiprofa.deyse



Fonte: Captura de tela do perfil @eiprofa.deyse (2022).

A figura 30 retrata um exemplo de participação-intervenção ocorrido no perfil da @ei.profadeyse. Ao publicar sobre alguns estereótipos ainda existentes no cenário acadêmico, nesse caso, à crítica referente a pós-graduandos que “apenas” estudam e não estão imersos no mercado de trabalho, a professora critica essas indagações e manifesta um pedido de respeito à

classe. Essa publicação repercutiu no perfil da docente e parte dos seus seguidores também entrevistou na mensagem, comentando e expondo as suas opiniões sobre a temática discutida.

Em relação à bidirecionalidade-hibridação, o foco está no rompimento da centralidade. Ou seja, o professor, administrador do perfil não é o único responsável pelo conteúdo, pois, os seus seguidores também são coautores do processo, em uma comunicação conjunta e liberdade do público-alvo. Nesta pesquisa, a percepção desse binômio ocorreu nas falas de algumas praticantes, quando afirmado que a lógica da interatividade no perfil do Instagram acontece a partir da identificação do público/seguiror. Isso significa que para o receptor se tornar também emissor, o conteúdo precisa ser de seu interesse, convidando-o à sua construção. Nas redes digitais, pode ser emissor e receptor ao mesmo tempo, quando há espaço para essa troca de papéis. Assim, conhecer os indivíduos imersos no perfil é uma possibilidade de cooperação e do estímulo às práticas colaborativas e interativas.

[...] eu não posso esperar que as pessoas interajam comigo se eu postar coisas que elas não se identificam, que elas não gostam. Então, depende da linguagem que eu utilizo, depende do que eu publico também, tudo isso conta, pra que tenha essa interação frequente. Hoje eu consigo ter essa interação frequente porque eu já conheço o meu público, uma coisa que é muito importante, você conhecer o público pelo qual você tá falando, para poder traçar essas estratégias de linguagem, conhecer mesmo o que eles gostam, acaba fazendo com que tenha essa interação, é uma consequência (profaleticiasantos, 2022).

Nessa afirmativa, a professora esclarece que o processo de interatividade em rede não depende somente da atuação de quem administra o perfil, é uma relação contínua entre o docente e a implicação do seu seguidor, pois, sem ele, não haveria um retorno positivo ou negativo para o conteúdo publicado, nem ideias seriam lançadas para as próximas publicações. À vista disso, o terceiro binômio, permutabilidade-potencialidade, é uma sequência dessas características apontadas.

Nele, a não-linearidade, a liberdade de navegação e usos dos perfis são os principais aspectos, ou seja, as informações não necessitam chegar ao público de modo sequencial e, assim como no binômio bidirecionalidade-hibridação, o seguidor também tem autoria em suas ações na rede. Nesse caso, as características hipertextuais prevalecem no contexto do perfil, como, por exemplo, a divulgação de links na biografia³⁶ e no *story*, os destaques com as publicações mais relevantes, para que o público/seguiror acesse somente aquele conteúdo que mais lhe

³⁶ Local onde ficam as informações mais relevantes do perfil, como o nome do perfil e a breve descrição do administrador.

interesse. Esse binômio também é perceptível no *feed*, pois o seguidor não precisa visualizar e interagir com todas as publicações de forma cronológica e sequencial, isto é, define, livremente, o seu percurso.

Além dessas possibilidades, a permutabilidade-potencialidade permite a criação de narrativas próprias no contexto do perfil e a formação de múltiplas redes de conexões. Sobre esses aspectos, a partir do contato com as praticantes culturais desta pesquisa, percebi que elas não estavam conectadas somente aos seus seguidores, mas também formavam redes profissionais com outros docentes, inclusive, com as demais praticantes culturais desta pesquisa. Em uma das suas falas, a @profavivianenovais comenta sobre isso.

[...] tenho um exemplo, assim, muito claro, eu já falei com ela várias vezes sobre isso, eu sempre falo para as pessoas quando eu posso. Eu tenho uma colega, a Letícia, eu acho que você sabe quem é. É impressionante a sintonia. São pessoas completamente diferentes, mas a gente se encontra em muitos lugares, em muitas áreas pessoais e profissionais, principalmente. Então, assim, o caso da Letícia, eu não conhecia, fiz mestrado na UFS, nunca conheci e ela estudava lá também, agora tá no mestrado também lá. Então foi o Instagram que me possibilitou esse contato, foi por conta dessa interação entre os nossos perfis que eu consegui construir essa amizade com ela. Inclusive ela me convidou pra várias aulas no curso de redação que ela tem lá na cidade dela. Então é um exemplo claro de que a interação é muito possível através do Instagram (profavivianenovais, 2022).

Assim, essa conexão entre as docentes, criada a partir da imersão em rede, gera uma ajuda mútua e uma certa facilidade no compartilhamento de conteúdos para o perfil, potencializando as práticas na rede e alcançando outros praticantes. Além disso, estabelece vínculos e amplia a motivação para estar e atuar no perfil, bem como as oportunidades de crescimento. Segundo Recuero (2009), essa evidente proximidade de pessoas na rede é denominada de laços fortes pela intencionalidade em criar conexões mais íntimas e relações de amizade, o que difere dos laços fracos, nos quais o processo de interatividade é mais superficial e menos frequente.

Para Santaella (2016), esses laços não são caracterizados apenas no contexto digital, mas são desenvolvidos também nos relacionamentos off-line. Assim, a interatividade, em determinadas situações, estende-se para os espaços presenciais, ou vice-versa, como no exemplo dado pela @profavivianenovais, que o contato com a @profaleticiasantos iniciou pelo perfil do Instagram, mas ultrapassou o on-line e se estendeu para a participação em aulas presenciais.

Freire (2002, p. 66) afirma que “o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto”. Sendo assim, as praticantes culturais da pesquisa constroem os seus laços, conforme o maior nível de interatividade e a semelhança na área de atuação, para que, como Freire (2002) cita, a partir da coparticipação e desses laços fortes possam pensar juntas a educação. Esse pensamento se confirma na narrativa da @eiprofa.deyse (2022), ao mencionar que “acompanhar esses professores nas redes, fez com que essas possibilidades, essas visões/perspectivas se abrissem para mim. Muda nossa visão em relação à educação, ao nosso papel em sala de aula, a nossa responsabilidade enquanto professores”.

Diante disso, a formação dessas redes, muitas vezes, é impulsionada pelo próprio aplicativo ao sugerir perfis relacionados ao mesmo nicho, potencializando trocas mútuas entre pessoas que utilizam os perfis para o mesmo fim, porém, o professor também pode fazer suas escolhas. Ou seja, a dinâmica do digital (tem a capacidade de criar redes de docência e de aprendizagens que surgem por meio das experiências compartilhadas no contexto da cibercultura (SANTOS; SANTOS, 2012). Nessa imersão e formação de redes educativas, as professoras criam e compartilham, nos espaços virtuais, etnométodos para interagir e trabalhar com os docentes, alunos e público-seguidor em geral.

Os etnométodos, de acordo com Coulon (1995, p. 112), “[...] são os procedimentos que os membros de uma forma social utilizam para produzir e reconhecer seu mundo, para torná-lo familiar, ao mesmo tempo em que o vão construindo a partir das práticas cotidianas”. Assim, o termo não designa um método de pesquisa, embora a palavra expresse esse sentido, mas uma ciência que estuda o saber fazer de um povo, de um grupo, de professores, por exemplo, e como eles desenvolvem determinada ação.

Os etnométodos são utilizados por sociólogos e antropólogos para descobrir como determinado grupo social desenvolve os seus saberes. Com isso, estudam as formas de fazer de um determinado grupo. No contexto da educação e do digital, os etnométodos são relacionados às formas como os praticantes culturais ressignificam e interagem com as práticas pedagógicas. Por isso, Macedo (2013), declara que, a partir da relação entre etnométodo e atores sociais implicados, é que a ideia de currículos prontos e fechados pode ser superada.

Nessa perspectiva, no contexto desta pesquisa, os etnométodos não são parte da metodologia, conforme já mencionado, mas um achado do campo empírico, visto que as praticantes culturais desenvolvem, realizam e compartilham etnométodos em seus cotidianos

nas redes. Assim, são a partir desses etnométodos que essas professoras desenvolvem práticas interativas nos seus perfis profissionais, sejam com outros docentes ou alunos.

Além dos binômios mencionados que possibilitam a interatividade em rede e da forma como os etnométodos também potencializam diálogo e trocas mútuas, as práticas interativas nos perfis das praticantes culturais foram perceptíveis de duas outras maneiras: na frequência de publicação, relacionada à organização do docente, e nos próprios recursos da rede, por permitirem práticas interativas entre as docentes e o seu público/seguidor.

A publicação frequente na rede é uma forma, relatada pelas professoras, de atingir uma interatividade e troca constante. A @profaeticiasantos (2022) diz “se eu publico mais, eles interagem mais. A interação deles depende muito do meu conteúdo, quanto mais eu publico, mais interatividade eu vou ter”. Nesse sentido, as docentes comentam sobre a relação entre frequência de publicação e interatividade, que, muitas vezes, é limitada devido à carga horária extensa no presencial e, até mesmo, ausência de tempo para estar presente na rede.

Na narrativa abaixo, a @profa_nah_cardoso confirma que a rede tem potencial para o ensino de Língua de Portuguesa e atua como uma extensão da sala de aula, mas nem sempre as publicações e presença são frequentes. No entanto, o público-seguidor percebe a ausência, pedem dicas, sanam dúvidas e sugerem conteúdos para a publicação.

[...] hoje o Instagram é uma possibilidade de trabalho para o professor de Língua Portuguesa, para outros professores de outras áreas também. Eu consigo ver o Instagram como um ambiente de interação com esses alunos, se eu me dispusesse a interagir mais, eu acredito que isso ocorreria com mais frequência. Mesmo assim ficam me cobrando, por incrível que pareça, alguns alunos meus, alunos que não são de escola que eu trabalho, que vivem pedindo: ‘professora, fale sobre isso’, mandam dicas do que posso publicar, porque tem dúvida. A interação da minha parte para com eles poderia ser maior, por questão de tempo mesmo, mas é um ambiente propício a isso, com certeza (@profa_nah_cardoso, 2022).

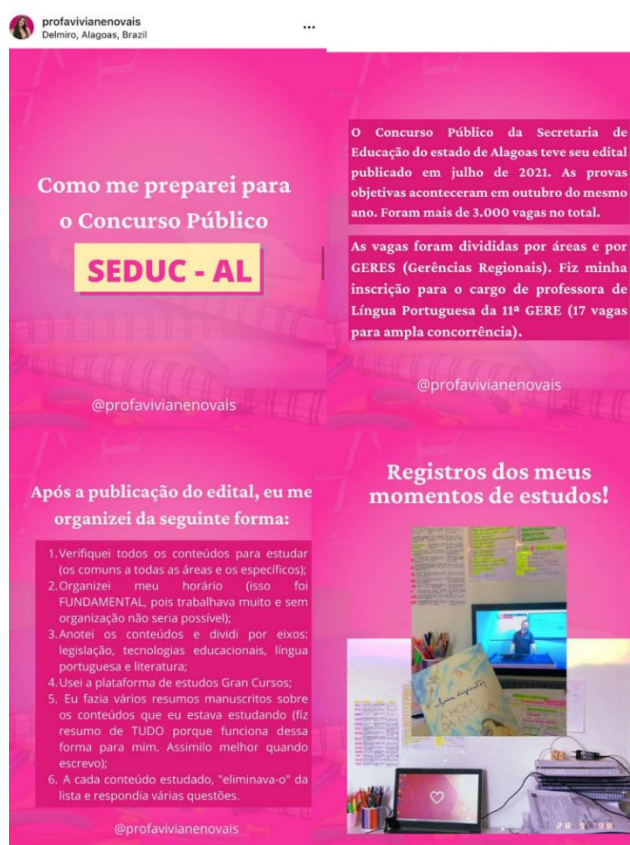
Como forma de amenizar essas ausências no perfil e não impactar no processo de interatividade, as professoras relatam a importância de ter um planejamento e organização diária, semanal ou mensal acerca do conteúdo a ser publicado e da estratégia de publicação para uma maior possibilidade de práticas interativas. Os horários de melhor alcance ou os melhores dias da semana são exemplos de métodos utilizados pelas docentes, com base no conhecimento do seu público, para estimular interatividade.

A @eiprofa.deyse afirma que quando a frequência na publicação está prejudicada por algum motivo, é importante estabelecer uma conexão com a sua rotina e levar isso à rede. A

@profavivianenovais relata algo semelhante que aconteceu em seu perfil, pela ausência de tempo, devido a sua aprovação em um concurso público e o cumprimento de algumas burocracias, a docente intercalou esse momento a uma publicação sobre a aprovação em concursos públicos na área da educação. Essa postagem obteve um alcance muito amplo e a interatividade ocorreu de maneira significativa.

[...] eu recebi um *feedback* incrível, inclusive lá na plataforma, no Instagram a gente vê alguns recursos e consegue perceber quantas pessoas salvaram aquele post. E só naquela publicação 16 pessoas salvaram, com um público que é pequeno, no meu perfil eu não tenho 1000 pessoas ainda, estou quase lá, mas ainda não tenho. 16 pessoas salvaram um conteúdo que foi sobre concurso público (@profavivianenovais).

Figura 31 – Publicação sobre concurso público



Fonte: Captura de tela do perfil @profavivianenovais

Na publicação representada pela figura 31, a interatividade não ocorreu apenas pelo recurso de salvar, houve também significativos compartilhamentos, curtidas e comentários, além disso, o diálogo sobre concursos públicos ultrapassou o espaço dos comentários e foi

realizado também via *direct*. Assim, os próprios recursos da rede, a partir da usabilidade de cada um, são potencializadores de práticas interativa.

Figura 32 – Interatividade nos recursos do Instagram



Fonte: Elaborada pela autora

A figura 32 apresenta os recursos da rede digital Instagram mais utilizados pelas praticantes desta pesquisa para interagir com os seus seguidores. As professoras alegam que o *story*, por também inserir outros recursos, é uma das interfaces que maior auxilia no processo de interatividade e engajamento, pois o conteúdo é mais informal, o diálogo mais instantâneo (favorecendo a interatividade), o professor consegue mostrar mais de si, sua rotina e não há necessidade de tanto planejamento para publicação, como no *feed*. A @professoracamilaqueiroz aborda, na sua condição de empreendedora, que já conseguiu trabalhos a partir das possibilidades interativas do *story*.

[...] quando os meus stories são de engajamento, que eu deixo caixinha, que eu deixo sugestões pra enquetes, opções de marcar, eu recebo temas que eles gostariam de ver, por exemplo, posts de perguntas, de dúvidas, eu recebo mensagens no privado, inclusive já tive alguns trabalhos realizados via Instagram, aulas particulares, mentorias, revisões de trabalhos acadêmicos pelo conteúdo publicado no *story* (@professoracamilaqueiroz, 2022).

Além dessa prática interativa, as respostas no *story*, algumas vezes, são direcionadas a um diálogo mais amplo no *direct*. Sobre isso, a @profavivianenovais diz que a interatividade é frequente no *story*, mas é pelo *direct* que ela é ampliada. A @profaleticiasantos também

compactua ao mencionar o *story* como uma potencialidade interativa, mas, para ela, o *feed* é a vitrine do perfil, a forma de expor e atrair as pessoas.

[...] como eu divido meu feed, ele não é apenas conteúdo, às vezes tem fotos, tem algumas histórias que eu conto, alguns relatos no caso da minha profissão, de algo que aconteceu, enfim. Então, nesses relatos que eu mostro um pouco desse lado de estar na sala de aula eu recebo muito mais comentários, as pessoas compartilham mais. Então, eu acho que essa interação depende daquilo que você transmite, independentemente de ser nos stories ou no feed (@profaleticiasantos, 2022).

Nessa perspectiva, pelo que as professoras constataram, o *feed*, os *stories* e todos os recursos presentes neles (enquete, caixinhas de pergunta, *direct* e comentários) impulsionam as práticas interativas em seus perfis. No entanto, essa interatividade, segundo as docentes, nem sempre ocorre, pois, a própria rede oferece alguns impasses que dificultam a comunicação e troca entre os participantes.

Dentre esses empecilhos, as professoras argumentam que ainda têm dificuldades em compreender a métrica do Instagram, pois, às vezes, o número de visualizações e comentários são altos, enquanto em outras, não há entrega, alcance nem retorno da publicação. Para amenizar essas situações, as docentes relatam a necessidade de identificar o que as pessoas querem e precisam ver, para, assim, fluir uma melhor comunicação e, atingir, constantemente uma parte significativa do seu público.

Dessa forma, com o intuito de realizar práticas interativas em rede, o professor, reinventa as suas formas de atuação e cria novos etnométodos. Para isso, como foi mencionado no decorrer desta noção subsunçora, é importante que o docente conheça o seu público, publique e dialogue acerca dos seus cotidianos e experiências, mantenha frequência de publicação na rede e utilize os recursos disponíveis para estimular práticas interativas entre os seus pares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem muito profissional incrível na rede e com bastante conhecimento para compartilhar.

@profaleticiasantos

Ao concluir esta pesquisa, rememoro as minhas primeiras inquietações na elaboração do projeto, referentes ao uso das redes digitais para fins educativos, da imersão e usabilidade dos/as professores/as de Língua Portuguesa nessas ambiências. A partir da criação do meu perfil profissional no Instagram, outros rumos foram tomados, percebi que os docentes não estavam ali para apenas ocupar espaços, mas, em conjunto, com o seu público, compartilhavam seus cotidianos, experiências e participavam ativamente.

Não somente isso, esta pesquisa passou por vários trajetos distintos e algumas mudanças até chegar ao principal objetivo: compreender as práticas interativas de professores/as de Língua Portuguesa na rede digital Instagram. Desde a escolha do método, do campo da pesquisa, seleção dos participantes, dispositivos, até o encontro das noções subsunçoras, precisei ressignificar alguns elementos, extrair informações e acrescentar outras. Nessas idas e voltas, até chegar à estrutura final, vivenciei angústias e inúmeras incertezas quanto ao andamento da investigação.

Após esse longo processo, iniciei a interpretação dos dados, construídos no contexto social das praticantes culturais e das suas atuações em rede. Desse modo, com a pandemia da Covid-19, percebi que o número de perfis profissionais voltados à educação cresceu significativamente, mostrando que tanto professores/as como alunos/as necessitavam de aprendizagens e conhecimentos além dos obtidos nas aulas e propostos nos currículos institucionais. Além disso, muitos docentes aprenderam a utilizar e/ou imergiram às redes no contexto da pandemia, o que suscitou a ausência de formações com as redes nas instituições escolares.

Assim, apesar dessa lacuna ainda existente no cenário educacional, esta pesquisa revela, sobretudo, que os profissionais da educação também atuam fora do contexto das suas instituições de trabalho e os seus etnométodos compartilhados em rede são práticas de ensino e aprendizagem, tais quais as que ocorrem na sala de aula e nos contextos presenciais de ensino. É evidente que o on-line traz algumas especificidades de atuação, como por exemplo, a

compreensão dos diálogos e trocas mútuas no âmbito digital, diferindo da interatividade nos espaços físicos.

Dessa forma, em imersão à netnografia multirreferencial, delineada para o contexto desta pesquisa, por tratar de um estudo realizado em ambiente on-line e pela implicação plural, heterogênea e dialógica entre os praticantes, precisei entender o conceito de interatividade no âmbito da rede digital. Nesse caso, inferi que, no entorno desse cenário virtual, o termo adquire características próprias, como uma instantaneidade nos discursos, a ampla conexão dos sujeitos envolvidos e a autoria de cada um, representada pela expressão, produção e práticas colaborativas no contexto da rede.

Ao compreender esse conceito, no contato direto com as praticantes culturais, nos seus perfis no Instagram e a partir de cada dispositivo utilizado, compreendi que as práticas interativas desenvolvidas por essas docentes ocorrem de diversas formas e necessitam de algumas etapas. Dentre essas, a importância do docente ser reconhecido e alcançar o seu espaço de visibilidade positiva em rede, como forma de ampliar os seus lugares e possibilidades de ensino e de aprendizagem. A imersão do professor em rede também é uma atitude que, conforme evidenciei na minha escrita, potencializa práticas interativas, pois as formas de atuação desses docentes em seus perfis impactam nos seus seguidores e, conseqüentemente, nas maneiras como eles absorvem os conteúdos, dialogam, aprendem e compartilham.

Nessa imersão em rede, para promover a interatividade entre os seus pares, esta pesquisa evidenciou a necessidade de os professores identificarem os interesses de cada seguidor, pelo fato de conhecer as características dos praticantes, direcionar as publicações e os conteúdos compartilhados, a fim de alcançar engajamento e de estimular a presença e, também, a atuação colaborativa do público. Nesse caso, a autoria, participação ativa e implicação do seguidor é tão importante quanto à presença do professor criador e administrador do perfil, pois, nessa relação, os saberes são mobilizados por e para todos os envolvidos.

A presença frequente do docente na realização de publicações, no compartilhamento e criação de conteúdos foi um outro ponto constatado nesta pesquisa para a garantia de interatividade entre os participantes de cada perfil. Essa assiduidade do docente em sua rede requer organização e planejamento, em relação às postagens de cada dia e as informações e/ou discussões que serão pertinentes e repercutidas em seus perfis, por isso, fica evidente a importância em conhecer os interesses de cada público-seguidor. No entanto, essa frequência não é constante, principalmente, porque o perfil profissional não é o único meio de trabalho das

praticantes culturais desta pesquisa e, ainda, como já mencionado, essa recorrência em rede demanda tempo, implicação e organização por parte dos professores

Na imersão aos perfis e na fala das professoras entrevistadas, notei que a utilização dos recursos disponíveis no próprio Instagram também propicia práticas interativas, autorais e de trocas mútuas de conteúdo com os envolvidos. Dentre a aplicabilidade desses recursos da rede, as professoras relataram que os *stories* e todos os recursos relacionados a eles – respostas, enquetes, caixinhas de perguntas, *direct* – e as postagens realizadas no *feed* são as atividades que estimulam o retorno interativo dos seguidores por serem as mais utilizadas cotidianamente entre eles.

Constatei, dessa forma, que, com os perfis profissionais ativos em rede, as professoras oferecem subsídios e partilham os seus etnométodos, mas é o público-seguir que contorna o seu próprio percurso, sejam alunos como forma de aprendizado e/ou outros docentes, pois buscam conteúdos e também compartilham as suas experiências, formando, assim, redes de docência. Portanto, entendo que, por meio das redes ou de qualquer outra interface da internet, cada seguidor pode se expressar individualmente ou de maneira social, no sentido de manifestar as suas culturas e interesses.

O seguidor, na imersão de um perfil profissional voltado à educação, não é o único aprendente, pois o professor, na rede, forma e também se forma. Ou seja, percebi que o docente só é autor da sua rede, na implicação e contato com o outro, na forma como interage e cria os seus etnométodos. Nesse ponto, não tomo apenas o exemplo das praticantes culturais desta pesquisa, mas a forma como, na imersão do perfil profissional, aprendo, a todo momento, com educandos e outros professores, vivenciando, com eles, práticas integrativas e propostas inovadoras.

Ainda sobre as práticas desses professores em rede, no processo de mapeamento dos perfis profissionais, notei que eles não são docentes de educação on-line, nem da modalidade de educação a distância, são professores comuns que fazem da rede um espaço interativo para educar, aprender e trabalhar pedagogicamente. As praticantes culturais desta pesquisa são professoras imersas na cibercultura, que já interagiam na rede antes de ensinar e de ter um perfil profissional e, hoje, fazem do perfil do Instagram uma extensão da sala de aula, assim como tantas outras profissionais.

No percurso desta pesquisa, alguns pontos importantes precisaram ser sinalizados. A princípio, defender a ideia de que esta investigação não se atenta somente a rede Instagram, mas a aplicabilidade das relações na cibercultura, o que se realiza em qualquer outra rede, pois,

essa pesquisa foi delineada no Instagram, mas poderia se desenvolver no Twitter ou TikTok, por exemplo, porém outros movimentos poderiam ser identificados/compreendidos, pois são espaços distintos, com recursos, pessoas e resultados diferentes. De modo geral, a intenção foi compreender a interatividade dos professores de Língua Portuguesa presentes, também, nessas outras redes.

Outro fato ocorrido foi, ao mapear os perfis, perceber que as páginas na rede de profissionais com muito alcance e grandes números de seguidores prejudicavam o grau de interatividade, pois, tornaria impossível o professor administrador desse perfil realizar trocas e diálogos constantes com os seus seguidores, por isso, os perfis selecionados para esta pesquisa foram menores e, de fato, relacionados aos seus seguidores, até porque, para essas professoras, o mais importante não é o quantitativo de quem lhe segue, mas a qualidade desses seguidores e do envolvimento com os seus conteúdos.

Além disso, utilizo os elementos finais desse texto para afirmar que alguns conceitos utilizados pelas professoras durante as entrevistas estão, em alguns momentos, relacionados ao seu dia a dia e às suas práticas. No entanto, por vezes, são semelhantes e, no caso mencionado por elas, possuem os mesmos sentidos dos termos literários adotados nesta pesquisa, como, por exemplo, na diferença entre os termos interação e interatividade, comentadas no texto.

Enfim, após esses acontecimentos da pesquisa, ocorridos durante o percurso metodológico, com o encontro das noções subsunçoras, a partir da interpretação de cada umas delas, constatei que a imersão e atuação de professores/as de Língua Portuguesa propiciam práticas interativas frequentes com o seu público-seguidor em rede. Além disso, as experiências (com)partilhadas por esses docentes contribuem para a inserção das redes digitais no cenário educacional, possibilitando aprendizagens e saberes que podem e, de fato, são produzidos e potencializados dentro e fora dos espaços da sala de aula e dos contextos presenciais de ensino.

Nessa perspectiva, a imersão nesta pesquisa fez-me compreender, ainda, que, para transformar os modelos educacionais nos quais a sociedade ainda vivencia, é necessário imergir e aprender a dialogar com os avanços e desafios contemporâneos. Para tanto, há formas abertas e disponíveis para repensar as comunicações e metodologias utilizadas nos ambientes de ensino, como no caso dos perfis em redes digitais.

Assim, finalizo esta pesquisa com o sentimento de que, mesmo diante desses resultados evidenciados, permaneço com algumas (in)conclusões, talvez pela limitação do tempo para conclusão do estudo ou por ser algo que precisa ser retomado e aperfeiçoado em outros momentos da minha trajetória acadêmica. Portanto, concluo que, embora tendo atingido o

objetivo geral desta investigação, outros questionamentos, lacunas e incompreensões também surgiram no seu decorrer.

No entanto, os achados constituídos nesta pesquisa fizeram-me refletir que a formação de redes em ambiências digitais, falando aqui em educação, possibilitam práticas emancipadoras, a produção e compartilhamento de saberes. Sendo assim, esta investigação não impactou somente a minha formação profissional, enquanto professora de Língua Portuguesa da educação básica e pesquisadora dos fenômenos educacionais e suas relações com as tecnologias digitais, mas, sobretudo, humanamente, pela implicação e formação de redes ativas e colaborativas com o outro, vivenciadas nessa itinerância.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). **Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 13-38.

ALVES, Nilda *et. al.* Imagens, sons e narrativas: criar conhecimento e formar docentes. **Educação em Foco**: Juiz de Fora, v. 25, n. 2, p. 223-246, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/30438>. Acesso em: 08 jun. 2021.

AMIEL, Tel; SOARES, Tiago. O contexto da abertura: recursos educacionais abertos, cibercultura e suas tensões. **Em Aberto**: Brasília, v. 28, n. 94, p. 109-122, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3057/2792>. Acesso em: 05 out. 2021.

ARAGÃO, Carla; BRUNET, Karla Schuch; PRETTO, Nelson De Lucca. Hackear a educação por dentro. **Perspectiva**: Florianópolis, v. 39, n. 3, p. 01-17, jul./set. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/73348/47059>. Acesso em: 05 out. 2021.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves. (org). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EDUFSCar, 1998. p. 24-41.

ARDOINO, Jacques. Dialogue à plusieurs voies: à propos du sujet. In: ARDOINO, Jacques. **Le directeur et l'intelligence de l'organisation**: repères et notes de lecture. Ivry: ANDESI, 1995. p. 7-9.

ARDOINO, Jacques. **Para uma pedagogia socialista**. Brasília: Editora Plano, 2003.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro, 2007.

BARTIRA, Lilian Santos Silva; AZEVEDO, Carla de Aragão; PRETTO, Nelson de Lucca. Relatório Macbride: Releitura à luz de ameaças ao direito à comunicação nas plataformas digitais. **Âmbitos**: Sevilla, n. 51, p. 62-78, 2021. Disponível em: <https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/104667/Relato%CC%81rio%20Macbride.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 out. 2021.

BAUER, Martin; GASKELL, George. (org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL. Ofício Circular nº 2/2021. **Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual**. Brasília – DF, 2021. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf. Acesso: 22 jul. 2022.

BRIGIDO, Jéssica. **@midiasnoensino**: uma proposta de uso do Instagram como ferramenta educacional para o ensino superior. 2019. 212 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) – Programa de Pós-graduação Criatividade e Inovação em Metodologias do Ensino Superior, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

CAMPOS, Nathielly de Souza *et al.* Lições aprendidas em uma experiência de utilização do Facebook como arquitetura pedagógica de apoio a um curso em regime *Blended Course*. **Revista Augustus**: Rio Janeiro, v. 17, n. 34, p. 75-93, jul. 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

COUTO, Edvaldo de Souza. Educação e redes sociais digitais: privacidade, intimidade inventada e incitação à visibilidade. **Em Aberto**. Brasília, v. 28, n. 94, p. 51-61, jul./dez. 2015.

COUTO, Edvaldo. Ler e escrever em telas: fascínio e tédio nas textualidades compartilhadas. *In*: PORTO, Cristiane (org.). **O livro na cibercultura**. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2019, p. 81-96.

D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online**: conceitos e métodos. Salvador: Edufba, 2020.

DE SOUZA, Joana Dourado França; COUTO, Edvaldo Souza; BONILLA, Maria Helena Bonilla. Entre a efemeridade das stories e a memória da escola. **Revista Teias**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 53, abr./jun. 2018.

DE SOUZA, Joana Dourado França. **Registrar, compartilhar, autodestruir**: pedagogias e modos de ser no Instagram Stories. 2018. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

FANTIN, Monica. O lugar da formação e mediação nas literacias e competências midiáticas de crianças e jovens estudantes. **Revista Tempos e Espaços em Educação**: São Cristóvão, v. 13, n. 32, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/14226> Acesso em: 5 out. 2021.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2009.

FRAGA, Giulia Andione Rebouças. **Viver e compartilhar fotografias de crianças no Instagram**. 2019. 211 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOBBI, Maria Cristina; BERNARDINI, Gleice. Interatividade: um conceito além da internet. **Revista GEMInIS**, São Carlos, v. 4, n. 2, p. 42-56, dez. 2013.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 5. ed. Campinas: Editora Alínea, 2011.

HAMMERSLEY, Martyn. **Whats wrong with ethography?** Methodological explorations. London: Routledge, 1992.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KAUFMAN, Dora; SANTAELLA, Lúcia. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-10, jan./dez. 2020.

KENSKI, Vani Moreira. Cultura digital. In: MILL, Daniel (org.). **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas: Papirus, 2018. p. 139-144.

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEMOS, André. **A tecnologia é um vírus**: pandemia e cultura digital. Porto Alegre: Sulina, 2021a.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEMOS, André. Dataficação da vida. **Civitas**: Revista de Ciências Sociais. Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 193-202, maio/ago. 2021b. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/issue/view/1497?fbclid=IwAR0sfMvXeLBKl5mudqtgHaLUptbn_yDeB2mItROasgtvjhQ3SAOIWA-0mdE. Acesso em: 04 out. 2021.

LEMOS, André. Desafios Atuais da Cibercultura. In: **Jornal Correio do Povo**, Caderno de Sábado, Porto Alegre, 2019.

LEMOS, André. Plataformas, dataficação e performatividade algorítmica (PDPA): Desafios atuais da cibercultura. In: PRATA, Nair; PESSOA, Sonia C. (org.) **Fluxos Comunicacionais e Crise da Democracia**. São Paulo: Intercom, p. 117-126, 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LUCENA, Simone. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. **Educar em Revista**. Curitiba, v.32, n. 59, p. 277-290, jan./mar. 2016.

LUCENA, Simone. Da televisão analógica aos canais do YouTube na internet: outras formas de produzir e compartilhar. **Revista Docência e Cibercultura**. Rio de Janeiro, v. 2 n. 2, p.

31-50, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/32529>. Acesso em: 23 set. 2021.

LUCENA, Simone. **Possibilidades para educação em rede com a TV Digital no Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

LUCENA, Simone; SANTOS, Edméa. APP-DIÁRIO na formação de pesquisadores em Programa de Pós-Graduação em Educação. **Educação Unisinos**. São Leopoldo, v. 23, n. 4, p. 658-671, out./dez. 2019.

LUCENA, Simone. **Um estudo sobre a interatividade nos ambientes virtuais da internet e sua relação com a educação: o caso da ALLTV**. 2004. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. Atos de currículo: uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de práticas curriculares. **Currículo sem Fronteiras**: Salvador, v. 13, n. 3, p. 427-435, 2013. Disponível em: <https://formacce.ufba.br/atos-de-curriculos-uma-incessante-atividade-etnometodica-e-fonte-de-analise-de-praticas-curriculares>. Acesso em: 12 jul. 2022.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa formação**. Brasília: Líber Livro, 2010

MACEDO, Roberto Sidnei; GUERRA, Denise. Instituintes Culturais da Experiência Curricular-Formativa: Bases Teóricas para um Etnocurrículo. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. São Cristóvão, v. 9, n. 18, p. 35-44, jan./abr. 2016.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARTINS, João Batista. Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais. **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, n. 26, p. 85-95, 2004.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MOROSINI, Marília; KOHLS-SANTOS, Pricila; BITTENCOURT, Zoraia. **Estado do Conhecimento**. Curitiba: Editora CRV, 2021.

MOURA, Josivan dos Santos; VIANA Lindiney Reis. O “Bom uso das tecnologias digitais”: contextualização a partir das trajetórias de constatações e perplexidades na Educação de Sergipe. In: SCHNEIDER, Henrique Nou; SANTOS, Vinícius Silva; CARVALHO, Geovânia Nunes de Carvalho. (org.). **Como fazer o bom uso das tecnologias digitais**. São Cristóvão: Editora Oxente, 2020. p 110-135.

NÓVOA, Antonio. Relação escola-sociedade: novas respostas para um velho problema. In: SERBINO, Raquel Volpato *et. al.* (org.). **Formação de professores**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

OLIVEIRA, Bruna Santana de. “**Aqui em casa, com o tablet e videogame, eu sempre aprendo um montão de coisas**”: atos de currículo brincantes nas práticas das culturas infantis com as tecnologias digitais. 2020. 232 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2020.

PEREIRA, Socorro Aparecida Cabral. **Formação e educação online para o desenvolvimento profissional na iniciação à docência**: uma pesquisa-formação na cibercultura. 2019. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

PORTO, Cristiane; NASCIMENTO, Cleon Menezes do; ALVES, André Luiz. Da Imersão à Interação: o jogo como interface de aprendizagem da ciência no ensino médio. In: LUCENA, Simone; NASCIMENTO, Marilene Batista da Cruz; BOA SORTE, Paulo. (org.). **Espaços de aprendizagem em redes colaborativas na era da mobilidade**. Aracaju: Editora Universitária Tiradentes, 2020, p. 50-69.

PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. **Processos Formativos e aprendizagens na cibercultura**: experiências com dispositivos móveis. Aracaju: EDUNIT, 2020.

PRETTO, Nelson de Luca. Redes colaborativas, ética hacker e educação. **Revista em Educação**, Belo Horizonte, v. 26, n. 03, p. 305-316, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a15.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2021.

PRETTO, Nelson De Luca. **Reflexões**: ativismo, redes sociais e educação. Salvador: EDUFBA, 2013.

PRIMO, Alex. **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulinas, 2016.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marcos; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Revista Verso e Reverso**. São Leopoldo, v. 28, n. 68, p. 114-124, maio/ago. 2014.

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais online**. Salvador: EDUFBA, 2017.

RECUERO, Raquel. Mídia social, plataforma digital, site de rede social ou rede social? Não é tudo a mesma coisa? **Medium**, 2019.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes. **A sala de aula no contexto da cibercultura:** formação docente e discente em atos de currículo. 2015. 209 f. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de; SANTOS, Rosemary dos. Ambiências híbridas-formativas na educação online: desafios e potencialidades em tempos de cibercultura. **Revista Docência e Cibercultura:** Rio de Janeiro, v.2, n.1, p. 1-13, jan./abr. 2018.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação Ubíqua - Repercussões na cultura e na educação.** São Paulo: Editora Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano:** da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Intersubjetividade nas redes digitais:** repercussões na educação. In: PRIMO, Alex. (org). *Interações em rede.* Porto Alegre: Sulinas, 2016. p. 33-47.

SANTANA, Camila Lima Santana e. **Visibilidade mediada:** estratégias e ações docentes no Twitter. 2014. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SANTOS, Edméa. Aprender em rede: notas multirreferenciais na cibercultura. In: TORRES, Patrícia Lupion. (org.). **Ciência, inovação e ética:** tecendo redes e conexões para a produção do conhecimento. Curitiba: SENAR AR-PR, 2021. p. 173-189.

SANTOS, Edméa. CAPUTO, Stela Guedes. **Diário de pesquisa na cibercultura:** narrativas mutirreferenciais com os cotidianos. Rio de Janeiro. Omodê, 2018.

SANTOS, Edméa. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos. **Revista Docência e Cibercultura.** Online. ISSN: 2594-9004, ago. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura.** Santo Tirso: Whitebooks, 2019.

SANTOS, Rosemary Santos; SANTOS, Edméa. Cibercultura: redes educativas e práticas cotidianas. **Revista eletrônica pesquiseduc:** Santos, v. 4, n. 7, p. 159–183, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/226>. Acesso em: 9 ago. 2022.

SANTOS, Sandra Virginia Correia de Andrade. **Col@b formacional com as culturas digitais:** tecendo redes docentes interativas e colaborativas. 2021. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

SANTOS, Vinícius Silva; SANTOS, Jacques Fernandes. Culturas juvenis, contingência e dependência digital: apontamentos para fazer bom uso das TDIC. In: SCHNEIDER, Henrique Nou; SANTOS, Vinícius Silva; CARVALHO, Geovânia Nunes de Carvalho (org.) **Como fazer o bom uso das tecnologias digitais.** São Cristóvão: Editora Oxente, 2020. p 32-47.

SÁ, Simone P. **O Samba em rede** – comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Lilian Bartira Santos; ARAGÃO, Carla Azevedo de; PRETTO, Nelson De Luca. Relatório Macbride: Releitura à luz de ameaças ao direito à comunicação nas plataformas digitais. **Ámbitos Revista Internacional de Comunicación**, n. 51, p.79-96, 2021. Disponível em: <https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/104667/Relato%CC%81rio%20Macbride.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 set. 2021.

SILVA, Marco. Interação e interatividade: sugestões para docência na cibercultura. In: PORTO, Cristiane *et al.* (org.). **Pesquisa e mobilidade na cibercultura**: itinerâncias docentes. Salvador: EDUFBA, 2015, v. 1, p. 45-64.

SILVA, Marco. Interatividade na educação híbrida. In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa; SAMPAIO, Fábio. (org.). **Informática na educação**: interatividade, metodologias e redes. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. (Série Informática na Educação, v.3). Disponível em: <https://ieducacao.ceie-br.org/interatividade>. Acesso em: 24 set. 2021.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

SILVA, Marco; SANTOS, Edméa. A pedagogia da transmissão e a sala de aula interativa. In: TORRES, Patrícia Lupion (org.). **Ciência, inovação e ética**: tecendo redes e conexões para a produção do conhecimento. Curitiba: SENAR AR-PR, 2021. p. 67-68. Disponível em: <https://www.agrinho.com.br/material-professor/materiais-metodologicos>. Acesso em: 23 set. 2021.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Tudo sobre tod@s**: redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

SOUZA, Joseilda Sampaio de. **Brincar em tempos de tecnologias digitais móveis**. 2019. 471 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, 2000, n. 13, p. 5-24.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGED)****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE****REDE SOCIAL DIGITAL E EDUCAÇÃO: potencialidades interativas dos perfis de professores de Língua Portuguesa no Instagram****Prezado(a) docente:**

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa acima citada, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, tendo como principal objetivo compreender as potencialidades interativas dos perfis de professores de Língua Portuguesa na rede social digital Instagram.

O motivo para o desenvolvimento desta pesquisa refere-se a alta quantidade de professores de Língua Portuguesa que estão imersos na rede social Instagram. Esse aumento de perfis profissionais na rede relaciona-se aos avanços dos dispositivos móveis e dos aplicativos de conexão digital, que estão sendo facilmente acessados em diversos contextos e, também, introduzidos aos setores educacionais.

Sua participação no presente estudo tem o intuito de analisar, diariamente, as publicações do seu perfil profissional no Instagram, bem como as suas ações nesse ambiente digital. Além disso, busca-se verificar as suas experiências com o Instagram, as potencialidades interatividades e as relações com as práticas educativas de Língua Portuguesa. O método de interpretação de dados que será utilizado refere-se a uma entrevista, em formato de conversa informal, que será realizada por videoconferência ou gravação em áudio, devido aos protocolos de distanciamento social ainda vigentes para combate da pandemia da Covid-19.

Este encontro será realizado apenas uma vez, conforme a sua disponibilidade, pela plataforma Conferência Web da Rede Nacional de Pesquisa, no seguinte endereço: <https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/ecult-pged-ufs>. Com a sua permissão, toda a conversa será gravada, utilizando um gravador digital. Caso deseje, essa gravação poderá ser interrompida a qualquer momento e não há a obrigatoriedade de responder todas as perguntas da entrevista nem a necessidade de explicá-las ou justificá-las. Além disso, todos os documentos de registro, bem como este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), serão enviados para o seu e-mail para a realização do download e posse de toda a documentação referente a esta pesquisa.

A Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, em suas diretrizes e normas para pesquisa com seres humanos indica que “toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados”. Diante desse aspecto é necessário avaliarmos riscos e benefícios deste estudo.

A partir de entrevista, podem ser apontados alguns incômodos ou outros transtornos aos participantes. Como a pesquisa está relacionada à área de Ciências Humanas e acontecerá em um ambiente digital, os eventuais riscos que podem ocorrer ao(a) entrevistado(a) referem-se a desconfortos e incômodos na participação da pesquisa, algum tipo de constrangimento ao responder perguntas da entrevista ou receio quanto à exposição e/ou divulgação de dados, identidade e privacidade.

Desse modo, a pesquisadora adotará algumas providências e cautelas, tais como, se responsabilizará em auxiliar os(as) participantes para minimização e proteção de quaisquer riscos durante toda a entrevista, assegurando a confidencialidade e a privacidade e garantindo ao(a) participante uma abordagem cautelosa quanto aos dados fornecidos. O(a) participante que se sentir incomodado(a) com alguma pergunta, poderá optar por não a responder e até mesmo desistir de participar do presente estudo, sem penalização alguma. O seu nome será mantido em sigilo, garantindo a privacidade e, caso deseje, terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos sobre os estudos dessa pesquisa. Além disso, para se preservar o anonimato nos dados da pesquisa, depois de coletados, não será mais possível retirar as informações perpassadas pelo participante.

Como a pesquisa é de cunho social, pode trazer benefícios, tais como o reconhecimento do trabalho dos professores que atuam na rede social digital Instagram, bem como demonstrar que é possível educar por meio de tecnologias digitais e/ou das suas redes sociais digitais.

As informações coletadas serão usadas, única e exclusivamente para finalidade desta pesquisa e os resultados serão publicados. Após a coleta dos dados, será feito o *download* de toda a entrevista para um dispositivo eletrônico, apagando todo e qualquer registro do ambiente virtual. Para garantir maior confidencialidade, todos os registros serão identificados por códigos, números ou nomes fictícios, gerando a impossibilidade da revelação das identidades. É de responsabilidade da pesquisadora garantir, também, o zelo pelo sigilo dos dados fornecidos e pela guarda adequada das informações coletadas.

Os indivíduos não terão despesa alguma decorrente de sua participação na pesquisa e poderá deixar de participar a qualquer momento sem precisar justificar e não sofrerá nenhuma punição, também não haverá nenhum valor econômico a receber ou a pagar pela sua participação, pois todo o custeio direto e indireto referente à pesquisa é de responsabilidade da pesquisadora. Em caso de algum dano comprovado decorrente da sua participação nesta pesquisa, poderá ser recompensado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisa não envolve experimentos e serão obedecidos todos os preceitos éticos estabelecidos na Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Em caso de dúvidas, entrar em contato com Nayara Evellyn Santos Fontes, pesquisadora responsável pela pesquisa, cujas formas de contatos estão registradas ao fim desse termo. O(A) participante também tem o direito de entrar em contato com o CEP, que tem como uma de suas funções a proteção dos participantes das pesquisas envolvendo seres humanos, bem como a avaliação e o acompanhamento dos aspectos éticos referentes à pesquisa em andamento. Os meios de contato do referido CEP também estão expostos no fim desse termo, para consulta de dúvidas, reclamações ou denúncias.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, o participante terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954): A Resolução CNS Nº 466 de 2012 (item IV.3) define que “os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito à indenização, por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa” (item V.7).

Ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você ficará com uma via rubricada em todas as páginas e assinada pela pesquisadora responsável.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto pela pesquisadora, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas. Declaro que obtive todas as informações necessárias e esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas sobre a condução dos trabalhos, e estou ciente que:

Temos a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejarmos, sem necessidade de qualquer explicação;

- ✓ A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico;
- ✓ Os resultados obtidos durante esta pesquisa serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;
- ✓ Caso danos de natureza moral ou intelectual sejam causados, os participantes têm direito a reparação por parte dos pesquisadores, determinados por dispositivos legais estipulados pela lei
- ✓ A presente pesquisa já foi analisada e aprovada pelo Conselho de Ética em pesquisa com seres humanos;
- ✓ Não receberemos qualquer remuneração para participar da pesquisa, e também não teremos nenhum gasto.

São Cristóvão/SE, _____, _____ de 2022.

Assinatura do participante: _____

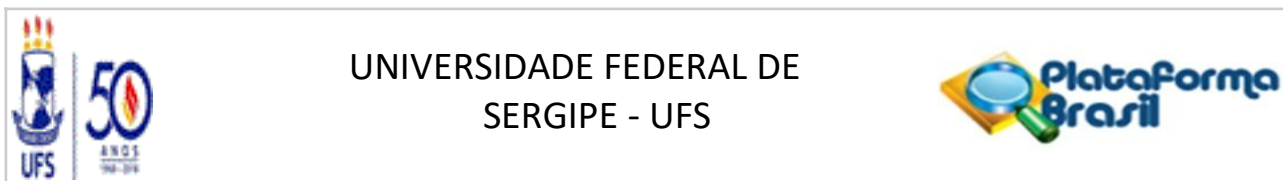
Nayara Evellyn Santos Fontes
 Pesquisadora

CONTATOS:

Pesquisadora responsável: Nayara Evellyn Santos Fontes
E-mail: nayaraevellyn14@gmail.com / Tel.: (79) 99906-6215

Orientadora (PPGED/UFS): Profa. Dra. Simone de Lucena Ferreira
E-mail: slucen@yahoo.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa Universidade Federal de Sergipe
 Endereço: Rua Cláudio Batista, s/nº Bairro: Sanatório, Aracaju, CEP: 49.060-110,
 Contato por e-mail: cep@academico.ufs.br
 Telefone e horários para contatos: (79) 3194-7208 – Segunda a Sexta-feira das 07 às 12h.

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DE APROVAÇÃO DO CEP**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: REDE SOCIAL DIGITAL E EDUCAÇÃO: potencialidades interativas dos perfis de professores de Língua Portuguesa no Instagram

Pesquisador: NAYARA EVELLYN SANTOS FONTES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 52691721.5.0000.5546

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.245.998

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos “Apresentação do Projeto”, “Objetivo da Pesquisa” e “Avaliação dos Riscos e Benefícios” foram retiradas do arquivo “Informações Básicas da Pesquisa” (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1837747.pdf, postado em 11/01/2022).

Introdução:

Nas culturas contemporâneas, há uma multiplicidade de práticas comunicativas aplicadas às esferas sociais, sejam elas em formatos orais, escritos, visuais e/ou digitais. A disseminação dessas diversas linguagens nos contextos sociais está bastante relacionada ao avanço das tecnologias digitais, que implica em produções culturais, em práticas subjetivas de sujeitos conectados e configura o processo comunicativo do digital em rede. Esses avanços tecnológicos renovam as formas de comunicação, de relação, modificam as ações cotidianas e a maneira de viver em sociedade. A imersão dos dispositivos móveis, a popularização de aplicativos e de redes sociais, que circulam as ambiências digitais, também vem favorecendo as práticas socioculturais e a mobilidade entre os espaços físico e virtual. Nas últimas décadas, as redes sociais digitais são exemplos de interfaces abertas que emergem e possibilitam potenciais comunicativos pautados na pluralidade, na expressão de opiniões, na participação ativa e no contato instantâneo e interativo com o outro. Nessas redes, há a possibilidade de os praticantes

Considerações Finais a critério do CEP:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1837747.pdf	11/01/2022 18:55:32		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	_Brochura_Nayara_.docx	11/01/2022 18:40:56	NAYARA EVELLYN SANTOS FONTES	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA.doc	11/01/2022 18:37:33	NAYARA EVELLYN SANTOS FONTES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Nayara_Evellyn.docx	11/01/2022 18:33:32	NAYARA EVELLYN SANTOS FONTES	Aceito
Outros	TERMO_DE_AUTORIZACAO.docx	15/10/2021 21:23:55	NAYARA EVELLYN SANTOS FONTES	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_PARA_UTILIZACAO_DE_DADOS.docx	15/10/2021 21:20:25	NAYARA EVELLYN SANTOS FONTES	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso_e_confidencialidade.docx	15/10/2021 21:05:32	NAYARA EVELLYN SANTOS FONTES	Aceito
Outros	termo_de_anuencia.pdf	15/10/2021 21:02:57	NAYARA EVELLYN SANTOS FONTES	Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	15/10/2021 20:56:44	NAYARA EVELLYN SANTOS FONTES	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	15/10/2021 20:54:39	NAYARA EVELLYN SANTOS FONTES	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	15/10/2021 20:51:48	NAYARA EVELLYN SANTOS FONTES	Aceito

- De acordo Com as Res. 466/2012 e 510/2016 do CNS/CONEP/MS, o pesquisador deverá apresentar os relatórios parciais e final da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARACAJU, 16 de Fevereiro de 2022

Assinado por: FRANCISCO DE ASSIS PEREIRA

(Coordenador(a))

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGED) MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Pesquisa: REDE DIGITAL E EDUCAÇÃO: potencialidades interativas nos perfis de professores de Língua Portuguesa

Mestranda: Nayara Evellyn Santos Fontes

Orientadora: Simone Lucena

Previsão de duração: 1 encontro – 1h

DADOS DO PARTICIPANTE	
Identificação:	
Perfil no Instagram:	
Telefone:	E-mail:

MOMENTO 1 – Rede digital Instagram

- Quando você criou o seu perfil profissional no Instagram? O que te motivou a essa criação?
- Quais as suas principais atividades no Instagram e qual a sua frequência de publicação na rede?
- A partir da sua atuação na rede, como você define o perfil ou os principais perfis dos seguidores (são professores, alunos da educação básica, mestrandos, doutorandos, etc.)?
- Qual o lugar que as redes sociais, sobretudo o Instagram, ocupa hoje no contexto da educação?

MOMENTO 2 – Interatividade

- Com o seu uso na rede, você percebe que os seguidores têm a liberdade de intervir em suas publicações, modificá-las e serem coautores do seu perfil?
- No seu ponto de vista, o que é necessário para potencializar a interatividade e/ou práticas interativas com os seus seguidores no Instagram?

- Quais são os maiores impasses para conseguir diálogo, um contato mais próximo e recorrente com os seus seguidores? (falar de alcance, engajamento e interatividade)
- A partir de qual recurso/funcionalidade do Instagram você mais consegue interagir com os seus seguidores?
- Qual tempo, em média, você interage diariamente com seus seguidores?
- O que você mais compartilha em sua rede para os seus seguidores?

MOMENTO 3 – Ensino de Língua Portuguesa

- Você consegue aprender e/ou ensinar por meio do seu perfil?
- Para você, é importante que os professores estejam imersos no Instagram? Por quê?
- Qual mensagem você deixaria para que os professores pudessem estar cada vez mais imersos nas redes? E qual a contribuição da publicação desses cotidianos docentes nas redes para o ensino de Língua Portuguesa?
- O que o Instagram tem a contribuir com a educação?

MOMENTO 4 – Caráter ético da pesquisa

- Em algum momento do seu uso na rede, você precisou ter algum tipo de cautela? Qual(is)?
- Você prefere que o ig do seu perfil seja identificado por seu nome real ou por algum pseudônimo?

APÊNDICE C – MAPA SEMÂNTICO DA PESQUISA

MAPA SEMÂNTICO	
TÍTULO	REDE DIGITAL E EDUCAÇÃO: práticas interativas nos perfis de professores/a de Língua Portuguesa
QUESTÃO DE PESQUISA	Como a interatividade está presente nos perfis de professores/as de Língua Portuguesa na rede digital Instagram?
OBJETIVO GERAL	Compreender as práticas interativas nos perfis de professores/as de Língua Portuguesa na rede digital Instagram
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	• Mapear perfis de professores/as de Língua Portuguesa no Instagram; • Entender o conceito de interatividade no contexto da rede digital; • Identificar as práticas interativas nos perfis de professores/as de Língua Portuguesa
NOÇÕES SUBSUNÇORAS	1. #VisibilidadeDocente 2. #CiberProfessora: imersão docente em rede 3. #Interatividade: (com)partilhando etnométodos em rede

APÊNDICE D – PRATICANTES CULTURAIS DA PESQUISA

DIMENSÃO DE ATUAÇÃO	NOME	USUÁRIO
REDAÇÃO	Letícia Santos	@profaleticiasantos
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	Deyse Marques	@eiprofa.deyse
EMPREENDEDOR	Camila Queiroz	@professoracamilaqueiroz
LÍNGUA PORTUGUESA	Viviane Novais	@profavivianenovais
GRAMÁTICA	Nayara Cardoso	@prof_nah_cardoso